

- MALDONADO, S.C. 1989. A caminho das pedras: percepção e utilização do espaço na pesca simples. ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E O MAR NO BRASIL, 3. São Paulo, Programa de Áreas Úmidas/Universidade de São Paulo: 29-36.
- MELLO, A.F. 1993. Pescadores da indústria: o complexo de Icoaracy. In: FURTADO, L.G.; LEITÃO, W. & MELLO, A.F. (orgs.). *Povos das águas: Realidade e perspectivas na Amazônia*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p.83-99. (Coleção Eduardo Galvão).
- MELLO, A.F. 1994. Capitalismo, pesca e empobrecimento na Amazônia: a contraface da modernização. In: D'INCAO, M.A. & SILVEIRA, I.M. *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 473-489. (Coleção Eduardo Galvão).
- MOTTA-MAUÉS, M.A. 1984. A literatura oficial sobre a pesca na Amazônia: uma tentativa de revisão crítica. SEMINÁRIO SOBRE PESCA ARTESANAL, 1. *Anais*. Belém, IDESP:103-129.
- SUDEPE. 1974. *Documento básico do PESCART*. Brasília, 70p.
- SUDEPE. 1988. *O setor pesqueiro no Pará - Diagnóstico*. Belém, Coordenadoria Regional no Pará e Amapá, 82p.

Recebido em: 26.06.95  
Aprovado em: 13.05.96

## TRAÇOS DA TECNOLOGIA PESQUEIRA DE UMA ÁREA DE PESCA TRADICIONAL NA AMAZÔNIA - ZONA DO SALGADO - PARÁ

Arian da Costa Nery<sup>1</sup>

*RESUMO* - Os estudos referentes ao domínio pesqueiro na Amazônia, ainda se configuram num campo pouco explorado, pelo menos a nível antropológico, envolvendo uma população que depende dessa atividade e da qual flui o pescado que abastece os grandes centros urbanos. Este artigo objetiva enfatizar os artefatos que são utilizados pelos pescadores do litoral do Pará na orla marítima do município de Marapanim.

Nessa linha, descreve-se um conjunto de artefatos que compõem a tecnologia dos pescadores que habitam a costa marítima desse município do Estado do Pará, na Zona do Salgado. O registro, a descrição e a divulgação desse material referente à cultura desse segmento populacional, visa a apresentar uma tecnologia que se tem mostrado eficaz na própria subsistência e no abastecimento de peixe para o mercado dos centros da região.

A região inclusiva vem sendo atingida pela expansão do setor agropecuário de caráter empresarial gerando a ocupação das vastas áreas originalmente recobertas por vegetação secundária, comumente chamada de capoeira. Com isso, há praticamente um extermínio de espécies geradoras de matéria-prima, tradicionalmente utilizadas na confecção dos artefatos pesqueiros. Conseqüentemente, faz seguir um desequilíbrio na relação homem-meio.

Os dados aqui apresentados foram coletados no período de 1976 a 1983 nas principais vilas e povoados da citada área, como Sauaá, Tamaruteua, Praia do Anjo, Camará e Marudá, através da observação participante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia pesqueira, Pesca artesanal, Amazônia, Zona do Salgado.

*ABSTRACT* - The study of Amazon fishing from an anthropological point of view is a relatively unexplored academic field. The Amazon fishing industry is a major employer and responsible for much of the animal protein supply of the region's urban centers. This article describes the fishing gear used in the municipality of Marapanim on the coast of the state of Pará.

<sup>1</sup> PR-MCT/CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi, Deptº de Ciências Humanas, Pesquisador. Caixa Postal 399, CEP 66040-170 Belém-PA.

*Fishing instruments employed in the Salgado area, which, is located in a coastal marine environment, are described from an anthropological point of view. The material aspects of fishing are viewed in light of providing fish subsistence purposes and for regional markets.*

*Large-scale ranching in the region is resulting in deforestation and the expansion of secondary growth, called capoeira. This ranching activity appears to be threatening the supply of raw materials traditionally used to make fishing equipment. An imbalance between man and environment is suggested.*

*The data presented herein were collected in the principal towns and villages: Sauaá, Tamaruteua, Praia do Anjo, Camará and Marudá. Field observations began in 1976 with a study of the organization and change of fishing along the coast of Pará.*

KEY WORDS: Fishing technology, Artisanal fishing, Amazonia, Region of Salgado.

## INTRODUÇÃO

A pesca na Amazônia, não obstante os estudos que vêm sendo realizados por diversos técnicos e estudiosos, ainda se apresenta como um campo pouco explorado, suscitando assim novas incursões em seu contexto que possibilitem o conhecimento de seus vários aspectos.

Esse tema tem sido tratado desde os diagnósticos gerais dessa atividade praticada sobretudo pela população cabocla regional, até aquelas que analisam sua organização social, econômica e política e o processo de mudanças a que está sujeita, sem igualmente esquecer aqueles que abordaram o assunto do ponto de vista histórico e geográfico<sup>2</sup>.

Um dos aspectos que se reveste de grande significação é o que diz respeito ao equipamento tecnológico utilizado pelo pescador no seu processo produtivo, valorizado no presente ensaio e privilegiado como núcleo central de observação e descrição.

A relevância desse aspecto é importante por dois motivos: primeiro porque diz respeito à natureza própria de como são produzidos esses equipamentos de pesca relevante à capacidade criativa do artesão e aos

<sup>2</sup> Mendes (1938), Pinto (1956), Veríssimo (1970), Brito (1975), Santos (1977), Brabo (1978), Salvar (1979), Maciel (1979), Anderson (1979), Furtado (1980), Moisés (1980), Penner (1980), Furtado & Nascimento (1982), Melo (1985) e outros.

recursos naturais de que o mesmo lança mão. Na maioria, os instrumentos de pesca são feitos pelo próprio pescador ou por “especialistas” locais, utilizando matéria-prima original.

Antes da introdução da linha de nylon, as redes de pesca e tarrafas eram feitas com fio de algodão. Após essa inovação, os fios passaram a ser adquiridos em “carros” (carretéis) na praça de Belém. Em ambos os casos as redes são tecidas pelo próprio pescador.

Apesar da industrialização das “malhadeiras” em fio polietileno (plástico), a habilidade dos pescadores não foi descartada, como veremos a seguir.

Os pescadores adquirem os *panos*<sup>3</sup> conforme a dimensão da rede desejada, e em seguida, imprimem o trabalho final de montagem ou *entralhamento*, isto é, colocação dos *entralhes* que consiste na disposição e distribuição das cordas superiores, *bóias e chumbadas*, na parte inferior. Este trabalho de acabamento se baseia na experiência do pescador e na finalidade a que a rede se destina. Uma rede industrializada não vem pronta, por isso é imprescindível a habilidade técnica do pescador, em aplicar os requisitos para que sua rede se torne operativa e lhe ofereça o produto que é responsável pela subsistência.

Em segundo lugar, a preferência por esses instrumentos — se quisermos chamar *trastes* ou *arreios*, termos utilizados pela população pesqueira das regiões do Salgado e Médio Amazonas, respectivamente — ocorre porque a produtividade resultante da pesca artesanal tem sido capaz de atender às necessidades de abastecimento dos núcleos periféricos das zonas produtoras de pescado, não obstante se encontrem no discurso oficial e, principalmente, no da classe empresarial, adjetivos que depreciam essa produtividade e a técnica tradicional e simples, com a qual é conseguida. Da pesca artesanal flui o pescado consumido nas sedes municipais e nas capitais como Belém e Manaus<sup>4</sup>.

É importante registrar instrumentos da pesca artesanal, num momento em que o processo de mudança avança sobre as áreas pesqueiras através da

<sup>3</sup> “Pano” significa uma peça de malha tecida equivalente a 100 metros de comprimento.

<sup>4</sup> Parece não se desconhecer que a pesca industrial toda ou, se não quase toda, é voltada para a exportação através do processamento de peixe e camarão (Penner 1980).

expansão do sistema viário, especulação imobiliária e de projetos agropecuários, ameaçando, por sua vez, os recursos naturais disponíveis, que servem de matéria-prima à confecção de tais implementos.

Na região do Salgado é visível a corrida empresarial ao setor agropecuário, ocupando espaços anteriormente recobertos por densas matas de capoeira que serviam de *locus* fornecedor de matéria-prima para a feitura dos instrumentos de pesca. Aí eram encontrados os cipós utilizados nas armações de “currais”, a madeira para as embarcações, o breu para calafetagem das mesmas, as talas e folhas de palmeiras amplamente utilizadas nas esteiras de curral e cobertura das casas de moradia dos pescadores, a tinta vegetal para tingir panos de vela de canoa, etc.

Esse movimento expansionista, conseqüentemente, vem interferindo na articulação entre o homem da região e o seu meio ambiente imediato, na medida em que devasta as áreas de mata e pressiona os pescadores a buscar a matéria-prima de que necessitam em outras áreas mais distantes, por via indireta, isto é, através de intermediários. Essa ruptura acarreta não só uma pendência ao seccionamento físico entre o homem e seu meio ambiente, mas também lhe atribui, o que é pior, a dependência à rede de intermediação, fomentando, inclusive, a sobrecarga onerosa de suas despesas.

O cipó *titica* (*Heteropsis jenmanii*), por exemplo, em 1976 chegava a Marudá (Oliveira 1968), através de vendedores ambulantes que percorrem as cidades do interior de caminhão fazendo feira aos domingos. Segundo o informante, este cipó estava vindo da região da Rodovia Belém-Brasília; as talas de palmeira marajá (*Bactris marajá*), largamente utilizadas nas armações de currais de pesca, aos poucos vêm sendo substituídas por varas de mangueiro (*Avicenia nitida*). Já se observa uma substituição dessas talas e varas de mangueiro, também, por panos de malhas tecidas com fio polietileno, deixando o pescador numa maior dependência da economia de mercado, abrindo caminho para o abandono de suas técnicas tradicionais.

Estes motivos aqui descritos, relacionados à natureza e importância dos instrumentos artesanais de pesca, orientaram este trabalho, que pretende mostrar o contexto social e geográfico em que são utilizados, sua forma, finalidade, matéria-prima empregada, processos, modos de fazer e uso pelo pescador artesanal do litoral do Estado do Pará, a partir das observações realizadas na orla marítima do município de Marapanim.

É, portanto, com essa intenção que se apresentam aqui, descritivamente, alguns dos instrumentos próprios dessa tecnologia simples e tradicional que tem sido capaz de atender ao abastecimento regional e que se coloca como um dos fatores que contribui para a produção social do pequeno produtor da pesca<sup>5</sup>, ou, em outras palavras, do pescador artesanal da região do Salgado.

A preocupação é mostrar o material com o qual o pescador nativo trabalha e vem trabalhando sucessivamente há muitos anos, empenhado na busca de sua subsistência, feita através do que produz para o consumo e para venda no mercado, e nessa troca, conseqüentemente, abastece os núcleos periféricos (povoados, vilas e cidades no eixo Marudá-Marapanim-Castanhal). Resgatá-lo e divulgá-lo é tarefa que se torna útil, para chamar a atenção para a necessidade de preservação e controle das ações sobre o ecossistema do qual o pescador artesanal faz parte e, ao mesmo tempo, para o resgate das formas tradicionais de produção na área da pesca que servirá como contribuição à memória regional, num momento em que a modernização atinge áreas rurais com maior rapidez, cuja tendência é o atrofamento das formas de vida material e social e das relações homem-meio.

À proporção que essa modernização atinge as áreas de pesca artesanal, verifica-se o lento desaparecimento desse equipamento tecnológico simples, feito com matéria-prima local, e que é substituído por similar de produção industrial, adquirida em Belém, ou nas sedes dos municípios onde estão localizadas essas áreas de pescadores artesanais.

Grande parte dos dados aqui apresentados foram coletados na fase de trabalho de campo da pesquisadora Lourdes Furtado, para sua tese de mestrado em 1976<sup>6</sup>, no município de Marapanim, Zona do Salgado, quando realizamos uma pesquisa sobre organização e mudança na pesca artesanal do litoral do Pará. Agora são mostrados de forma mais específica.

A coleta desse material foi feita segundo a metodologia da *observação participante* complementada com entrevistas, formulários e registro fotográfico e áudio-visual, ressaltando, neste conjunto, informações que traçam um

<sup>5</sup> O termo pequeno produtor é aqui conhecido como o oposto do grande produtor de pesca, representado pelo produtor industrial.

<sup>6</sup> Os primeiros dados encontram-se em “Curralistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará”, 1987.

perfil da *tecnologia pesqueira de uma área amazônica*. Exemplares das peças aqui descritas foram analisadas para as respectivas descrições no próprio local da pesquisa, encontrando-se similares na Reserva Técnica "Curt Nimuendajú" do Departamento de Ciências Humanas no Museu Paraense Emílio Goeldi.

Assim são registradas informações sobre *redes, currais, linhas de pesca, embarcações* e suas variantes, *acessórios* que são imprescindíveis numa pescaria, instrumentos para a feitura de redes e de currais, como *agulhas e bitolas*. Uma apresentação também será feita de outros tipos de instrumentos de pesca, hoje de uso restrito na região.

A área estudada foi a orla marítima do município de Marapanim, que aos poucos foi povoada a partir de *feitorias* de pescadores que se deslocavam do interior do município em temporadas de pesca. O produto era escoado pelas *geleiras* ou *vigilengas* para a capital do Estado do Pará, em geral quinzenalmente. Essa produção parcimoniosamente ganhava incentivo com a ampliação do mercado consumidor. Após a expansão do sistema viário no Estado, Marapanim teve o seu território praticamente cortado por estradas e ramais que colocaram a população em maior contato com o "mundo de fora".

Aos poucos, em lugar das pequenas *feitorias*, foram surgindo povoados que se caracterizavam pela atividade pesqueira como suporte principal da subsistência de seus habitantes. Esse panorama se transformou num colar de vilazinhas que têm na pesca o fulcro de sua atividade econômica, tendo, a lavoura, um caráter complementar.

Sauaá, Tamaruteua, Camará, Praia do Anjo, Marudá, Recreio e Porto Alegre são os pontos principais deste colar. Aí se procedeu à coleta do material aqui apresentado, sendo Marudá a fonte principal de observação e coleta.

Além do autor que conhece a região desde 1942, e sempre teve contato com o material aqui descrito, o trabalho de campo contou com a substancial colaboração dos pescadores locais e suas respectivas famílias, bem como com a contribuição de vários estagiários e técnicos da área de Antropologia do Departamento de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Nossos agradecimentos estendem-se igualmente a Ruben Tavares de Moura, que dedicadamente colaborou na conferência do material trabalhado em campo, durante alguns fins de semana; a Napoleão Figueiredo, pelas alterações sugeridas; ao desenhista Guilherme Paulo Leite e igualmente à Maria de Nazareth Gouveia Grandi, Elzaide Conte e Maria das Graças Santos pelos trabalhos de datilografia e a Ivelise Rodrigues pela revisão do texto.

## ASPECTOS GERAIS DO LITORAL PARAENSE

### 1 - ÁREA GEOGRÁFICA

O litoral paraense perfaz uma extensão de aproximadamente 562km. Aí a riqueza da fauna aquática aglomera-se em virtude dos sedimentos carregados pelas correntes fluviais que a projetam mar adentro.

Na embocadura dos rios que deságuam no Atlântico, forma-se o habitat de desova da fauna ictiológica da costa Nordeste, onde se fazem pescarias, capturando-se as mais variadas espécies de peixes, como a tainha (*Mugil* sp.), pescada amarela (*Cynoscion acoupa*), corimã (*Mugil* sp.), etc., apanhadas com redes malhadeiras e outros tipos de armadilhas.

Na região do nordeste paraense (IBGE 1981 - Sinopse preliminar do censo demográfico: Pará), se insere a área de terras altas, que formam o *divortium aquarium* dos rios Mojuim, Maracanã, Japerica, Quatipuru, Majicua, Caeté, Emboranunga ou Emborai e Piriá, que deságuam no Atlântico, formando viveiros de desova das espécies ictiológicas regionais.

Este é o trecho mais trabalhado, em termos de pesca, há mais de um século. Apesar da depredação que se processou no decorrer dos anos, é incontestavelmente a orla marítima que mais e melhor fornece o pescado à cidade de Belém<sup>7</sup>.

Diversas espécies de peixes são encontradas, dentre as quais o camurim (*Centropomus spp.*), conhecido em outras regiões como robalo; a pescada

<sup>7</sup> Outrora o transporte era feito pelas canoas geleiras. Estas são embarcações com uma vela e bujarrona, com a capacidade para cinco a quinze toneladas de peixes, acondicionados em gelo picado no porão delas. Hoje, com a presença das estradas de rodagem que retalham a região em vários sentidos, alcançando quase todas as vilas e povoados da orla marítima, onde se pratica a pesca, as canoas geleiras já não são tão importantes e freqüentes como outrora.

amarela (*Cynoscium acoupa*), a tainha (*Mugil spp.*), a corvina (*Cynoscium microlepidotus*), o serra (*Sarda sardo*), o xaréu (*Caranx hippos*), a enchova (*Pomatomus saltatrix*), a pirapema (*Tarpon atlanticus*), o mero (*Epinephelus itajara*) o parú (*Pepolus paru*) (designação geral dos peixes marinhos da família dos Estromateidas), o corimã (*Mugil sp.*) e outros da zona em que se pronuncia a água salgada.

Nos limites da influência das águas do rio Amazonas, abunda a piramutaba (*Brachyplatistoma villanti*), o bagre (é um termo genérico da família *ariidae*), o bacu (família dos *Doradídeos lithodoras dorsalis* Val.), a pescada branca (*Plagioscin squamosissimus*), o bandeirado (*Bagre bagre ariidae*), o jurupiranga (*Arius riguspinis ariidae*), o filhote (piraíba) (*Brachyplatystoma filamentosum*), a arraia (*Potamotrygon spp.*), etc. Além destas espécies, a região ainda oferece crustáceos como caranguejo (*Gecarcinideo*), siri (*Callinectes*), camarão (*Pennaeus brasiliensis*); e moluscos como mexilhão (sururu) (*Lamelibranquios mitilidas*) e cernambi (*Colamelibranquio marinho mactrides*). Nos estuários dos rios Quatipuru, Caeté, Emboranunga e Piriá se processa a pesca do camarão, capturado artesanalmente, com armadilhas de formas variadas.

Os camarões capturados nesta região são carreados na sua forma natural, ou secos, para serem vendidos na praça de Belém, rotulados como “camarão do Maranhão”.

Dado o regime das águas doces e salgadas, os furos, as rias, a foz dos rios e os igarapés formam verdadeiras teias ou labirintos aquáticos, em que se localizam viveiros aquáticos da fauna ictiológica da região.

A vegetação que recobre a orla litorânea paraense é representada pelas espécies características das praias e dunas: capim-da-areia (*Panicum recemosum*); capim-da-praia ou paraturá (*Spartina brasiliensis*); campainha branca (*Ipomea litoralis*); salsa das praias (*Ipomea pescaprae*); ipecacuanha-flor-branca ou praia-da-praia (*Hyhanthus ipecacuanha*) e outras (IBGE 1977, v.1:87).

“A vegetação dos mangues, ao contrário da vegetação das praias e dunas, é constituída de vegetais que ocorrem em solos de várzea, de formação, de pequena declividade sob a ação diária das marés de água salgada ou pelo menos salobra. Por ordem de afastamento do litoral são encontradas as seguintes espécies: mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*); mangue-siriúba (*Avicennia schaueriana* ou *A. nitida*); tinteira ou mangue-branco (*Laguncularia racemosa*) e (*Conocarpus erecta*) são comuns a toda as áreas de mangue (IBGE 1977, v.1:88). Figura 1.

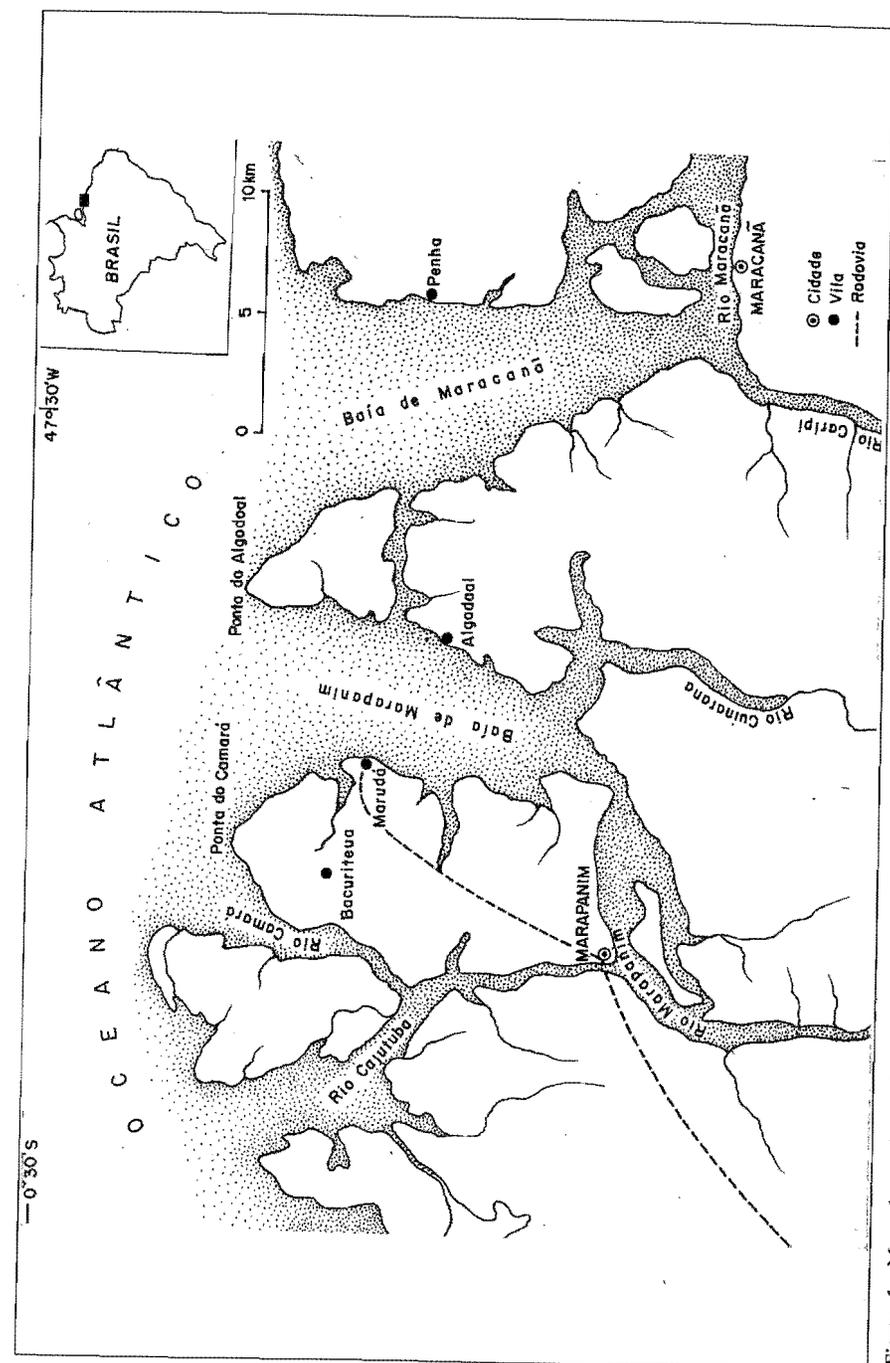


Figura 1 - Mapa do município de Marapanim e respectivo litoral (Desenho: G. Leite, 1983).

A cidade de Marapanim, área básica da coleta de dados, dista 117 km em linha reta da cidade de Belém, capital do Estado do Pará. Suas coordenadas geográficas são: 0° 42' 25" S e 47° 41' 54" W Gr. Acha-se a três metros de altitude, possuindo um clima equatorial superúmido. Sua superfície abrange uma área de 630 km<sup>2</sup> e uma população, segundo o último censo demográfico do IBGE, de 17.991 habitantes.

A área do município de Marapanim é drenada pelo rio Marapanim e seus afluentes, furos e alguns igarapés, oferecendo um aspecto diversificado na sua formação florística, com campos propícios à atividade agropecuária, principalmente na região do alto rio Marapanim. Os campos úmidos apresentam consideráveis variações, desde os campos pouco úmidos até os alagados.

Na várzea e terrenos mais irrigados, durante a maior parte do ano, nota-se a predominância de gramínea que, devido à sua umidade, são poupadas pelas queimas anuais, tornando o estrato herbáceo denso.

As capoeiras constituem extensas áreas de vegetação arbustiva e arbórea, ilhadas pelos campos que as circundam. Ocorrem matas siliares, principalmente nas cabeceiras ou nascentes dos rios.

As matas de galeria encontram-se dispersas ao longo dos cursos d'água que atravessam os campos. Sua composição florística é muito similar a dos "capões", diferindo destes na abundância relativa das espécies e na seleção e distribuição dos seus componentes. Essa caracterização da área foi parcialmente alterada pela ação dos colonos com a lavoura extensiva.

No município há múltiplas atividades, as mais acentuadas e marcantes são a lavoura extensiva nas terras firmes e a pesca artesanal no litoral.

A lavoura tradicional extensiva, marcada pela herança indígena, consiste na derrubada e queimada para o preparo de pequenos roçados que são abandonados um a dois anos mais tarde. Quando exaurido o solo, os habitantes vão em busca de novos locais que lhes propiciem uma melhor colheita, abrindo novas clareiras na mata. Esta alternância de locais vem-se modificando nos últimos anos em razão da venda ou de retalhação da terra.

Esse tipo de atividade tem na mandioca sua principal produção, sem esquecer a cultura de malva (*Urena lobata*), seguida pelo cultivo do arroz (*Oryza sativa* L.) e do milho (*Zea mays*).

A região litorânea desse município se caracteriza por baixas e raras falésias, predominando a forma tabular das terras firmes que se elevam gradativamente da orla marítima em direção ao interior do município. Apresenta vários agrupamentos vegetais que imprimem fisionomias distintas, marcando especificamente a vegetação de manchas campestres, disseminados no âmbito da floresta pelas *queimadas* que constituem a vegetação de *capoeiras*.

Nesse trecho do litoral paraense são encontradas várias ilhas, que insinuam o aparecimento de moderadas falésias ao chegar às proximidades do mar, em cujas bases ou encostas se espriam extensas áreas arenosas.

Estes fatores têm favorecido a pesca e fazem com que os habitantes da área se voltem para a pesca marítima. As várias e extensas praias, além de serem pontos de pescadores locais com suas famílias, atraem também pescadores de outros locais, que edificam seus ranchos ou feitorias, na época da passagem dos grandes cardumes. São pontos estratégicos para a captura dos cardumes através das redes de pesca, curral e outros tipos de armadilhas.

A área se ressentia de um estudo sistemático para que se possa mensurar e qualificar suas reais possibilidades exploratórias de forma precisa.

É dentro desse aspecto que se circunscreve a área a que nos reportamos, abrangendo as vilas pesqueiras situadas na ilha do Cajatuba até a ilha de Marudá, estabelecendo o que se pode chamar o litoral do Município de Marapanim. Ai se desenvolve intensamente o processo de pesca artesanal com a finalidade comercial, principalmente nas comunidades de Tamaruteua e Sauaá, na ilha de Cajatuba, Camará e Marudá, situadas na ilha de Marudá.

O acidente geográfico que marca a separação das ilhas de Cajatuba e Marudá é o canal ou furo natural de Cajatuba, que no sul da mesma ilha se bifurca, formando o furo natural do Camará. A essa bifurcação, os habitantes denominam de rios Cajatuba e Camará.

A ilha de Marudá é separada do continente na porção SW e S pela junção das águas do Atlântico através do furo do Cajatuba, com as águas do rio Marapanim. Esse encontro das águas constitui no local um "vau", que na baixa-mar conserva encharcado o leito em forma de córrego, permitindo que se atravesse a pé ou a cavalo. Com o desenvolvimento das estradas, foi feito um aterro de pedras, posteriormente asfaltado, constituindo uma espécie de

istmo artificial, ligando Marapanim à ilha de Marudá. Hoje são conhecidos o local e suas adjacências como Bairro do Aterro, situado na periferia de Marapanim.

As áreas das ilhas de Cajutuba e Marudá, inclusive Tamaruteua e Sauaá, estão contornadas em quase toda a orla marítima, por bosques de mangue, que se adentram pelas orlas dos rios e igarapés que sofrem a influência dos fluxos e refluxos das marés. Nas porções mais elevadas do litoral, predomina a siriubeira (*Avicenia nitida*), que não resiste ao alto teor salino ocasionado pelas marés de sizíguas, cedendo lugar a uma vegetação herbácea e rasteira deficiente vulgarmente chamada “apicum”.

## 2 - HABITAÇÃO

As habitações das povoações da Zona do Salgado apresentam-se com características similares às pequenas vilas pesqueiras do litoral do Pará, quanto ao seu estilo e funcionalidade.

As raras diferenças encontradas decorrem da situação econômica e do gosto dos proprietários, com tendência ao abandono dos padrões tradicionais de construções. Provavelmente, por influência do contato mais acentuado com os centros urbanos mais complexos e da frequência de veranistas, alguns possuem residências mais sofisticadas.

A forma mais tradicional de habitação é constituída por uma única edificação com todas as dependências sob o mesmo teto, com exceção dos sanitários, localizados distantes da residência.

Há dois tipos de habitações: permanente e provisória. As moradias provisórias apresentam condições e situações precárias, distinguindo-se, segundo a situação ecológica de cada local, e são chamadas *tapiris* (Figura 2). O tapiri é um tipo provisório de habitação, feito para emergências de trabalho. Sua construção é pouco elaborada: duas varas forquilhas fixadas no chão, paralelamente distantes uma da outra uns dois metros, nas forquilhas é colocado um travessão amarrado com cipós, de onde partem varas finas inclinadas até o chão, apoiadas em outro travessão à altura de um palmo e meio (0,33cm) do chão. Estas varas, depois de amarradas, servem de suporte para a cobertura da meia água, que pode ser de galhos de árvores, folhas de

bananeiras silvestres (*Musa textilis*) ou de palmeiras esporadicamente colocadas de modo a servir de anteparo ao sol, chuva ou vento. Alguns tapiris possuem jirau, a pouca altura do chão, construído de varas, caules de açazeiros (*Euterpe oleracea*) ou paxiúba (*Socrates exorrhiza*) rachados ao meio. Nele são acomodados os pertences dos pescadores, até construírem moradias mais duráveis – os ranchos. Muitas vezes, esses tapiris são construídos em pontos mais distantes e isolados do local, formando, temporariamente, os aglomerados de pescadores. Os Tapiris também são encontrados esparsamente noutros locais de caçadas e até mesmo em roçados. Segundo Brabo (1973:20) “Na mata o grupo de trabalho arma o tapiri próximo à margem do rio onde permanece durante o período de extração, embora quinzenalmente visite a família... O tapiri é armado pelo grupo à beira do rio...”. O termo varia conforme os locais onde é empregado: o agricultor na roça e o caçador no mato, empregam o termo tapiri, vocábulo de origem nheengatú<sup>8</sup>; o pescador praiano usa o termo “tejupá”, outros preferem “barraca”.

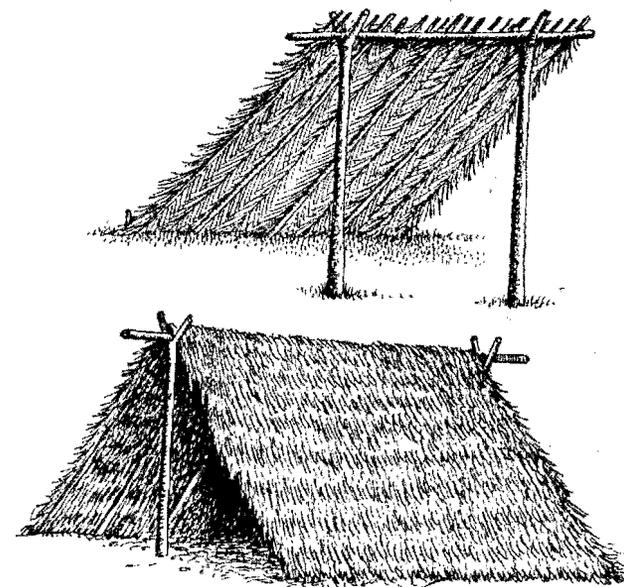


Figura 2 - Tipos de tapiris usados nas praias da Zona do Salgado (Desenho: G. Leite, 1983).

<sup>8</sup> Revista do Instituto Histórico Brasileiro, 158:663, 1928.

A habitação familiar mais durável, como no caso de Tamaruteua, sujeita à invasão de marés de grandes lances, de cabeça ou águas grandes, assim chamadas pelos habitantes da região, é construída como edificação de um só pavimento sobre pilstras de madeira, muitas vezes elevada a mais de um metro de altura entre o soalho e o solo (Fotos 1-2).



Foto 1 - Tipo de habitação da zona do salgado (foto: Lourdes Furtado, 1976).



Foto 2 - Tipo de habitação da zona do salgado (foto: Arian Nery, 1984).

Os soalhos e as paredes são de tábuas serradas não aparelhadas; a cobertura da maioria das casas é de telha de barro (argila), sendo raras as habitações cobertas de palha. Frequentemente as casas são de duas águas, com *puxada* ou *salgadeira* lateral, para serviços eventuais de retalhação e salga do peixe.

Esporadicamente encontramos uma outra casa em cuja fachada há uma meia água complementando-a, constituindo um alpendre ou terraço.

É conveniente ressaltar que o aspecto das habitações varia conforme o poder aquisitivo de seu proprietário. Encontramos casas com estrutura de madeira cobertas de telha, cujas paredes são de palha de palmeira inajá (*Maxiliana regia*, Mart.) e soalho precariamente feito de lascas de açazeiro (*Euterpe oleracea*) ou de paxiúba (*Socrates exorhiza*).

Em geral, constitui-se de uma sala, um dormitório e um avarandado, onde fazem as refeições, servindo ao mesmo tempo de cozinha com um fogão à lenha ou a carvão vegetal, que os próprios habitantes fabricam. O fogão é uma espécie de jirau forrado de barro, com acomodação para as panelas. Nesta dependência há uma porta dividida horizontalmente ao meio, ficando a parte de baixo sempre fechada para evitar a entrada de animais domésticos. Geralmente é o local preferido para as reuniões da família tanto na hora das refeições quanto nas horas de lazer.

Na janela dessa dependência, é construído um jirau suspenso de tábuas ou lascas de madeira, onde lavam as louças e tratam os alimentos. O mobiliário constitui-se de uma grande mesa, bancos longos e prateleiras em que são colocados os utensílios de cozinha.

Devido ao contato com os centros urbanos mais complexos e sofisticados, vamos encontrar alguns aparelhos de rádio funcionando à pilha e fogões a gás, utilizados em situações muito especiais, por exemplo, quando chegam pessoas da *cidade* em visita local.

De modo geral, a dependência sanitária está localizada à distância de uns 50 a 100 metros da habitação. No local de praia, o sanitário consta de um tablado de mais ou menos 1,50m<sup>2</sup>, com uma altura variável entre 1 a 1,50m do solo e fechado por paredes laterais, frente e fundos de 1,50m de altura. No soalho existe a falha de uma tábua em toda a sua largura, ou sobre o soalho

é sobreposta uma caixa de madeira de 1 a 2 metros de extensão por 0,50cm de largura com 2 ou 3 buracos redondos através dos quais os dejetos humanos caem diretamente no solo, sendo arrastados pelas águas das grandes marés. A porta é feita de tábuas ou de esteiras de palha ou ainda de um pano grosso pendurado. Geralmente, não possui teto. Esta dependência, às vezes, está ligada à habitação por uma estiva (ponte) tosca, constituída de tábuas ou caules de árvores roliços, suspensos do solo por forquilhas ou esteios em toda a extensão, complementada por um corrimão feito de varas para equilíbrio das pessoas.

Encontramos muitas dependências sanitárias em que havia somente as paredes laterais, sem os fundos e, na frente, apenas uma esteira pendurada. Há dependências sanitárias localizadas na orla de pequenos *rebolados de vegetação*, constituídas apenas de um caule grosso de árvore acidental ou propositalmente caído.

As casas das regiões de praias são construídas para preservar-se das inundações de marés sizíguas; já em Tamaruteua, além disso há o problema da erosão de terras, carreadas pelas marés. Informantes mais antigos da região nos falaram que, há alguns anos, a povoação de Tamaruteua estava localizada à distância de 200 metros projetada mar afora da atual localização. Devido à constante erosão marinha a que o local está sujeito, a comunidade foi recuando e se adentrando cada vez mais em direção ao centro da ilha. Mostraram-nos as ruínas de um poço de água potável, onde os moradores outrora se abasteciam, situado à linha d'água, onde as canoas, hoje, aportam. À proporção que o mar avança, arrastando as terras, a população vai recuando as suas casas. Em Tamaruteua não há rios nem igarapés de água doce, por ser uma pequena ilha situada na entrada do furo Cajutuba, na confluência do mar afora. O único meio de abastecimento de água potável são os poços escavados em local mais central, distando da comunidade mais ou menos 1 km. Durante o inverno, época em que as chuvas são mais constantes, aflui grande quantidade de água potável, e, à proporção que as chuvas vão rareando, vai diminuindo o fluxo d'água nos poços (cisternas) durante os meses de outubro, novembro e dezembro. Então, é necessário que a população faça uma "romaria" em direção a eles, sendo a água captada em pequenas latas de óleo de cozinha

Às vezes é preciso que um indivíduo desça ao fundo do poço para "colher" a água, que parcamente vai fluindo, enchendo as latas, a fim de suprir os moradores da localidade, uma vez que durante o dia a água não flui.

Na época da estação das chuvas, os moradores fazem nas laterais das suas casas uma calha de madeira, para apararem a água pluvial em recipientes de lata ou camburões para uso doméstico. Isso proporciona uma alternativa na busca da água que fica distante da comunidade. Um morador informou que há ocasiões em que é preciso embarcar numa canoa levando camburões para apanhar água potável em terra firme para ser vendida, a lata de 20 litros à razão de três a cinco reais (R\$ 3,00 a R\$ 5,00) aos que não possuem embarcações para fazer a coleta de água.

### 3 - OS RANCHOS

Os *ranchos* são habitações temporárias, construídas em pontos estratégicos das praias ou na linha litorânea, propício à passagem dos cardumes nas épocas sazonais que favorecem (Figura 3). Essas construções são feitas de forma simples. Suas estruturas limitam-se a seis esteios de siriubeira (*Avicenia germina* sp.), dois centrais e quatro laterais. Os fundos e a frente abertos para facilitar a passagem do vento pelo corpo da habitação. Os *ares*, ou seja, a estrutura da cobertura da habitação, são feitos de caibros de madeira retirados nas capoeiras ou mesmo colhidos nos *mangais* e amarrados com cipós ou envira, cobertos de palhas da palmeira inajá (*Maximiliana regia*, Mart.). O soalho é suspenso do chão, quando se trata de solo próximo do mar sujeito a inundações das marés, como nas praias. Quando se trata de locais de esteiro, chamado furo ou braço de mar, cujos terrenos são altos, não há necessidade de fazê-lo suspenso do chão fazem-no de "chão batido". Nos locais de beira de praia, as habitações são soalhadas com lascas de açazeiros (*Euterpe oleracea*), paxiúba (*Socratea exorrhiza*) ou mesmo com varas de mangue (*Rhizophora mangle*). As coberturas de palha acompanham os declives até o chão. O "caboclo" sempre coloca a sua habitação temporária para a lida da pesca de acordo com a direção do vento, pois este muitas vezes desenvolve grandes velocidades, fazendo com que as casas adernem, às vezes caindo. É nesse tipo de construção que os pescadores se acomodam sazonalmente para as pescarias. Muitos levam a família, e lá se acomodam durante a temporada da pesca de peixe.

Em Marudá, as construções são agregadas ou justapostas. Recentemente prevalece, porém, o tipo de edificações separadas (Foto 3). As habitações de pescadores estão afastadas da estrada principal, cerca de 100m, localizadas no *bairro* do Sossego e Alegre.

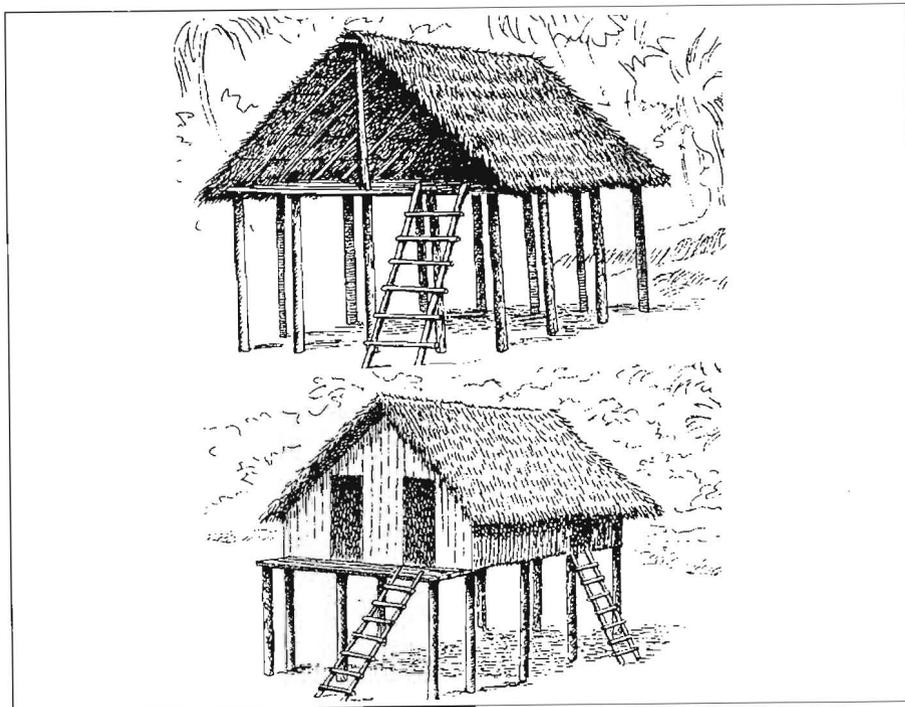


Figura 3 - Ranchos. Tipos de habitações temporárias usadas na orla marítima de Marapanim (Desenho: G. Leite, 1983)



Foto 3 - Tipo de habitação da zona do salgado (Foto: Arian Nery, 1984)

Mais ou menos há três décadas, o maior contingente de casas de pescadores estava localizado na praia de Marudá, à semelhança das habitações já mencionadas nos locais de Tamaruteua, Sauaá e Val-de-Cans (atual Camará), também sujeitas à invasão das águas de marés de sizíguas.

Forçados pelas contingências naturais e pela pressão das autoridades locais e do crescente contingente de veranistas para a praia de Marudá, nos fins de semana e, ainda, durante as férias de julho e as de fim de ano, os pescadores ali sediados, começaram lentamente a se mudar para outros locais de terra firme da Vila de Marudá. A mudança de suas habitações tornou-se definitiva, por ocasião de um incêndio que atingiu mais de 60 casas de pescadores que ficaram desabrigados. As autoridades locais e o Governo do Estado providenciaram a mudança para o bairro do Sossego.

Apesar de terem sofrido uma ligeira modificação no aspecto da arquitetura tradicional, e de ter o serviço básico de saneamento melhorado, suas habitações continuam com a mesma estrutura das anteriormente descritas. Ainda hoje, encontramos habitações do mesmo tipo na praia do Camarão, no Alegre (Fotos 4-5).





Fotos 4 e 5 - Tipos de habitação, localizadas nos terraços marinhos, encontradas no litoral da Zona do Salgado (Fotos: Rubens T. Moura, 1984)

### ALGUNS INSTRUMENTOS DE PESCA DA REGIÃO DO SALGADO

Instrumentos utilizados nas pescarias para a pesca artesanal no litoral paraense, particularmente, na orla marítima da Zona do Salgado, são essencialmente artesanais, constituindo essa atividade em técnicas tradicionais simples. Alguns utensílios refletem a influência indígena, como o casco, paris, trançados e outros. Não obstante as mudanças na comunidade local, levadas pela rede rodoviária, que hoje se estende em várias direções da área, a tecnologia tradicional dos pescadores é a mesma de cinco ou mais décadas passadas, não só pela facilidade de adquirirem o material para a feitura de seu instrumental, como pela simplicidade de seu manuseio. Estes instrumentos estão assim distribuídos:

As redes de pesca se diversificam em relação às espécies do pescado em: *tainheira*, *douradeira*, *serreira*, *tarrafa*, *caçoeira*, *caiqueira* e *pirapemeira*. Pouco antes da década de 60, essas redes eram feitas pelo próprio pescador, empregando vários tipos de linha e até fibras vegetais ou fios de punho de redes, de acordo com o porte do pescado. Atualmente, os pescadores da Zona do Salgado adquirem essas redes semiprontas, feitas de fios sintéticos, cuja espessura varia de conformidade com o porte do peixe, em casas

especializadas de artigos de caça e pesca, na cidade de Belém, ou através dos intermediários ou marreteiros, que vão adquirir no local o produto da pesca. O pagamento muitas vezes é feito parceladamente, em dinheiro, ou com o próprio produto da pesca. Isto não quer dizer que eles tenham esquecido a técnica de tecer redes de pesca.

Na região de Marapanim, as redes para pescar estão assim classificadas:

| REDES      | NATUREZA DA LINHA OU FIO | Nº DA LINHA OU FIO | PESCADO A QUE SE DESTINA | PORTE DO PESCADO |
|------------|--------------------------|--------------------|--------------------------|------------------|
| Puçá       | nylon                    | 0 ou 18            | Camarão                  | —                |
| Tarrafa    | nylon                    | 0 ou 8             | Camarão/peixes miúdos    | —                |
| Douradeira | nylon                    | 12 ou 16           | Dourada                  | médio            |
| Caçoeira   | plástico                 | 23                 | Cação                    | grande           |
| Caiqueira  | plástico                 | 23                 | Pratiqueira ou Caíca     | pequeno          |
| Tainheira  | plástico                 | 40                 | Tainha                   | médio            |
| Serreira   | plástico                 | 60                 | Serra                    | médio            |

Não obstante as redes já serem compradas semiprontas, isto é, o pano emalhado, os pescadores elaboram o seu aparelhamento complementar, processando o *entramento* e *encalamento* com a *chumbeira* e a colocação de *bóias*, obedecendo a uma técnica especial local. A demanda comercial para o pescado da Zona do Salgado intensificou-se com a expansão do sistema viário e, por sua vez, exigiu uma produção maior, diminuindo, assim, o tempo dedicado à tecelagem manual de suas próprias redes de pesca. Encontramos, porém, poucas pessoas que ainda se dedicam a esse trabalho, inclusive, no remendamento de redes, recebendo uma remuneração variável por este serviço.

Tecer as redes requer habilidade e paciência, para isso são utilizados dois instrumentos indispensáveis: a *agulha* e a *bitola* ou *malheiro* (moldes) de madeira, variando conforme o tamanho da malha, de acordo com o porte do pescado (Furtado 1987).

As *agulhas* de tecer redes, *tarrafas* e *puçás* apresentam forma de estilete vazado em ambos os lados, seus comprimentos variam entre 10 e 30cm, a largura vai de 1 a 3 cm. Na parte superior, há um orifício com

um pino no centro, cujo comprimento varia de 2 a 10 cm. É nesta parte chamada *depósito* que o fio para tecer fica acumulado, sua largura vai de 1 a 3 cm. Estas medidas variam de acordo com a espessura da linha a ser utilizada na feitura da malha da rede. Na parte inferior há uma abertura em forma de “u”, que serve para conter a linha no depósito (Figura 4).

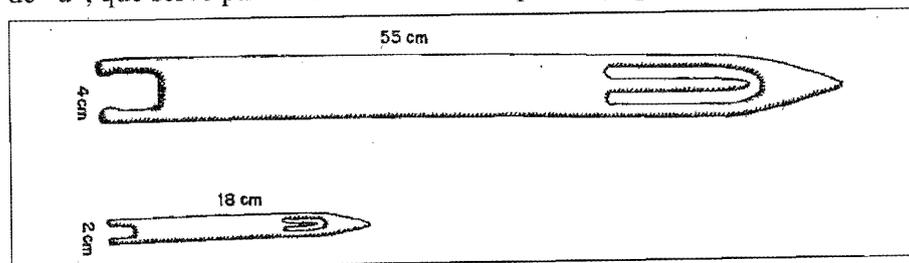


Figura 4 - Modelos de agulhas elaboradas em madeira, para tecer redes de pesca. Fonte: Furtado, 1987. Curralistas e redeiros de Marudá - pescadores do litoral do Pará. (Desenho: G. Leite, 1983).

A *bitola* ou *malheiro* (molde) de malha, de forma oblonga, é feita de madeira, medindo de 10 a 13 cm de comprimento, a largura varia conforme o tamanho da malha que vai de 2,5 cm a 9,5 cm, correspondente ao porte do peixe a que se destina, quanto à espessura, pode ser de 1 a 2 cm. A madeira empregada na feitura das agulhas e dos malheiros é diversificada, porém a mais empregada é a de siriubeira (*Avicenia nitida*) ou a de mangueiro (*Rhizophora mangle*). Furtado (1987:224-225) faz referência a esses artefatos utilizados na costa do Salgado (Figura 5).

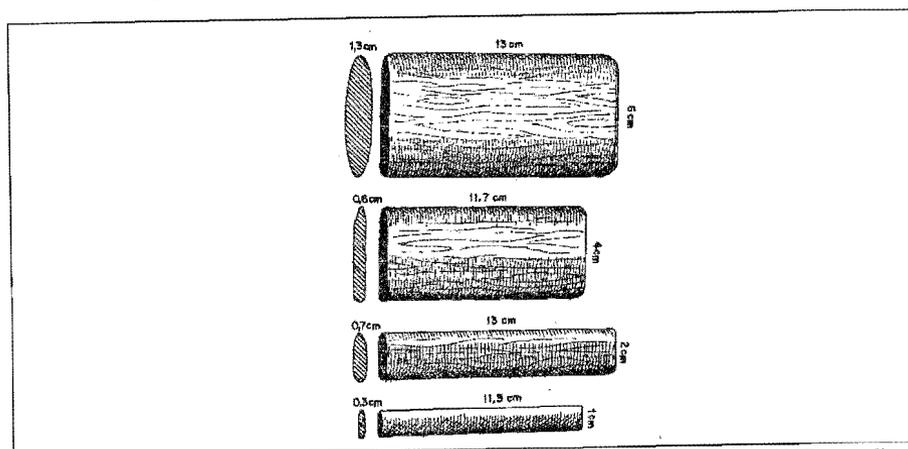


Figura 5 - Bitolas ou malheiros de madeira para tecer redes de pesca. Fonte: Furtado, 1987. Curralistas e redeiros de Marudá - pescadores do litoral do Pará (Desenho: G. Leite, 1983).

## ELEMENTOS COMPONENTES DA REDE DE PESCA

No tempo em que as redes eram tecidas com fios de algodão pelos próprios pescadores, havia um cuidado especial na escolha do fio empregado, do tipo de malha, das condições de durabilidade para o tipo de pescado. Após terminada a tecedura das malhas, que formam o extenso pano *emalhado* da rede, vem o *entralhamento* ou *entralha*, que, ainda hoje, consiste na colocação das *bóias* (flutuadoras) e no *chumbamento*. Sua fase final é com o tingimento com tanino extraído das cascas de mangue (*Rhizophora mangle*), muruci (*Byrsonima sericea*) ou tinteira (*Languncularia racemosa*). Embora houvesse outros vegetais que pudessem fornecer tinta, estes ainda são os preferidos na costa do Salgado.

Essas cascas fervidas produzem uma infusão de coloração avermelhada ou preta, conforme o tipo de vegetal usado. A infusão era feita em gamelas, onde se mergulhavam as redes para o tingimento, deixando-as ficar de 3 a 4 semanas para pegarem a cor desejada.

Diariamente eram revolvidas para a tintura se uniformizar nos fios de malha. Essa técnica era empregada para dar durabilidade às redes, sob a ação do sol, vento e chuva. Tal operação de tingimento era repetida após 3 ou 4 meses de utilização na pesca. Hoje em dia, esse processo de tingimento de rede de pesca raramente se opera dessa forma, por serem de fios sintéticos.

Hoje as redes de nylon estão incorporadas à tecnologia pesqueira, não sendo, pois, tingidas. O processo de tingimento atualmente só é utilizado no pano das velas das canoas.

## Panagem de malhas

A *panagem* da rede de pesca é constituída por vários panos de malhas que, emendados, conforme o poder aquisitivo do seu proprietário, alcançam de 100 até 800 braças (200 a 1.600 m, segundo o cálculo do pescador).

Conforme o tipo de pescado, as malhas podem ter várias medidas: redes *caçoeiras* 9 cm; *doradeira* 8 cm; *serreira* 6 cm; *caiqueira* ou *prati-queireira* 2,5 cm.

## Entralhe

Uma rede de pesca compõe-se de dois *entralhes* – duas cordas pouco espessas chamadas tiradeiras – que acompanham a extensão da panagem de malha da rede, e são colocadas uma na bordadura superior e a outra na bordadura da *panagem* e presas por uma linha fina chamada *encala* que prende as malhas à tiradeira, intercaladamente. Nos espaços livres, em pontos equidistantes são colocadas as bóias.

## Bóias ou Flutuadores

Rodas de cortiça, de polietileno (isopor), trabalhadas pelos próprios pescadores locais. As bóias também podem ser de material plástico já manufaturado. Elas são encontradas prontas nas casas do ramo de caça e pesca de Belém. Servem para fazer flutuar a bordadura superior da rede de pesca na superfície das águas, assinalando o local e a posição da rede.

Na bordadura inferior (parte que fica submersa), é colocada outra corda, entalhada com o mesmo processo utilizado na parte superior, apenas com a diferença de que a *encala* vai prendendo as malhas na *corda entalhe*, intercaladamente e, no espaço de 75 em 75 cm, ela passa por dentro de 4 malhas, de maneira a deixar um intervalo para a colocação da *chumbada* ao longo do entalhe. A essa parte os pescadores chamam de *chumbadeira*.

## Encala

Linha fina de algodão ou fio de nylon que prende pelo vértice a *corda entalhe* à malha, dando quatro voltas em torno dela, arrematada com um nó, de modo a deixar folgadas as malhas para não retesar a bordadura da rede.

## Chumbadeira

No entalhe inferior da rede de pesca são colocados pedaços de chumbo laminado ou achatado, com 7 cm de comprimento e largura variando de acordo com a espessura da *corda entalhe*, distantes um do outro de 75 em 75 cm. Esta *chumbadeira* varia de acordo com o tipo da rede e a espécie de pescado. Serve para dar abertura à largura da rede e para manter submersa a bordadura inferior, posicionando-a estrategicamente para enlear o peixe (Figura 6).

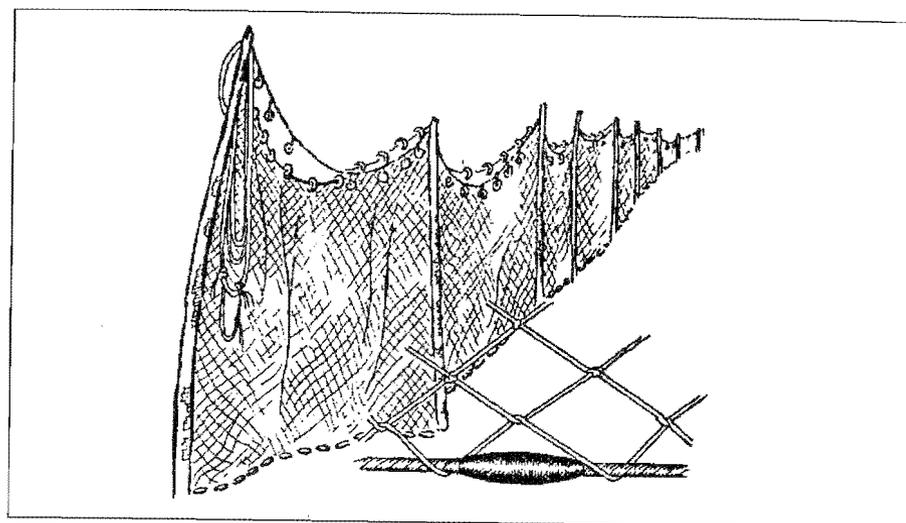


Figura 6 - Rede de pesca com chumbada e bóias. (Desenho: G. Leite, 1983)

## REDE CAIQUEIRA

É necessário registrar dois tipos de redes que fogem aos aspectos das demais nos seus aparelhamentos e manuseios: 1) rede para a pesca de *caíca* ou *pratiqueira*; 2) rede de *despesca de curral*.

## REDE CAIQUEIRA OU PRATIQUEIREIRA

Do ponto de vista de sua tecedura é idêntica às redes *douradeira*, *caçoeira*, *tainheira*, *serreira* e *tarrafa*, só variando o tamanho das malhas.

É tecida com fio plástico nº 30, com malha de 2,5 cm e acrescida de um acessório a mais, o *calão*. Esta rede é apropriada para a pesca de *caíca* ou *pratiqueira* (*Mugil brasiliensis*). Espécimes menores de peixes podem também ser capturadas com ela. Geralmente a pesca da *caíca* é feita quase na baixa-mar, em locais de pouca profundidade, onde a água alcança no máximo a altura do peito de um homem de mediana estatura. Dois homens saltam na água, cada um numa extremidade da rede, segurando os calões, para manter a rede aberta, caminhando dentro d'água em sentido oposto para esticarem bem a panagem da rede. Um terceiro homem fica bem ao centro para guiar e sustentar a rede; um quarto, do lado da beira da

praia ou margem do rio, fica espadanando a água para que os peixes se encaminhem em direção à rede. Enquanto isso, os homens que seguram a rede caminham em direção à beira da praia ou rio. Nessa trajetória, vão formando um círculo em direção à parte mais rasa, até que se encontram, fechando o círculo feito pela rede. Os peixes que convergiram em direção à rede ficam ensacados; os pescadores puxam a rede para terra ou para dentro da canoa para *desemalhar* os peixes.

### REDE DE DESPESCAR CURRAL

É uma rede de pequena dimensão, compondo-se de um pano de malhas de linha grossa de algodão ou fio de plástico, medindo 2 a 3 braças de comprimento e largura, ou seja, de forma quadrangular e de duas varas de espessura regular, medindo de 3 a 4 metros de comprimento, chamadas *calão*, adaptadas e presas nas suas extremidades laterais, servindo para despescar o *curral* (Figura 7). Esse tipo de implemento de pesca é apresentado por Furtado (1987:198).

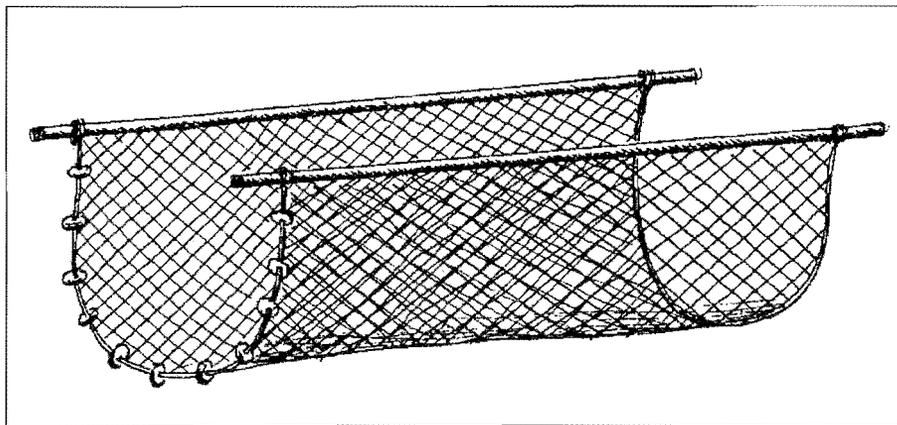


Figura 7 - Rede de despescar de curral (In: Furtado, 1987. Desenho: G. Leite, 1993)

Compõe-se, além do pano de malhas e calões, de dois entralhes fixos com as respectivas *bóias* de *cortiça* ou de *isopor*, nas bordaduras superior e inferior, e de uma corda de puxar para fechar a rede. Na colocação dos entralhes e bóias, aplica-se a mesma técnica empregada para entralhar outros tipos de rede.

A *corda de puxar* serve para fechar a rede de despescar depois de lançar o peixe no curral. Essa corda corre paralela aos entralhes, fixa na parte superior e inferior, passando por dentro dos orifícios das bóias presas à outra extremidade desse entralhe.

### Calão

Este acessório só é aplicado nas redes caiqueiras ou *pratiqueiras* e na rede de *despesca de curral*, como já falamos acima; na rede *caiqueira* ou *pratiqueira* serve para manter aberta a rede e seu fácil manuseio nos locais rasos e, pelo mesmo motivo é aplicado na rede de despescar nos currais de fora.

### TARRAFA

Sua forma é cônica, quando pendurada; quando lançada n'água toma a forma de uma grande saia rodada (Figura 8).

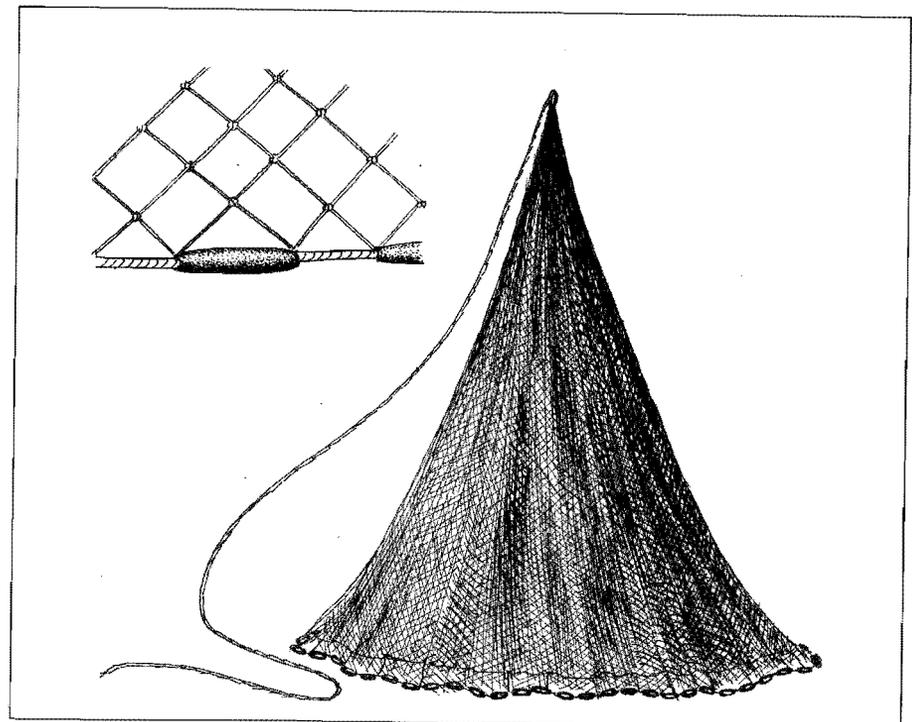


Figura 8 - Tarrafa com linhote e chumbada (Desenho: G. Leite, 1983)

A tarrafa compõe-se das seguintes seções: *cabeça* ou *vértice*; *punho*; *linhote* ou *corda*; *corpo da tarrafa*; *acresce*; *saco*; *corda entralhe*; *chumbada* ou *chumbadeira* e *tensos*.

A tecedura da tarrafa é iniciada pela *cabeça* ou *vértice*, formada pelas primeiras malhas, que podem ser em número de 36 a 40, conforme a largura que o pescador quer dar à tarrafa.

Formadas as malhas iniciais, o tecedor, geralmente, também pescador, enfia o *punho* (*linhote* ou *corda*) para fechar o vértice da tarrafa.

Daí continua a tecedura até o comprimento desejado. A seguir, o artesão vai tecendo *uma meia malha* chamada de *acresce*. Cada três cabeças de malha, tanto em sentido horizontal como no sentido vertical, leva um *acresce* ou meia malha. Neste *acresce* se prendem novas malhas em sentido vertical e horizontal, na proporção que vai descendo a trama, formando o corpo da tarrafa. O *acrescimento* serve para dar abertura à tarrafa. Para 3 cabeças de malha corresponde um *acresce*. Em 36 cabeças de malha, portanto, há 12 *acresces*. Se o número de *cabeças* de malhas for par, as *chumbadas* ficarão certas na ocasião do *entalhe*; se for ímpar, fica sobrando uma *chumbada* de atravessado. Ao iniciar a tecedura de uma tarrafa, o pescador (artesão) tece primeiro uma carreira de malhas no sentido de sua largura (horizontal), em conformidade com a largura do malheiro (bitola ou palheta), instrumento já descrito anteriormente.

*Corpo de tarrafa*: compreende todo o seu comprimento, que vai da *cabeça* até o *saco*, medindo entre 8 a 18 palmos no máximo. Seu diâmetro, quando aberto, pode atingir de duas e meia a seis braças, ou seja, de 5,40 a 12,30 m.

As dimensões de uma tarrafa são irregulares com relação às outras redes de pesca já mencionadas. Os seus pontos extremos são formadores da *cabeça* e *dobra do saco*, que forma a boca. Uma tarrafa de 15 palmos de comprimento do vértice ou *cabeça* até a boca possui 200 *acresces*, que dão elasticidade para a tarrafa se abrir.

Os *acresces* são tecidos no sentido vertical, de cima para baixo, até chegar ao comprimento desejado pelo pescador; a altura em que se origina o *saco*. Desse ponto de referência, o artesão continua tecendo mais ou menos de 2 a 2,5 palmos de malhas, mas sem os *acresces*. Estas malhas são chamadas

*malhas mestras*; dobradas, vão servir para formar o saco pelo lado interno. Terminada a tecedura, é colocada a *corda entralhe* na orla da trama, presa alternadamente de duas em duas malhas, com o próprio ponto da malha.

Após esta operação, colocam-se as *chumbadas*. São pedaços de chumbo achatados, cortados em tamanhos proporcionais aos espaços livres deixados na *corda entralhe*, que ficam entre duas malhas. Nesses espaços se reveste a *corda entralhe* com um pedaço de chumbo, acompanhando toda a orla em círculo, que forma a *boca da tarrafa*, conforme o seu tamanho, leva de 5 a 9 quilos de chumbo.

*Tensos*: É a linha que prende a orla da tarrafa nas malhas formando o saco. Dependendo do tamanho do círculo da tarrafa pode haver 100 a 200 *tensos* presos nas malhas, colocados no espaço de 4 a 4 *chumbadas*. A tarrafa exige prática e habilidade no seu manejo. Quando lançada, deve cair, totalmente aberta, tocando à superfície d'água, formando um círculo perfeito. O pescador deve ser um conhecedor profundo dos locais em que deve fazer o *tarrafeiro* ou *tarrafição*, principalmente quanto à localização do peixe, para obter sucesso na pescaria. Deve evitar, em geral, os locais muito pedregosos ou em que haja *garranchos* de árvores submersos, que podem enganchar na trama da tarrafa e tornar difícil a sua retirada, muitas vezes rompendo as malhas.

A tarrafa, ao ser lançada rapidamente, submerge por igual, ao mesmo tempo, por efeito do peso da *chumbada* que lhe circunda a bordadura, tomando a forma de um balão, cuja boca se fecha com a junção por igual da *chumbada*, ficando os peixes enleados nas suas malhas. A parte da bordadura para dentro, presa pelos *tensos* (que formam o saco), serve para não deixar o peixe fugir pela boca. A tarrafa tanto pode ser lançada de dentro de uma embarcação, como da terra.

Na zona do Salgado, a tarrafa é mais empregada para capturar peixes pequenos utilizados como iscas para as *tiradeiras* ou *espinhéis*, armadilhas das quais iremos tratar mais adiante.

## PUÇÁ

O *puçá*, em um dos seus formatos (o usado na Zona do Salgado), assemelha-se à tarrafa (Figura 9), apenas se diferenciando por não levar

chumbada e possuir *bocas*; uma com abertura normal e outra menor, mais estreita, que se afunila, tomando a forma de uma tarrafa quando fechada. Na extremidade mais estreita é colocado o linhote, uma linha de pouca espessura, corrediça, que serve de *entralhe*. Esta linha é introduzida nas cabeças das malhas, de maneira que, quando se vai lancear, puxa-se com antecedência as pontas da linha do entralhe, fechando-as. Na extremidade mais larga também há um entralhe fixo. Nesta são adaptados dois calões, já descritos anteriormente. A adaptação dos *calões* de um lado e de outro da abertura do puçá é para facilitar o seu uso. O *puçá* é muito usado para a pesca do camarão.

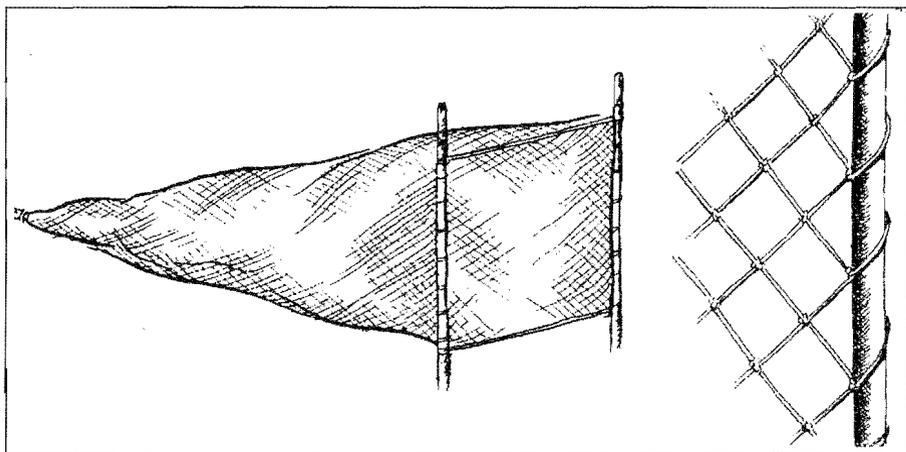


Figura 9 - Puçá. Armadilha para apresar camarões, com detalhes em calões (Desenho: G. Leite, 1983).

Ao invés de ser jogado com a tarrafa, é puxado por duas pessoas que caminham paralelamente, cada uma delas segurando um calão. Os pescadores entram na água à altura do peito, segurando os *calões* para manter a boca do *puçá* aberta. Caminham puxando o puçá para o apresamento dos camarões, que vão penetrando e se acumulando no fundo do *puçá*, ou seja, na parte afunilada que está fechada. Feito o lance, puxam-no para a terra e abrem-no para a retirada dos camarões.

Outro tipo de *puçá* (Figura 10) é utilizado na época da safra de camarões ou siris. Há pessoas que fazem este tipo de puçá de saco de sarrapilheira ou de pano de trama bem aberta para escoar rapidamente ou então um paneiro. Para fazer este tipo de puçá, faz-se primeiramente, um círculo de cipó ou de uma vara bem flexível, ou ainda, arame para formar o círculo da abertura da boca.

Feita esta operação, adapta-se este aro à boca do saco ou paneiro: colocam duas linhas nas bordas da boca do puçá de modo a dividir o círculo em quatro partes iguais. Enfeixadas essas linhas, bem no centro onde se entrecruzam, forma-se um vértice que, quando suspenso, assume o aspecto de projeção de uma pirâmide. Aí dá-se um nó, de onde partem duas linhas longas: uma que serve para emergi-lo, ficando o usuário segurando na ponta durante a função de pesca e a outra que fica dentro do puçá onde é amarrada a isca para atrair os camarões ou siris. Para este tipo de puçá submergir é necessário colocar no fundo várias pedras.

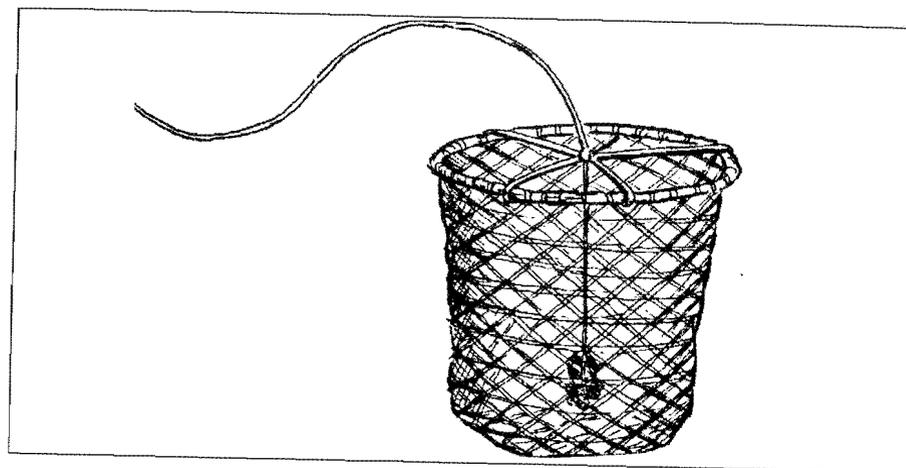


Figura 10 - Uma das variações de puçás. Armadilha para apresar camarões e siris (Desenho: G. Leite, 1983).

Quando a maré está quase na preamar, os pescadores procuram os locais de pesca, que podem ser nas embocaduras dos rios ou igarapés e ainda na orla marítima. Mergulham este artefato colocando no seu interior, como isca, pedaços de mandioca, pedaços de carne ou peixe (fresco ou quase putrefatos), presos nas pedras que estão no fundo do *puçá* ou amarrados na ponta da linha, pendente no centro do puçá. Chegando ao local escolhido para este tipo de pesca, submerge-se o *puçá*, pendurado na borda da canoa, segurando-se a ponta da linha. Deixam-no submerso por algum tempo; quando pressentem que os camarões ou os siris já penetram no seu interior fazem a emersão lentamente e embarcam-no na canoa, retirando os crustáceos aí contidos. Repetem esta operação várias vezes, em diferentes locais. Quando fazem a pesca do siri, é indiferente se a maré está seca, cheia ou vazando. Este tipo de pesca é esporádico: quando o fazem, é para fins domésticos, e não comerciais.

## LINHAS

### Linha-de-mão

As linhas-de-mão ou linhas-de-pesca são constituídas de linha, anzol e *chumbada*, são artefatos muito simples, semelhantes entre si, apenas variando no comprimento e espessura da linha, e dependem do tipo de peixe que se pretende. Há linhas-de-pesca que medem 50 braças, outras 30 e outras que medem de 5 a 10 braças. Estas linhas são geralmente de fios de algodão, mas já se estão introduzindo as linhas de fio sintético, como o nylon ou plástico. Entretanto ainda perdura o costume das linhas de fios de algodão. As linhas mais usuais na pesca da região do Salgado são linhas nº 0120 e a no 140, sendo também usados outros tipos, como a linha zero mais fina e resistente para a pesca de peixes de pequeno porte. Hoje raramente se emprega esse tipo de linha.

Outrora era muito comum atribuir-se à linha-de-pesca a designação “linha americana e cabinho”, que podia ter duas, três e até cinco “pernas”. Essas “pernas” são os fios que compõem o cordoame de sua tecedura, conforme a quantidade de pernas, correspondente à sua espessura (grossa ou fina).

A adaptação do anzol na extremidade da linha é conhecida como *estrovamento* ou encastoamento, e consiste em prender o anzol pela parte denominada *palheta*, com um *nó-de-porco*, difícil de desamarrar. Este nó é sempre dado deixando-se sobrar uma ponta de  $\frac{1}{2}$  a 1 palmo, que é desfiada e trançada à linha mestra como arremate junto ao anzol (Figura 11). Feita essa operação, coloca-se a *chumbada* recobrimdo os arremates. Há os que preferem colocar a *chumbada* um pouco distante ao anzol. Em algumas linhas de pesca-de-mão, coloca-se um cacho de anzóis, que são *estrovados* com linhas sobressalentes presas à linha mestra numa distância de meio metro uma da outra, formando o cacho acima referido. A *chumbada* de uma linha-de-mão deve pesar de 100 a 250 gramas de chumbo.

Os tamanhos dos anzóis *estrovados* nas linhas de pesca-de-mão variam de acordo com o porte do pescado. Para a pescada branca (*Cynoscion leiarchus*), o anzol deve ser o de no 6 e a linha a de nº 0120 ou 140; também pode ser o “anzol japonês” que ora vem sendo introduzido na Zona do Salgado;

para o peixe pedra, a linha deve ser a de no 050 e anzóis nº 13. Para esses tipos de peixes a *chumbada* deve pesar de 100 a 200 gramas. Essas linhas e anzóis já citados, apesar de destinados a determinados tipos de peixes, também podem físgar ou apanhar outros tipos como: o bagre (*Pirinampus pirinampus*), corvina (*Família dos scienidae*), xaréu (*Caranx hippos*), mero (*Promicrops itaiara*), gurijuba (*Tachysurus luniscutis*), serra (*Scomneromorus*), etc. (Figura 11).

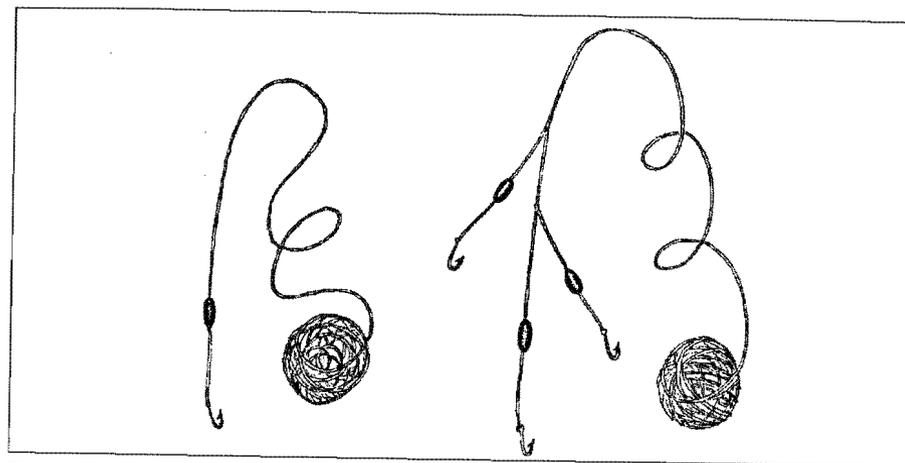


Figura 11 - Tipos de linha de mão, usadas na Zona do Salgado (Desenho: G. Leite, 1983)

### Linha cutuqueira de mão

Este tipo de linha-de-mão é idêntica a que já descrevi em tópicos anteriores, exceto quanto à extensão: de 4 a 8 braças, destinada a pescar *cutuca*, uma espécie de enguia, também é conhecida como *amuré*, *amoréia*, etc., (peixe da família dos *Gobiodes graham*) que ocorre no litoral paraense, que tem seu habitat em partes do litoral, rios e igarapés com margens lamacentas (tijuco), nas raízes dos manguezais e barrancos de tijuco. É uma isca especial para pescar determinados peixes, utilizada na pesca de espinhel.

Este tipo de armadilha (Figura 12), compõe-se apenas da linha com anzóis denominada *tiradeira*, *espeques* ou *piquetes* e de ganchos ou *cambitos* feitos de galhos de árvores. É colocada geralmente na orla marítima, nas margens de embocaduras de rios e manguezais, locais de *tijuco*, geralmente,



A *linha mestra* é a forma básica da estrutura do *espinhel-de-fora*. Sua espessura é mediana e de longa extensão. Ela determina o comprimento longitudinal da armadilha, que pode alcançar até 1.000 metros, ou seja, 500 braças, conforme a terminologia local. Esta extensão não é uma medida rígida, pode variar para mais ou para menos.

A *linha mestra do espinhel-de-fora*, de acordo com o comprimento do aparelho, pode ser dividida em 4 a 6 seções de 42 braças (84 m). Nos pontos de referências de cada seção, prendem-se o fiel, linha-de-bóias ou *corda de bóia*. Quanto ao posicionamento do espinhel para a pesca, a linha mestra fica a uma profundidade de 8 a 9 braças (16 a 18 m) da superfície do mar.

*Linha-de-bóia, fiel ou corda-de-bóia* - para tornar mais fácil a leitura e para melhor compreensão, empregaremos apenas o termo *linha-de-bóia*.

A *linha-de-bóia* tem uma extensão de 18 a 20 braças, de acordo com a profundidade local onde é colocado o espinhel, no sentido vertical da superfície d'água ao solo do fundo do mar ou leito do rio, quando montado o espinhel. De acordo com a extensão da *linha mestra*, podem ser distribuídas várias *linhas-de-bóia* no sentido longitudinal nos pontos seccionais em que foi dividida a *linha mestra*, ou seja, de 42 braças, conforme o *espinhel de fora*.

A *linha-de-bóia* na sua metade, entre 9 e 10 braças, se entrecruza com a linha mestra em que é presa por uma linha denominada *ligeira* e, assim, se procedendo com quantas houver no espinhel. No prosseguimento de linha-de-bóia, distando da linha mestra 8 a 9 braças no sentido para baixo, se prende a linha que contém os anzóis, a *tiradeira* propriamente dita. Acompanha os pontos seccionais a linha mestra, quando esta é dividida em várias seções e contém várias *linhas-de-bóia*.

Da interseção da linha dos anzóis, em direção ao leito do mar, fica sobrando uma braça (2 m) da linha-de-bóia, em cuja extremidade se amarra uma de regular tamanho, que é chamada de *poita*.

A linha dos anzóis ou *tiradeira* acompanha a extensão da linha mestra. Quando se trata do *espinhel-de-fora*, esta linha vai se prender à *linha-de-bóia*.

Se o espinhel tiver vários seccionamentos de linha-de-bóia, distando uma da outra de 42 em 42 braças, são presos à *linha mestra*, no sentido para baixo de 8 a 9 braças. Na *tiradeira*, entre uma linha-de-bóia e a outra, ficarão pendentes, de braça em braça, pedaços de linha com anzóis estrovados nas suas extremidades. Estas linhas devem medir de 22 a 30 cm de comprimento. Quando a pesca é destinada a peixes de pequeno e médio porte, os anzóis são de no 07 a 09, colocados na *tiradeira* uma braça distante um do outro. Quando os anzóis se destinam à pesca de peixe grande, como a gurijuba (*Arius parkeri*) e o tubarão - em que se distinguem várias espécies, como o tubarão branco (*Carcharhinus leucas*), martelo (*Aphyrna tudes*), espadartes (*Pristis perotteti*) e ainda o tintureiro (*Galeocerto cuvieri*) - o espaço entre um anzol e outro é de duas braças e os anzóis de números 2 e 4. Numa *tiradeira* de espinhel, conforme seu comprimento, pode haver de 500 a 1.000 anzóis.

O *espinhel-de-fora* é colocado em locais mais distantes da orla marítima, e próximo ao canal de maior profundidade, mar afora.

Um acessório do espinhel é a *poita*, constituída de uma pedra de regular tamanho, pesando de 7 a 10 quilos, que se amarra na extremidade inferior da *linha-de-bóia*, serve para não deixar a correnteza arrastar o aparelho de pesca. O processo é chamado pelos pescadores de *poitar*. Se o espinhel requerer várias *linhas-de-bóia* em cada extremidade destas, será atada uma *poita*.

### Bóia (Flutuador)

Esse é um outro tipo de flutuador que é feito de frutos de uma planta rasteira, tipo liana, vulgarmente conhecida como cabaça (Cabaça amargosa - *Lageria vulgaris* - família das Curcubitáceas) (Figura 14). É conhecida tradicionalmente no local como *balde*. Para a sua utilização, abre-se um orifício na parte superior e se submerge n'água para apodrecer a polpa, durante 5 a 6 dias. Decorrido esse prazo, agita-se fortemente o fruto e através do orifício se vai extraindo a polpa apodrecida, ficando o arcabouço de casca dura. A cabaça fica exposta ao sol por vários dias para a secagem, estando bem seca, é vedado o orifício com um tampão de cortiça, untado de piche, para não penetrar água ou escapar o ar nela contido.

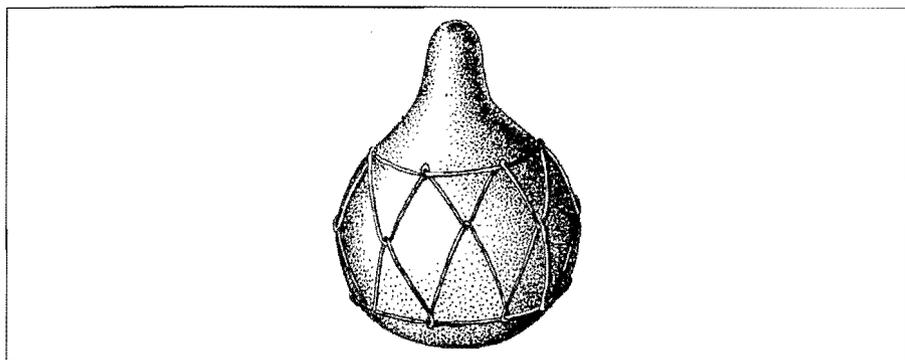


Figura 14 - Detalhes de uma bóia flutuadora usada no espinhel (In: Furtado, 1987. Desenho: G. Leite, 1983)

Feita esta operação, é que se vai aparelhar o balde para formar a *bóia*. Em torno da parte superior da cabaça é colocado um aro de cipós ou linhas, e na parte do fundo também é colocado outro aro, delimitando a parte bojuda da cabaça, presos os aros entre si por uma trama de cipós ou linhas, em forma de malhas, apresentando desenhos losangulares, triangulares e em X (este trançado forma uma cinta em volta do *balde*). No aro inferior ou fundo do balde, prendem-se um par de alças de cipós trançados e colocados em pontos opostos, que servem para adaptar a extremidade superior da *linha-de-bóia* à superfície do mar ou rio, servindo de apoio e sinalização do aparelho de pesca e sua adequação no apresamento do peixe.

A bóia é um artefato preso ao longo da extremidade superior da *linha-de-bóia*.

### Bóia-Capitão

Para este tipo de bóia são utilizados 3 *baldes* de tamanhos diversos; 1 grande, 1 médio e 1 pequeno. Estes *baldes* são aparelhados como o descrito anteriormente. Os *baldes* são sobrepostos, na ordem do maior para o menor.

Nos aros de cipó do *balde* maior são adaptados 3 ou 4 talas de bambu (Planta da família das gramíneas - *Bambusa vulgaris* e *B. arundinacea*) com 1 a 1,10 m de comprimento e, 1 a 1,5 cm de largura, presas em pontos opostos aos dos *aros* com fios de envira ou cipó, formando 3 ou 4 colunas em posição vertical (Figura 15).

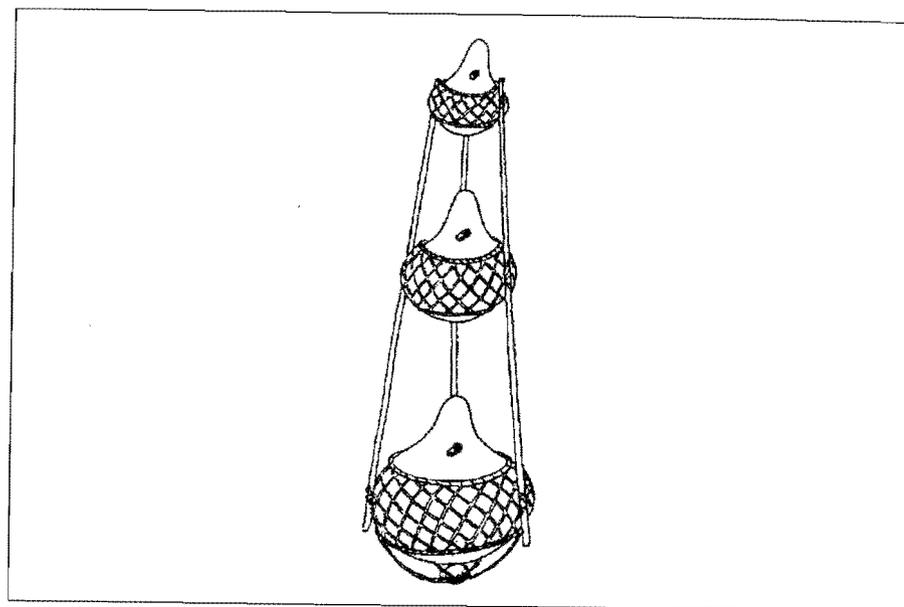


Figura 15 - Bóia capitão usada no espinhel (Desenho: G. Leite, 1983).

Estando bem presas e firmes as talas do *balde* de base, procede-se à montagem do *balde médio* entre as 3 ou 4 colunas de talas, distando um do outro 25 a 30 cm, onde é atado firmemente. Do mesmo modo se procede com o menor e último que constitui o topo da peça. Concluída a montagem, o artefato toma a aparência de uma pirâmide quando visto à distância.

No aro de cipó do *balde* que serve de base, adaptam-se duas alças de cipós que se entrecruzam. Entre essas alças e o fundo do *balde* prende-se uma pedra de regular tamanho, pesando entre 2 a 3 quilos, ou mais, servindo de lastro ao artefato que, quando n'água, o manterá sempre em posição vertical. No arrematamento das alças é preso o *fiel* (*linha-de-bóia* ou *corda-de-bóia*). A bóia-capitão é adaptada à *linha-de-bóia* da extremidade do espinhel, que fica geralmente em direção do mar afora.

Como já foi descrito no aparelho deste tipo e outros similares, era empregado material local, como cipó, cabaça, talas e outros. Com o desenvolvimento tecnológico e meios de comunicações mais fáceis, o uso de material sintético de um modo geral e, especificamente o plástico e o nylon, vem sendo introduzido na área, substituindo o material original pelo industrializado.

O *espinhel-da-beira* é assim chamado por ser colocado próximo ao litoral, embocaduras de rios e nos próprios rios. A sua composição é mais simples, apenas constando da tiradeira, que serve ao mesmo tempo de linha mestra. Numa de suas extremidades é colocada apenas uma linha-de-bóia, com a respectiva bóia na extremidade superior e uma *poita* na extremidade inferior.

Na outra extremidade da *linha mestra* ou *tiradeira*, como linha-de-bóia, é utilizada a própria corda de amarrar a âncora da canoa, onde prende uma bóia, a âncora serve de poita. Há alguns pescadores que denominam este tipo de armadilha como *linha-de-seio*.

### CURRAL DE PESCA

Não obstante Furtado (1987:190-221) haver descrito em trabalho anterior, o curral em seus vários aspectos, achamos conveniente abordá-los, para apresentarmos detalhes mais específicos que caracterizam esta armadilha de pesca dos pescadores do litoral paraense.

Esta modalidade de artefato, também aparece nas pescarias nos rios de Quatipuru, conforme Silveira (1979:51): “os currais são armadilhas constituídas tanto nas praias quanto no rio Quatipuru, sendo que nestes eles são em menor quantidade e de tamanho mais reduzido. Existem na área 3 diferentes tipos de curral: enfia, coração e meia lua”.

Há vários tipos de curral de pesca, os mais usuais na Zona do Salgado são os tipos: *Coração*, *Cachimbo* ou *Meia-Lua*, *Enfia* ou *Caçoeira*.

Todos eles apresentam a mesma técnica de construção, diferenciando-se quanto à forma, embora a composição seja a mesma: *viagem*, *boca* ou *entrada da sala*, *sala*, *boca (ou entrada) do chiqueiro* e *chiqueiro*.

Os currais são colocados em locais estratégicos por onde devem passar os cardumes ou parcelas desses cardumes. Esta colocação pode ser na orla praiana, litorânea ou “mar-de-fora”, ou seja, como os pescadores do local denominam: *curral-de-fora* e *curral-da-beira*.

O curral de fora é assim chamado porque é colocado já próximo ao canal por onde passam as embarcações de grande calado. Os currais aí posicionados jamais ficam em seco com a maré baixa-mar; geralmente a água do mar fica à altura do peito de um homem de estatura mediana, no mínimo à altura do joelho, dando condições à conservação do peixe a despesca.

Entretanto, há currais denominados cacuri ou curral do lavrado, cuja forma é idêntica aos demais, diferenciados pelas pequenas dimensões, estruturais mais frágeis, Cacuri ou curral do lavrado, nas comunidades estudadas, é assim denominado pelo seu posicionamento ser em croas de praia ou bancos de areia, margens de rios, onde os embates das ondas e correntes marinhas são mais amenas, quando a maré vazza fica totalmente em seco, no meio da praia<sup>9</sup>.

O *curral-da-beira* pode ser pequeno ou grande, mas é sempre colocado em posição favorável à entrada do peixe. O mais importante é verificar a direção da correnteza da maré, para que esta, no seu deslocamento, não venha precipitadamente derrubá-lo. Os locais em que devem ser posicionados os *currais-de-beira*, devem ser de fácil fixação, como na *croas* de praias e embocaduras de rios. Entretanto, há, às vezes, necessidade de se colocarem currais em locais pedregosos, o que torna mais trabalhoso a sua fixação. Para isto, é necessário o uso de alavancas de ferro para abrir buraco nas pedras para enterrar os *moirões* e *varões*. Este procedimento, todavia, não chega a ser constante na região.

Os currais, depois de prontos, são atulhados na sua base, com pedaços de madeira, galhos de árvores, palha, pedra, para evitar o escavamento erosivo prematuro de sua base e provocar sua queda pela força da maré. Por isso, de quando em vez são necessários reparos dessa natureza e ainda outros, que o trabalho do pescador requer com relação à estrutura do curral.

Atualmente os currais de pesca vêm sofrendo uma mudança no material empregado na sua feitura original. Outrora, eram feitos com os recursos que a natureza circundante oferecia. Hoje, entretanto, já estão introduzindo novo material nas suas construções, devido à facilidade de comunicação com os outros centros mais desenvolvidos e à sofisticação da elaboração tecnológica introduzida pelos japoneses que, em sentido experimental, chegaram a convencer os pescadores da Zona do Salgado a usar os tecidos de malhas em material sintético para a pesca, como o nylon e o fio plástico. Isto vem ocorrendo há 7 anos, ocasionando, assim, uma descaracterização do curral tradicional.

<sup>9</sup> Câmara Cascudo, no seu Dicionário do Folclore Brasileiro (1954:39), assim se refere ao cacuri: “É uma armadilha, para pegar peixes, espécies de barragens, com curral, pari, paritá, tomando a correnteza dos amazônicos e montante” e Bruzzi (1962:237) *Wai-ro* (Tukano) (em nheengatu, cacuri) “consiste num cercado de varetas de paxiúba ou patuá, preso por estacas bem altas e reforçadas, para que a correnteza do rio não a derrube, localizado próximo da beira do rio ou de ilhas por onde sabem que os peixes costumam passar nas enchentes”.

## Material usado e construção de um curral de pesca

O *curral de pesca* é construído empregando-se em geral o material encontrado nos arredores do local ou nos locais de terra firme mais distantes da orla marítima. Os *varões* ou *moirões* são de madeira de mangueiro (*Rhizophora mangle*), siriúba (*Avicenia nitida*), bambu (*Bambusa vulgaris*), tucumã (*Astrocaryun vulgare*), marajá (*Bactris marajá*), cipó titica (*Heteropsis jenmanu*, Oliveira) ou cipó imbê (*Philidrendon imbe*, Schott) e outros tipos de madeira que resistam por algum tempo à salinidade do mar, como por exemplo, a jarana (*Eschwilera jarapa*). Silveira (1979:11), em suas pesquisas na região de Quatipuru, observou que “para a construção desses currais, com exceções dos *moirões*, indispensáveis à sua firmeza e que são retirados dos mangais, todo o material restante vem de outros locais. Assim é que as talas utilizadas são de *tucum*, sendo esta última de maior durabilidade”.

Obtidos os materiais necessários, é escolhida uma área no terreiro do proprietário ou na praia, que é delimitada para armar o *tear* onde são tecidos os *pari* ou panos de *esteira*, colocando-se pontaletes (pequenos piquetes) e a delimitação com cipó. Feita esta operação começa a tecedura do *pari*.

Ao iniciar, aplicam um varão com o comprimento de 3 a 5 metros, conforme a altura do curral. Estes varões se amarram com pares de cipó, distanciados um do outro de 1 a 1,5 m, servem de cintas de segurança e prendem as talas e *varões* que vão constituir os panos de *pari*. A distância entre o *varão* inicial e o que fica no término do *pari* é de braça e meia (3 metros).

Esta operação se desenvolve sob os cuidados de uma a três pessoas, de acordo com o que a ocasião requer. Enquanto uma vai fornecendo as varas e talas, duas fazem a tecedura. Esta se desenvolve da seguinte maneira: apanham vara por vara, tala por tala que são presas entre os pares de cipó.

Uma ponta do cipó passa pelo lado de cima e a outra pelo lado de baixo, prendendo entre si as varas e as talas, à medida que prossegue a tecedura do *pari*. Cada pano deve medir 5 metros de altura e 30 m de largura. É uma tecedura simples entretecida (Figura 16).

Terminado e arrematado um *pano*, ato contínuo iniciam outro e assim sucessivamente, de acordo com a quantidade exigida para a *cobrição* do curral segundo o seu tamanho. À proporção que vão sendo terminados, vão sendo enrolados.

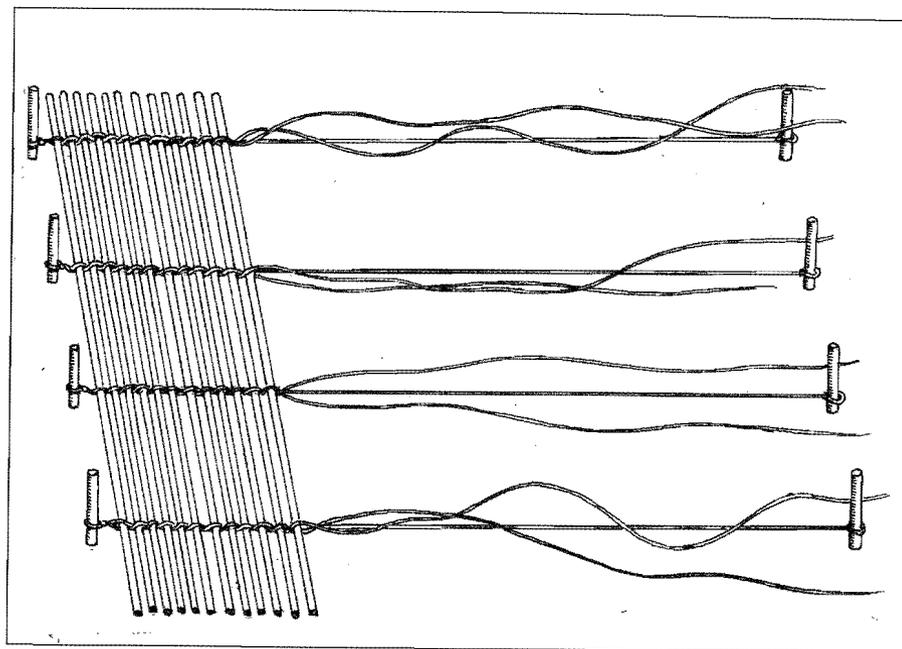


Figura 16 - Pari. Detalhe de tecedura de um pari para curral (Desenho: G. Leite, 1983).

Ao terminarem de tecer os panos de *pari*, já deve estar escolhido o local onde será construído o curral e feita a *marcação*. Esta é a segunda fase de elaboração do *curral*. Trata-se de uma técnica feita por especialista. A *marcação* consiste em posicionar, nos locais apropriados, os currais de pesca. Saber como devem ser colocados os moirões, a distância entre um e outro, no sentido do vento, a direção das correntes marítimas e condições para a entrada do peixe nos currais. Realmente é uma técnica de mestre, sem o que não se alcançarão os resultados desejados.

Na *marcação*, o primeiro *moirão mestre*. Daí partem para a fincagem dos demais. Esta operação é feita a *muque*, como dizem os pescadores locais, porque depende de muito esforço físico.

Atualmente alguns pescadores de Marudá, Bacuriteua e Camará já estão empregando um aparelho de ferro que chamam de *draga*, para facilitar a fixação dos *moirões*. Estes *moirões* são de madeira encontrada na terra firme, nos locais de vegetação secundária, isto é, capoeira. São também usadas na feitura de *moirões* e *varões*, as varas grossas de mangue (*Rhizophora mangle*),

a siriubeira (*Avicenia nitida*), abundante nas várzeas que delineiam a orla marítima do município de Marapanim. A madeira siriubeira e do mangue são consideradas de grande resistência à água salgada e também à caraca marinha (*Craca* - crustáceo balanídeo). Chegam a durar 8 meses a um ano, dependendo do local onde está armado o *curral*.

Os *moirões* e *varões* servem para dar estabilidade estrutural a esse tipo de armadilha. Logo a seguir, posiciona-se um moirão de cada lado do moirão mestre. Daí seguem sucessivamente os pares dos *moirões* distanciados um do outro braça e meia (3m), marcando: um par nos cantos do *chiqueiro*, outro na entrada do mesmo, outro nos cantos e na *boca da sala*.

Centralizado entre estes dois últimos pares, é posicionado o *moirão da espia*. Ao todo são oito moirões mais importantes do curral de pesca. Os demais não deixam de ser importantes, pois o conjunto de todos eles é que forma a estrutura básica do curral de pesca.

Fincados os moirões básicos do *curral*, passam a fazer a *muração*, que é a fincagem dos demais *moirões* e *tornos*. Os *tornos* ou *piquetes* são pedaços de madeira que servem para dar maior firmeza aos moirões. Para isso são colocados rentes aos moirões, dando a forma do curral, ou seja, em todo o perímetro circundante do aparelho - facilitando a operação da *cobrição*. A colocação dos módulos de *pari* ou *esteiras* vem se prender aos moirões. Esta operação é realizada da mesma maneira como se faz para se colocar os *moirões*, *varões* e *tornos*, básicos da *marcação*.

Do mesmo modo com que foram fincados os moirões das dependências do curral, procede-se com os *moirões* e *varões* da espia. Estes geralmente são mais grossos do que os demais. De acordo com a sua extensão, a *espia* pode conter até 150 *moirões* e 170 *varões* e ainda 100 cintas de cipó para atar os *moirões* uns aos outros, quando na fase da *cintagem*. Numa espia pode haver até 6 *panos de esteira* ou *pari*. A operação do preparo da espia denominam de *muração*.

Terminada a *marcação* e *muração*, em seqüência vem a *cintagem* e *cobrição*.

A *cintagem* é a fase em que se vai fazer a interligação dos moirões, uns com os outros, por meio de varas de mangue e cipó títica, em sentido horizontal em todo o perímetro do curral e espia. A primeira *cintagem* é feita na base dos moirões. Logo a seguir vem a segunda ordem de cinta, a uma

distância de braça e meia a duas braças, e assim sucessivamente - o que for preciso para dar firmeza ao curral. Cada curral, de acordo com a sua altura, pode receber até seis ordens de cintas.

Terminada esta operação, passam para a fase de *cobrição* que é fase final da construção do curral de pesca. Consiste em prender os panos de esteira ou pari aos moirões e varões com cipós pela parte interna da conformação do curral. Dessa maneira ficam bem ajustados, reforçando a estrutura do aparelho.

É dado início à *cobrição*, em primeiro lugar, pela roda do chiqueiro, a seguir o comprimento chamado *sala* e, por último, a *espia*. A colocação das esteiras ou pari começa pela base do curral, de maneira a ficar a parte inferior do pari enterrada na areia (solo do mar ou leito do rio), daí vão atando pari por pari aos moirões e varões e, ao mesmo tempo, emendando um ao outro por uma tecedura de cipós, continuamente, formando a cercadura ou *cobrição*. Após a *cobrição do chiqueiro*, passam à *cobrição da sala* e, por último, a *espia*.

Os intervalos que ficam entre os varões e a tecedura do pari, depois de acabados, sofrem a operação de reparos, na altura de um terço, no sentido da base para cima. Aí são intercaladas telas de bambu ou varinha de mangue, para o pari ficar bem compacto nessa altura, evitando que os peixes retirados do curral escapem através das frestas esparsas. Quanto aos 2/3 restantes da altura dos pari, permanecem esparsos, para que tanto a correnteza da maré, como o vento tenham passagem livre, pois se assim não for, o impacto das marés e a força do vento podem causar o desabamento do aparelho de pesca. A *cobrição* representa a conclusão do curral. Dela participam várias pessoas, a convite do proprietário ou por oferecimento espontâneo de parentes e amigos. É uma fase de reciprocidade afetiva onde a cachaça (birita) e outras bebidas alcóolicas são generosamente proporcionadas pelo dono do curral.

Esta operação pode durar até 3 ou 4 dias, dependendo do tamanho do curral e o refluxo das marés, ou seja, da maré vazante. Quando esta, no local do curral, fica à altura da cintura de um homem, torna-se possível o trabalho, tanto na *cobrição* como na *marcação*, em se tratando de curral-de-fora. As pessoas que tomam parte na *cobrição* devem ter muita prática e destreza. As etapas desta operação são observadas no espaço e no tempo da meia vazante e fluxo ou enchente da maré. Esta, ao começar a subir de nível, não dá condições ao trabalho e, só no dia seguinte é que se retoma a operação.

Este fenômeno natural é que vai delimitar o tempo de trabalho e o número de pessoas que dele tomam parte.

## Formas de curral e localização

O curral, como já observamos, é um aparelho de pesca fixo e de grandes dimensões, com dependências específicas e formas variadas. As mais comuns são:

1) Curral de coração, compõe-se de:

a) *Espia* é a peça que se projeta em linha reta, num percurso variável de 9 até 22 braças (18 a 36m)<sup>10</sup>

Na extensão da *espia*, pode-se contar até 16 moirões distanciados uns dos outros em até braça e meia (3m), formando a muração. Estes moirões são presos por três ordens de *cintas*. Os *panos de esteiras* ou *pari de talas* ou varinhas de madeira firmemente amarrados com cipó *títica* formam uma parede que serve para interceptar os peixes que acompanham a correnteza da maré enchente ou vazante, no caso dos currais *coração* e *cachimbo*. O peixe, encontrando a parede da *espia* tenta passagem para escapar da armadilha termina por encontrar a *boca da sala* e nela penetra, ficando sem saída.

b) *Sala* é a dependência espaçosa, com uma área de 144 braças quadradas (188m<sup>2</sup>) e 22 palmos (4,80m) de altura, configurando um coração, característica que dá nome ao curral. O peixe, ao entrar na sua área, fica “*vadiando*”, até encontrar a *boca do chiqueiro* e nele penetrar.

c) *Chiqueiro* é a dependência que tem forma circular em todos os currais. Seu contorno chama-se *roda do chiqueiro*, com o corte em forma ligeiramente triangular, formando a entrada da boca.

A área do *chiqueiro* mede em geral oito braças quadradas (16m<sup>2</sup>) e 22 palmos (4,80m) de altura. É no *chiqueiro* que o peixe fica retido até a baixa mar, quando se dá a despesca do *curral*.

d) *Língua do chiqueiro* é formada pela continuidade das paredes da sala, que de adentram na *roda do chiqueiro*, numa extensão de braça e meia (3m). De forma triangular apresenta no vértice uma abertura denominada *boca do chiqueiro*, que dá passagem aos peixes retidos na sala para a dependência do *chiqueiro*.

<sup>10</sup> Medidas convencionadas no local que corresponde à unidade de comprimento equivalente: Braça 2,00m; Palmo: 0,22cm.

e) *Viagem*, no *curral de cachimbo*, é o espaço livre compreendido entre a *roda do chiqueiro* e a *espia*, para o peixe encontrar a entrada da *sala*; no *curral-coração*, é o espaço que contorna um dos lados do coração e a *espia* que leva à *boca da sala*, tendo dois segmentos denominados a *viagem de fora* e a *viagem de dentro*, como podem ser verificadas nas plantas baixas dos respectivos currais.

f) *Puxás* são os últimos complementos colocados no *curral*, em número de 2 a 4. A quantidade é opcional. São cordas de *cipó títica* (*Hetepsis jemanu*, Oliveira) ou *imbé* (*Philidrendon imbe* Schott) ou fios de arame, colocados presos nos *moirões* e *varões* que formam a estrutura básica do *curral*. São eles que sustentam as paredes de *pari* que cercam o aparelho.

Estes *puxás* são presos a cada um dos *moirões* que ladeiam pela esquerda e direita do *moirão-mestre*. Partindo daí, em sua trajetória, entrecruzam-se formando um “X” e vão prender-se no terço superior dos *calões da boca do chiqueiro*. Bem retesados, os *puxás* fazem tração entre os *moirões* e *calões* que sustentam as paredes de *pari* do *curral de pesca*. Os outros dois *puxás*, dois *moirões* sucedem aos que ladeiam o *moirão-mestre*, em projeção reta, vindo prender-se no meio dos *calões* acima mencionados.

Estes complementos reforçam as paredes que servem de *cobrição* (cercadura) do *curral*, não as deixando tombar ou cair precocemente. Os referidos elementos também entram na composição dos outros currais, a seguir descritos.

## Curral cachimbo ou meia lua

O *curral cachimbo* ou *meia lua* (Figura 17) se diferencia do *curral coração*, pela forma da sala que figura a lua na fase crescente ou pelo conjunto da *sala* e *chiqueiro* que dá idéia de um *cachimbo* estilizado, aspectos estes que dão nome à armadilha. Quanto às dependências, o material nelas empregado, as técnicas de construção e de colocação são as mesmas do *curral de coração* (Figura 18), tendo a mesma finalidade. A composição é a seguinte: *espia*, *viagem*, *boca da sala*, *sala*, *boca do chiqueiro*. A dimensão depende do poder econômico do proprietário. Pode ter as mesmas dimensões do *curral coração* ou pode ser um pouco menor. No que diz respeito à localização, é também uma questão opcional do seu proprietário, podendo ser um *curral-de-fora* ou um *curral-de-beira*.

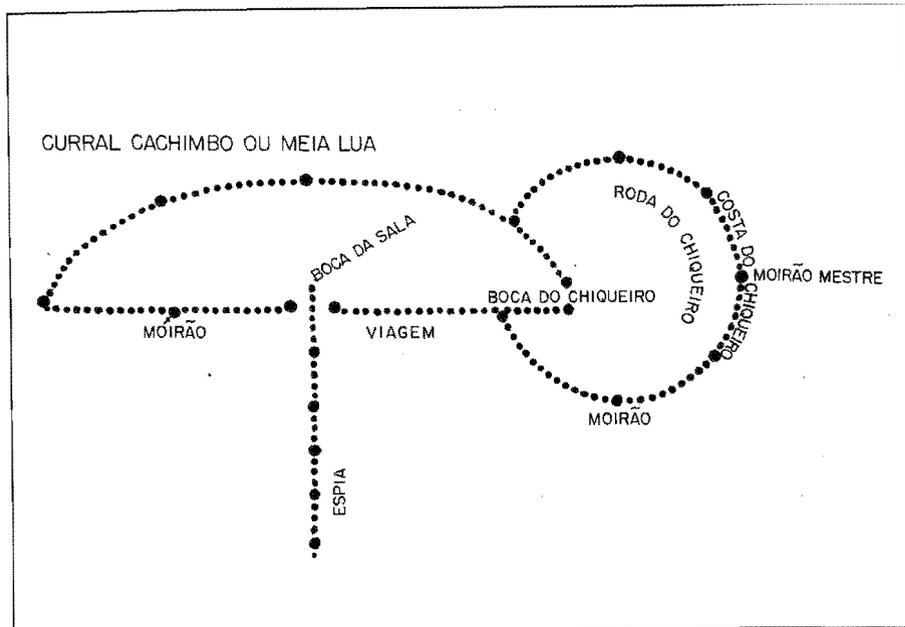


Figura 17 - Planta baixa do curral de um curral cachimbo ou meia lua.

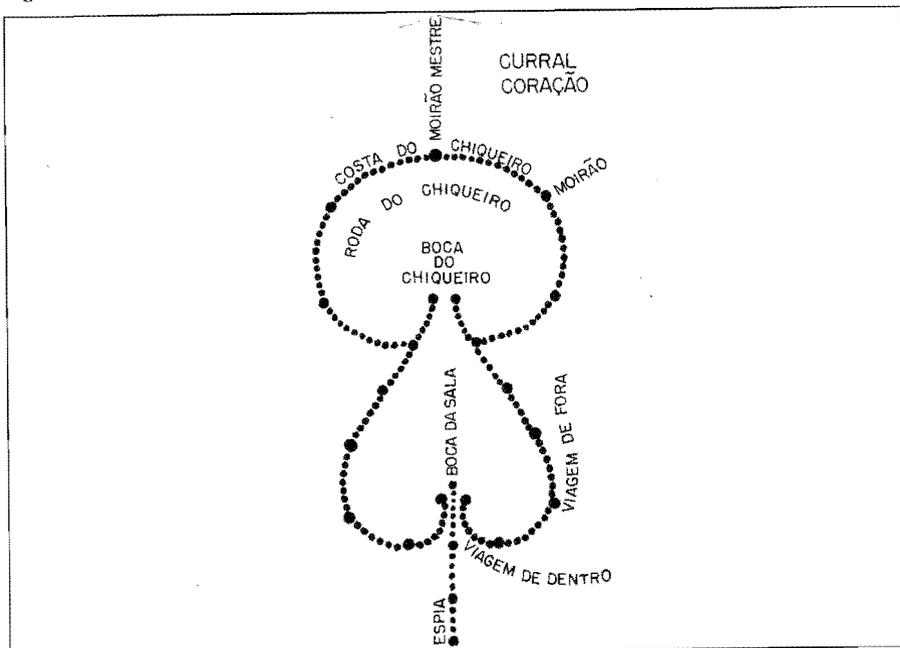


Figura 18 - Planta baixa de um curral coração.

### Curral Caçoeira ou de Enfia

Este tipo de curral diferencia-se dos já descritos quanto à forma e a natureza do aparelhamento em relação ao pescado. O material empregado, a técnica de construção são as mesmas. O curral caçoeira ou de enfia não possui *viagem* nem *sala*; possui duas espias, em vez de uma, e outros aspectos diferenciais que mencionaremos adiante (Figura 19). Compõe-se de espias e chiqueiro, uma boca do chiqueiro e a língua do chiqueiro.

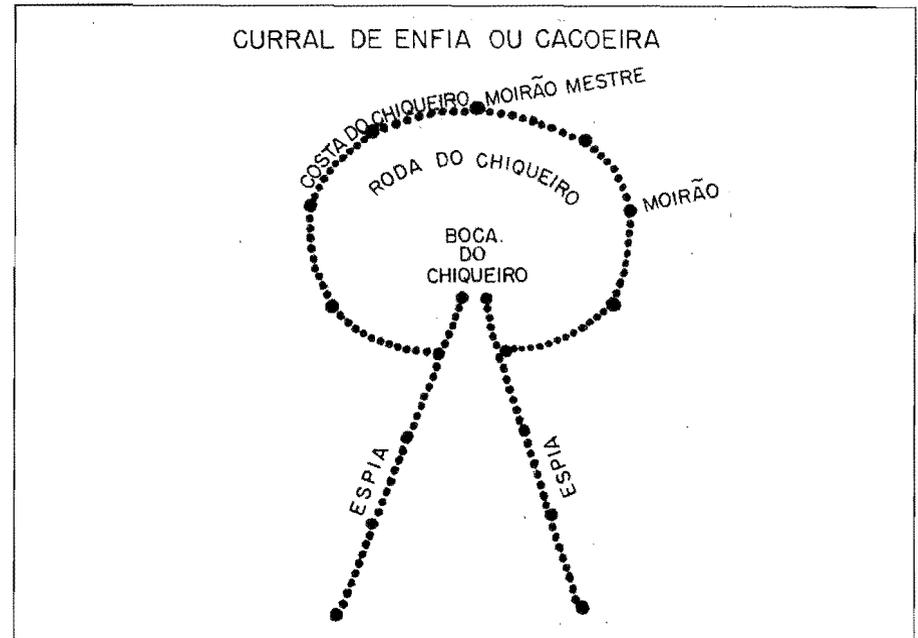


Figura 19 - Planta baixa do curral de enfia ou caçoeira.

As *espias*, em número de duas, abrem-se em forma de um triângulo de 72° (abertura afunilada), projeta-se em linha reta, num percurso variável de 9 até 22 braças (18,10m a 48,80m) e medem 20 palmos de altura, adentrando as extremidades das suas paredes que se vão afunilando braça e meia (3m) em direção ao centro cujo vértice fica em aberto, formando a *boca do chiqueiro*.

O chiqueiro desse tipo de curral de pesca é semelhante aos dos já descritos e a função é a mesma: o apresamento do peixe. No tocante aos *puxás*, se procede como nos demais currais de pesca, apenas acrescido de um que é colocado nas extremidades superiores dos varões que marcam os cantos do

*chiqueiro*, bem retesados de um lado ao outro, fazendo tração para a segurança das paredes ou *panos de esteira* ou *pari*, não deixando tombar. Podem ser construídos em cima das *croas de praia* (bancos de areia), ao longo da orla marítima ou praiana e, principalmente, durante a vazante.

O seu posicionamento deve ser feito de modo a receber a correnteza da maré vazante, entre as duas espias, que favorecem a captura dos peixes em cardume que acompanham a correnteza. Este *curral* é conhecido também como *curral de vazante*, pois é nesta ocasião que se torna eficiente o apresamento do peixe, esta é mais uma característica que o diferencia dos demais *currais de pesca*, quanto ao seu posicionamento. Para Silveira (1979:53) “dos 2 tipos de curral existentes, o tipo *enfia* é preferido não apenas pela forma mais simples, como também por ficar próximo à praia, secando totalmente na vazante, o que facilita a despesca, por isso é também chamado localmente de curral do ‘lavrado’”.

O curral *enfia* ou *caçoeira*, na região, é considerado uma armadilha predadora, pois nele são apresados não só os peixes de maior porte, como os peixes pequenos que não servem para comercialização e nem alimentação. Há mesmo até proibição de armá-los na região do Salgado.

Atualmente, há proprietários de currais de pesca, que já estão aplicando panos de malhas de fio plástico nas dependências do *chiqueiro*, em vez do material tradicional, como pano de esteira de tala e madeira ou *pari*. A amarração dos varões, moirões e cintagem é feita com cordas de nylon ou fios plásticos em vez do tradicional cipó<sup>11</sup>.

## TAPAGEM COM REDE DE MALHA

*Tapagem* é uma armadilha usada pelos pescadores, geralmente feita nos braços de mar que penetram terra adentro, prolongando por vários quilômetros. Ocorre, também, na foz de pequenos rios e igarapés de água doce, que sofrem influência dos fluxos e refluxos das marés.

<sup>11</sup> Bordalo (1957) nos informa que o material tradicional e natural empregado na feitura desse tipo de armadilha de pesca, no litoral de Bragança, vem sofrendo substituição por material industrializado, como plástico (fios de polietileno). Quanto às localizações dessas armadilhas, são instaladas nas embocaduras dos rios e praias do litoral.

Nesses braços de mar, os peixes penetram em busca de alimentos, que podem ser frutos silvestres, detritos e peixes de pequeno porte que aí fazem o seu habitat<sup>12</sup>.

Nos braços de mar e igarapés mais estreitos, são colocados previamente varões e moirões de madeira de mangue (*Rhizophora mangle*) ou siriúba (*Avicenia nitida*), dispostos em fileiras que atravessam o leito do braço de mar ou igarapé de uma margem a outra; isto constitui a *murada* (Figura 20).

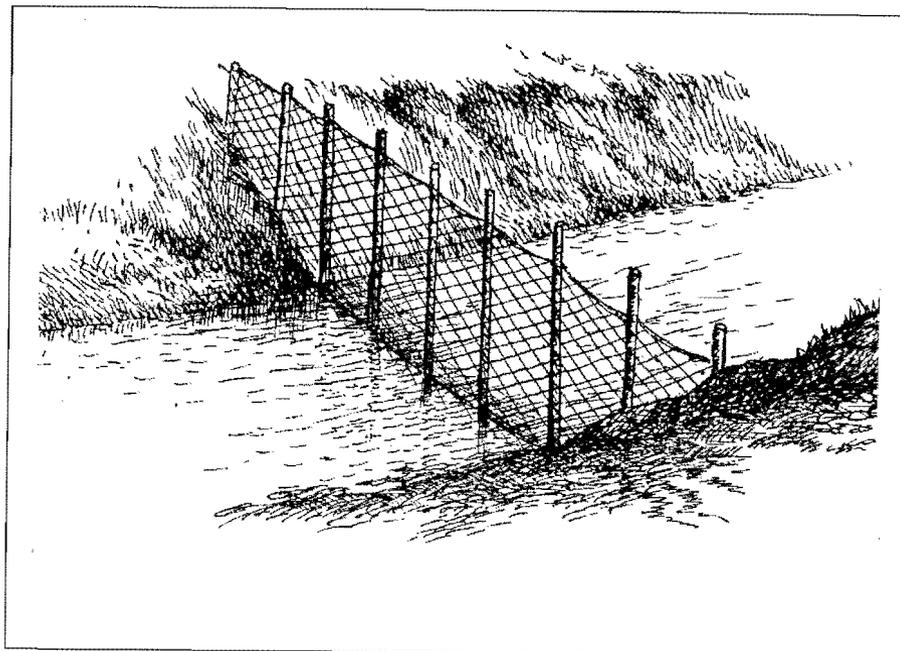


Figura 20 - Tapagem com rede de malha e murada (In: Furtado, 1987. Desenho: G. Leite, 1983)

Colocada a murada no local previamente escolhido, os pescadores esperam a maré cheia ou preamar, tomam uma montaria ou casco, com os aparelhos necessários: terçados, remos, paneiros e uma rede de malhar, que vai servir para a tapagem. Chegando ao local da tapagem, preparado com a

<sup>12</sup> Brabo (1979:29) refere-se a este tipo de armadilha de pesca usada no município de Muaná, região do Marajó, que difere da praticada na Zona do Salgado, município de Marapanim, por ser um “processo denominado tapagem de fechar igarapé, nos quais fazem os poços quando secos. Com a enchente da maré, os peixes ficam retidos nesses poços, e depois faz-se a *despesca*”.

murada, os pescadores prendem a montaria ou casco nos ramos dos arbustos que margeiam o local e começam a operação tapagem. Ela consiste, primeiramente, em prender a borda da rede nas pontas dois moirões ou varões, que constituem a murada; logo a seguir, um dos pescadores mergulha n'água até alcançar o fundo do leito do igarapé ou braço de mar, já levando alguns cambitos (ganchos ou pequenas forquilhas) cortados das árvores. O pescador, ao chegar ao fundo do leito, prende ao solo, com cambitos em toda a sua extensão, a borda da rede de malhar que está submersa.

Feito isto, está terminada a operação tapagem, daí os pescadores retornam para casa e vão esperar a baixa mar ou maré vazante. Quando chega a meia vazante os pescadores voltam ao local da tapagem. Na plenitude da baixa mar ou maré seca, os peixes retidos pela rede tapagem se debatem na lama, então o trabalho é só apanhar os peixes em panciros e recolher a rede de malhar. Esta rede difere das usadas na pesca comum, por não ter bóias nem *chumbada*, é apenas um pano de malhas proporcional à largura do local em que se vai fazer a tapagem.

Muitas vezes, quando o local da tapagem dista muito do local de moradia, costumam pernoitar no local para esperarem a maré secar, a fim de recolherem o peixe. Para isto, levam um pequeno fogão de lata ou um pedaço de flandre para acender o fogo, a fim de preparar o alimento e, ao mesmo tempo, provocar fumaça para espantar as pragas (maruim, muriçoca e outros insetos hematófagos).

Há, ainda, outro tipo de tapagem simples, feito com redes de malhas. É a que se faz sem o preparo prévio dos varões e moirões para a murada.

Localiza-se um braço de mar ou igarapé que não seja muito largo, propício a uma tapagem. Espera-se a maré encher e “parar” (preamar) e prende-se uma das bordaduras da rede de malhar nos galhos dos arbustos que margeiam o local, tanto da margem esquerda como da direita. Feito isto, os pescadores soltam a rede e mergulham para prendê-la ao solo do leito, com cambitos, aparelho a que já nos referimos quando falamos no outro tipo de tapagem.

Daí é só esperar a maré secar para apanhar o peixe que ficou retido pela tapagem, da maneira descrita no processo anterior (Figura 21).

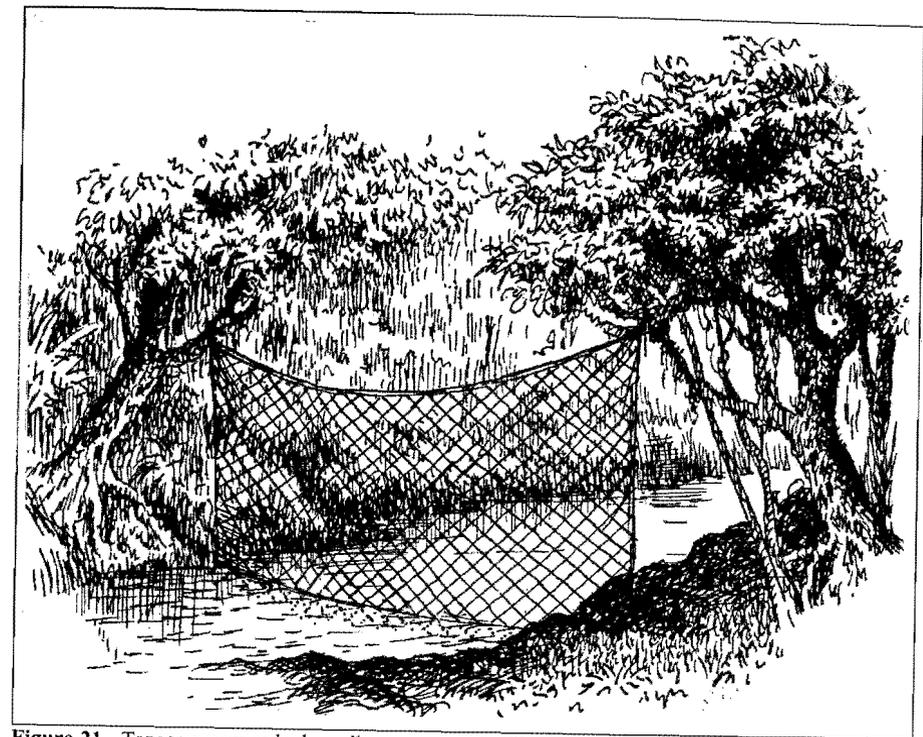


Figura 21 - Tapagem com rede de malha sem muração (Desenho: G. Leite, 1983).

### Tapagem com *Pari*

O processo de tapagem já era empregado por alguns grupos indígenas. Erasmo Stradelli (1929:592), diz:

“Pari gradeado feito de fasquios de madeira de preferência de espiques de palmeira paxiúba, amarradas com cipó, com que barram a boca dos lagos ou dos igarapés para impedir a saída do peixe, ou com que constróem os currais e cacuris”, apresentando variantes de local, tais como *jequi*, *cacuri* e *pari*, termos indígenas (em Nheengatú ou Língua Geral) que, conforme o contato com o branco, começaram a ser substituídos por outras denominações como o *cercado* ou *currais* e, ainda, esteiras<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Referimo-nos a este tipo de armadilha de pesca por ter sido observado pessoalmente em outros locais, como Marajó, Alto Araguaia e Tocantins, e, inclusive em contatos com os índios Karajá.

Antes do aparecimento dos currais de pesca na região da Zona do Salgado, o uso do pari para fazer as tapagens era muito corrente.

Eram feitos da maneira descrita quando falamos do material usado na construção dos currais de pesca. Os pescadores que se dedicavam à pesca de tapagem teciam duas, três, ou mais esteiras de tala, de madeira, ou seja, o pari, de modo a proceder, com esta peça, ao fechamento do igarapé ou braço de mar na sua largura. Feita a implantação dos varões ou moirões, forma-se a base da parede da tapagem, deixando um espaço livre no meio da extensão da parede do pari, preso só de um lado, como se fosse um portão (Figura 22). Quando a maré chegava na preamar, mergulhavam n'água e fechavam aquele espaço aberto. Assim procediam, e ainda procedem em alguns locais para que o peixe, acompanhando a penetração das águas, ultrapasse o espaço, ficando retido com a vazante da maré. A retirada do peixe se procede do mesmo modo descrito nos demais tipos de tapagem.

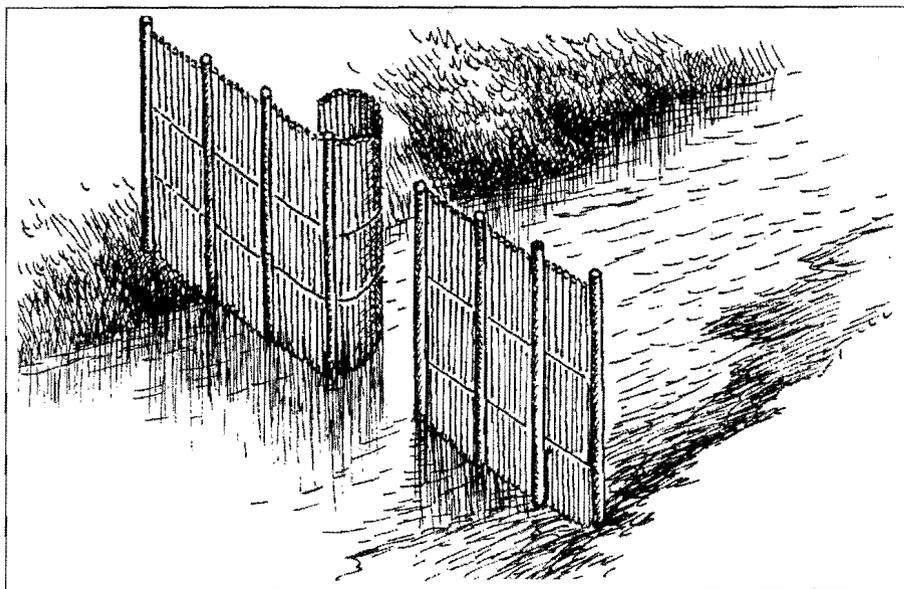


Figura 22 - Tapagem com pari e muração (Desenho: G. Leite, 1983).

Atualmente a pesca com a armadilha tapagem já não é tão utilizada como outrora, apenas existindo alguns remanescentes desta modalidade de pescaria. Isto porque, além de já existirem outros tipos, está sendo proibida pelo IBAMA, uma vez que as muradas tornam-se perigosas para as embarcações,

mormente quando a viagem é feita à noite com a maré vazante. Por outro lado, a obsolescência dessa modalidade de pesca não é de se integrar no fluxo de comercialização na Zona do Salgado.

### Munzuá

O *munzuá* é um tipo de armadilha de pesca usada esporadicamente. Silveira (1979:50-51) mostra que “a pesca realizada com *munzuá* é proibida pela legislação pesqueira, pois a isca utilizada é quase sempre a sardinha em decomposição, chegando alguns pescadores a enterrá-la na praia para que apodreça com rapidez. O peixe mais capturado nessa armadilha é o bagre. E ao ser consumido, provoca cólicas, diarreias, sendo, por isso, quase sempre vendido salgado. Essa técnica de conservação evita a rápida identificação do meio utilizado no seu aprisionamento, pois, quando fresco, exala um odor que o identifica como tendo sido capturado com o *munzuá*. Sua conformação e composição é muito simples, facilmente manejável. É empregado na pesca de peixes de pequeno porte e na pesca do camarão. É feito de tala de bambu, tucumã ou marajá, do mesmo modo que com o pari. Seu aspecto se assemelha a um barril: forma elíptica, com as extremidades voltadas para dentro em forma de funil (Figura 23).

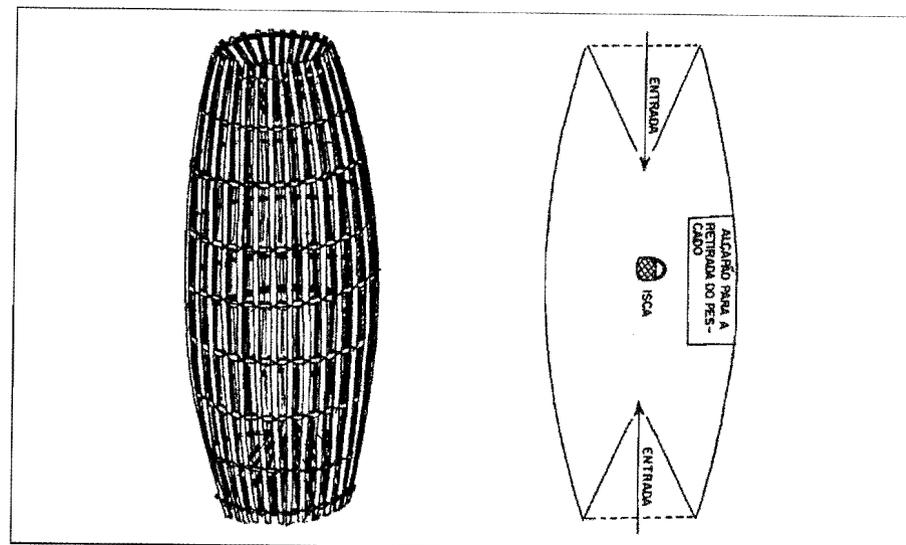


Figura 23 - Munzuá. Armadilha para apresar camarões e peixes de pequeno porte (Desenho: G. Leite, 1983).

Para formar a estrutura do munzuá, prepara-se antecipadamente três pares de aros de cipó titica ou varas flexíveis de madeira que, vergadas, tomam a forma de aros, com um diâmetro de 36 a 58cm, e as talas com o comprimento de 1,29m. Os munzuás variam de 80cm até 1,50m.

Preparam-se as talas no tamanho determinado e vai-se prendendo em primeiro lugar, em volta do aro menor de 36m. Feito isto, numa distância de 21 cm (que todos devem estar um do outro), passa-se a prender o aro médio de 50cm. Do mesmo modo que o primeiro, e, em seqüência, prende-se o aro maior de 58cm, o que significa a metade do aparelho, e daí prossegue-se o trabalho, da outra metade, como se operou na primeira parte. Presos todos os aros de cipó nas talas, está terminado o corpo do munzuá, vai-se, então, preparar as bocas nas duas extremidades.

Em primeiro lugar, preparam-se 6 aros de cipó, sendo 2 de 13cm, 2 de 20cm e mais 2 de 32cm para a montagem das bocas afuniladas. Em primeiro lugar, passa-se a prender as talas pela parte larga em volta do aro maior de 32cm. Estando bem presas, procede-se, numa distância de 20cm, à amarração das talas ao aro de 20cm, e, finalmente ao aro menor de 13cm, e a peça toma a forma de um funil, na parte mais estreita fica a *boca*, formada pelas pontas das talas em estiletes. São necessárias duas peças desse tipo, uma para cada extremidade do munzuá.

Estando prontas, essas duas peças são adaptadas e presas com cipó titica a cada uma das aberturas das extremidades do corpo do munzuá, com a parte mais estreita, e as talas pontiagudas voltadas para o interior do aparelho. Terminada esta operação, cortam-se 6 a 7 talas bem no meio do corpo do munzuá entre os dois aros maiores, para formar uma abertura retangular chamada janela, para a qual é feito um tampão de talas proporcional à abertura, adaptada de maneira que se possa abrir e fechar. A janela serve para facilitar a colocação da isca apropriada, dentro de um pequeno paneiro que é chamado de *isqueira*, preso no interior do corpo do munzuá, para atrair o peixe ou camarão.

Para fazer a pesca com o munzuá, os pescadores introduzem no interior do aparelho várias pedras que o farão submergir. Geralmente o munzuá é

submerso nos locais de remanso<sup>14</sup>, nos rios, nas embocaduras dos rios e na orla marítima. Quando se faz a submersão do munzuá para a pesca, prende-se o mesmo ao meio, à extremidade de uma longa corda que passa a alcançar uma determinada profundidade. A outra extremidade da corda é presa ou amarrada num dos galhos das árvores que margeiam o local da pesca.

Não é preciso que se espere a maré vaziar para fazer a despesca do munzuá, pois numa mesma maré pode-se despescá-lo e usá-lo várias vezes.

Para despescá-lo basta que se puxe a corda para fazer a emersão e retirar os peixes ou camarões apresados.

### Matapi

É uma armadilha de pesca feita de tala de guarumã (*Ischnossiphon* sp.) ou de tucumã (*Astrocaryum vulgare*) e ainda de inajá (*Maxiliana regia* Mart.), de forma cônica ou afunilada. Sua elaboração consiste em se juntar várias talas com o comprimento de até 1m, enfeixadas e amarradas com cipó titica (*Heteripis jenmanu* Oliveira) numa extremidade. Feita esta operação, passam a sua tecedura da seguinte maneira: com fios de cipó titica vão tecendo e prendendo tala por tala, passando um cipó pelo lado de cima e outro por baixo do fundo. A proporção que progride o trançado, vão espaçando a abertura da tala até chegar à abertura da boca, - sua parte mais larga - que lhe confere a forma cônica. Os cipós que dão início à trança, seguem até o arremate na boca, descrevendo em torno do corpo da peça uma figura helipsoidal (trajetória da hélice) (Figura 24).

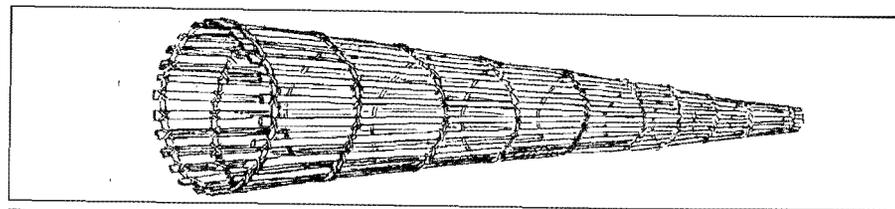


Figura 24 - Matapi fetio de talas de arumã ou inajá (Desenho: G. Leite, 1983).

<sup>14</sup> Conforme temos observado, nos rios e orla marítima da Zona do Salgado, o remanso é o local onde a correnteza impele as águas fluviais ou marítimas em sentido contrário, pela força dinâmica do fluxo e refluxo, causadas por acidentes geográficos e topográficos que se opõem à correnteza, onde as águas ficam parcialmente paradas. O que vem confirmar Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, página 1041 - remanso;... água do rio que corre, na beirada, em direção contrária a do caudal, em virtude de ponta de terra, fins de praias, enseadas, onde o ângulo morto dá origem a uma espécie de refluxo fluvial - Amazônia”.

Este tipo de armadilha com trançado espaçado serve para capturar peixes de pequeno porte para isca.

No fundo ou ápice do cone, colocam a isca para atrair o pescado; feito isto, levam ao mar ou braço de mar, rios e igarapés e o prendem submerso, deixando-o aí por algumas horas, sendo depois retirado para colher o pescado. Esta operação pode se repetir várias vezes durante uma maré, na enchente ou na vazante.

### Arpão

É composto de uma vara roliça de madeira de regular espessura, medindo de 2 a 2,50m de comprimento, tendo a parte superior afunilada onde é encaixada a ponta de ferro destacável (Figura 25). A ponta de ferro é composta de dois biséis, rebarba ou figas, como são chamadas no local, a primeira menor e a segunda maior. Na base há uma abertura cônica para proporcionar um acoplamento bem justo na vara do arpão. Esta peça é estrovada a uma linha que mede mais ou menos 20 braças, enrolada na vara desde o encaixe da ponta do arpão até onde alcançar a extensão.

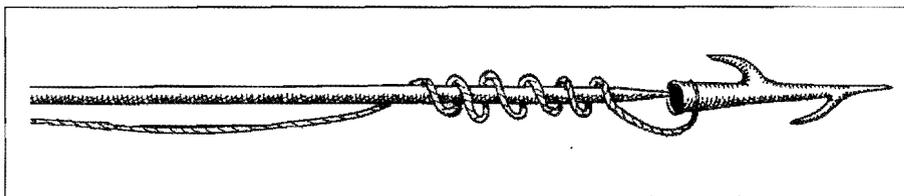


Figura 25 - Arpão. Aparelho de pesca para arpoar pirapema ou outros tipos de peixes de médio a grande porte (Desenho: G. Leite, 1983).

Quando usado na pesca de pirapema e que esta é arpoada, ao fisgar a ponta do arpão se desacopla e o peixe se espanta e tenta se desvencilhar, nadando velozmente, ocasião em que se desenrola a linha da vara do arpão, cuja ponta é segura pelo pescador. Depois que o peixe fisgado se cansar, o pescador recolhe a linha apresando-o e embarcando-o.

A pesca de arpão é muito simples, requer apenas duas pessoas numa montaria ou canoa pesqueira. Um homem pilota a embarcação a remo (jacumã) silenciosamente, enquanto adestrado no manejo do arpão, vai em pé na proa da canoa. No momento em que observam a passagem do peixe, tentam

aproximar-se o máximo da presa. Quando este vem à tona, é lançado o arpão, se a presa é atingida, procedem como já falamos em tópico acima. Atualmente este instrumento, só esporadicamente é usado na região estudada.

### TIPOS DE EMBARCAÇÕES

Na Zona do Salgado, os tipos de embarcações são variados. Os mais usados são: o casco simples, a montaria, a lancha e a canoa pesqueira.

As madeiras que se prestam para a elaboração de um casco são de variadas espécies, tais como: a cupiúba (*Goupia glabera*), piquiá (*Caruocar villisum*), louro (Louro - família das Lauráceas), tatajuba (*Bragas guianensis*), pracaxi (*Pentaclertha filamentosa*), jarana (*Aschwekera jarana*), angelim (*Hemolobium petracum*, Ducke), pau amarelo (*Euxiulophora paraensis*, Hub), acapu (*Vancapova amaericana*, Adub.), etc. Estas madeiras são resistentes às águas.

Furtado (1987:236-237) se reporta a tipo de embarcações, às técnicas empregadas e às suas fases de elaboração, segundo informações de pescadores locais, diz a autora que:

“para se fazer um casco, necessita-se de uma tora de madeira que varia de 20 a 30 palmos de comprimento que é submetida a um processo de entalhamento, escavação, dilatação e queima para a transformação do casco... Emborca-se o esboço do casco sobre uma forquilha, o qual fica suspenso do chão uns 45 cm, aproximadamente, e acende-se uma fogueira em baixo da abertura ... O casco, além de ser uma embarcação em si, é também o princípio básico da estrutura de uma canoa pesqueira”.

### Casco

Para a elaboração de um casco é escolhido um tronco de árvore de no mínimo 8 palmos de roda (1,76m) em seu contorno, ou seja, com um diâmetro mínimo, de 40 cm. Geralmente a madeira é escolhida pelo artesão especialista no assunto, que é conhecido no local como mestre ou “mestre carapina” (carpinteiro).

Escolhida a árvore cujo tronco corresponde ao tamanho do casco a ser feito, limpam o local fazendo uma pequena clareira junto à árvore.

Marcam o dia para a sua derrubada, que é feita na lua em quarto minguante, ou seja, noite escura, porque se derruba a árvore em fase de lua forte, ou seja, lua nova, crescente ou cheia, a madeira dá bicho ou racha. Esperam a lua abrandar a força, ou seja, lua minguante ou "lua fraca". Outra orientação seguida é de que a derrubada tem que ser realizada pela madrugada, clareando o dia.

Derrubada a árvore, fazem a limpeza da tora, tiram-lhe a casca com um machado bem amolado e lavam com água, daí passam a lavar com a enxó, boleando a peça de madeira, lavrando, modelando, dando a forma do casco, estreitando nas extremidades e gradativamente, deixando no meio, um bojo bem pronunciado, conforme a grossura da peça de madeira (Figura 26). Dada a forma do casco, então na parte onde vai ser a boca do casco, lavram desbastando a madeira até ficar bem plana. Com um trado<sup>15</sup>, fazem vários furos, cuja profundidade pode ser de 2 a 4cm (conforme a espessura prevista para a estrutura do casco), a distância de 3 palmos (66cm) um do outro, em todo o contorno e extensão da peça de madeira. Feita esta operação, passam a escavar com enxó a parte plana onde deve ficar a boca do casco, até encontrar os furos feitos pelo trado, então, aí param, pois já chegou a espessura desejada.

A seguir, vão preparar o *cavalo*, que é uma armação de varas grossas de madeira, que se assemelha a dois "X", cujas extremidades inferiores servem de pernas de sustentação fixadas no chão, distantes uma da outra, correspondendo à extensão do casco. São ligadas entre si por duas varas longas de um lado e do outro na sua base, para dar firmeza ao aparelho. Nas extremidades dos "X", voltados para cima, aberturas em "V", é colocada em cada uma, travessa de madeira, à guisa de segurança e suporte para receber o casco. Esta armação do cavalo deve ter uma altura de 45cm, de modo que se possa acender uma fogueira sob a peça. Além desse tipo de aparelho, existe outro com a mesma finalidade, diferindo desta na sua armação, que é feita do seguinte modo: cortam 4 forquilhas de galhos de árvores, deixando a altura da haste bem longa medindo 80cm. São implantadas no solo, as hastes das forquilhas ficando a uma altura de 40cm. São dispostas duas a duas, uma em frente da outra, na extensão do casco, com uma largura de 1 metro, de modo que as aberturas em "V" fiquem se correspondendo. Colocadas as forquilhas, dispõem-se as travessas apoiadas nas aberturas das forquilhas. Estas travessas servem de suporte para receber o casco. Este tipo de aparelho a que chamam de *jirau*, tem a mesma finalidade do cavalo.

<sup>15</sup> Trado-Verruma, aparelho usado por carpinteiros, para abrir orifícios na madeira.

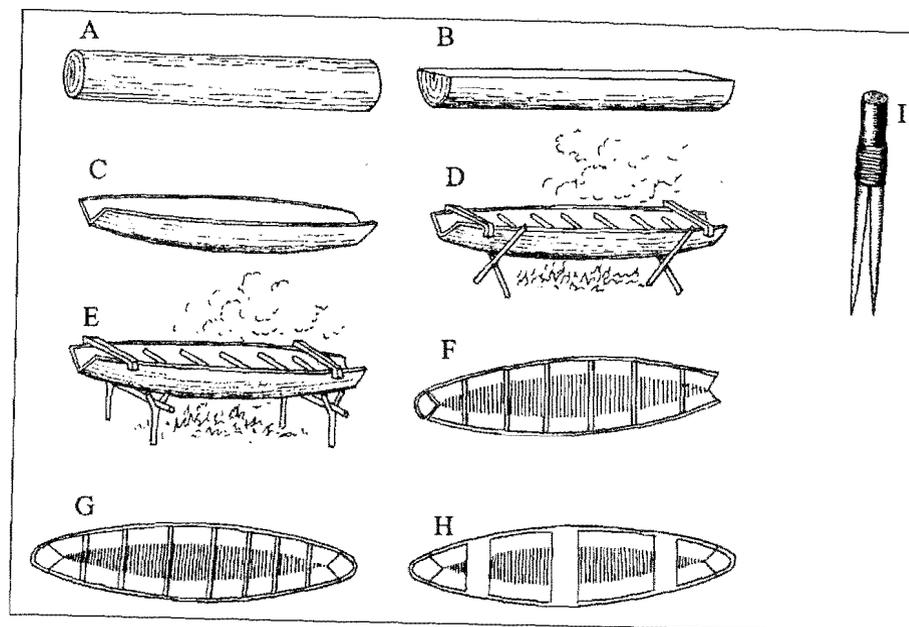


Figura 23 - Sequência da elaboração de um casco:  
a) tora do caule de árvore;  
b) tora de madeira já sem a cristaneira;  
c) casco entalhado;  
d, e) processo de abertura;  
f, g) colocação das rodela;  
h) casco já elaborados com bancos;  
i) tesoura  
(in: Furtado, 1987. Desenho: G. Leite, 1983)

O casco é colocado sobre o cavalo ou no *jirau*, de boca para cima.

Atado fogo à lenha sob o casco a ser aberto, à proporção que o calor incide na madeira da peça, esta amolece e se dilata, o que torna fácil a sua abertura.

Antes de começar a abertura, preparam os torniquetes de madeira e cipó, nas extremidades do casco para que este não venha a se partir ao meio, de ponta a ponta. Colocam as *tesouras* em número de 4 ou mais, conforme a extensão do casco, nos "beços" (borda) do casco, de um lado e do outro.

À proporção que se intensifica o calor na madeira, esta vai cedendo. O "mestre" com os seus auxiliares - 4 ou 6 pessoas - vão forçando a abertura

escavada na madeira do casco, ao mesmo tempo, no sentido de dentro para fora, até a boca do casco ficar com a abertura prevista ou desejada. Estando aberto o casco, colocam os *pontaletes*, que são travessas de madeira, de um lado a outro dos “beços” do casco, em toda a extensão.

Deixam ficar assim vários dias para que, ao esfriar, a madeira não se retraia mais, fechando o casco. Passando os dias determinados, que podem ser de 6 a 8 dias, passam a fazer a limpeza.

Antes de iniciarem a limpeza, fazem uns *tornos* de pedaços da mesma madeira do casco, de modo que entrem, bem ajustados, nos furos feitos pelo *trado* para determinar a grossura do casco e aparam as extremidades dos *tornos*, pela parte externa e interna da peça.

Feito isso, passam à limpeza, que consiste em tirar com a enxó<sup>16</sup> os defeitos que deixaram ficar quando fizeram os desbastes e escavações preliminares na madeira para modelarem a forma do casco. Depois de bem limpas as partes interna e externa do casco, fazem a raspagem com um raspador de ferro, às vezes usam até cacos de garrafas, arrematando, conforme a exigência, com lixa bem grossa, para deixar bem lisa e uniforme a madeira. Terminada essa fase, vão efetuar os arremates necessários, como a colocação das rodela nas aberturas das extremidades, fechando-as para não entrar água.

Muitas vezes, essas extremidades são vedadas provisoriamente, com “barro de louça” (argila empregada em cerâmica).

Concluído o trabalho, os *pontaletes* são substituídos pelos bancos, cujo número varia de 3 a 7, conforme a extensão do casco.

O deslocamento do casco do local em que foi construído é feito do seguinte modo: se é pequeno, 4 a 6 homens colocam-no nos ombros e o conduzem ao córrego ou igarapé. Empurram-no a seguir, pelo leito do igarapé raso até alcançar a parte mais funda e sair na confluência de um igarapé maior ou rio, que leva ao litoral. Se o casco é de grande porte, procedem da seguinte maneira: cortam várias toras de madeira roliças, colocam o casco com

<sup>16</sup> Enxó - instrumento de carpinteiro, para desbastar a madeira, de cabo curto e chapa de aço cortante.

*espinhaço* (fundo do casco) sobre as toras que servem de “roladeiras”, e vão empurrando até alcançar o caudal do igarapé ou rio e o conduzem para o local determinado, par pô-lo em uso ou fazer aparelhamento.

## Montaria

Terminada a elaboração do casco, conduzem para o local de moradia do proprietário ou do mestre, que vai elaborar a *montaria*, lá constroem o estaleiro, que pode ficar à margem do igarapé, rio ou orla marítima. Daí constroem o cavalo, aparelho já descrito quando falamos da elaboração do casco. Colocam o casco de boca para cima, após a retirada das travessas que servem de suporte, ficando a abertura superior do “X”, livre em forma de “V” onde encaixam o casco para fazer a montagem da *montaria*.

O primeiro passo para a montagem é reforçar o casco com as peças de madeira moldadas especialmente, de modo a se ajustarem à formação côncava do fundo do casco. Estas peças de madeira são chamadas *cavernas* que, aplicadas e regadas transversalmente no fundo do casco, dão-lhe resistência, evitando que se parta ao meio. Estas cavernas podem ser em número de 3 a 7 ou mais, conforme o comprimento do casco da montaria.

Em cada extremidade das cavernas, são colocados os braços um de cada lado. São peças levemente recurvadas feitas de madeira resistente, geralmente de piquiá (*Caryocar villosum*). Os braços e cavernas adaptados ao casco, a que se chama esqueleto da montaria, vêm formar a estrutura básica da embarcação.

Posicionados os braços e cavernas em toda a extensão do casco, distante um do outro de 2 a 4 palmos (44 a 88cm) colocam-se um par de *farças*. São duas longas tábuas com um palmo de largura (22cm), cujo comprimento corresponde à extensão do casco, pregadas uma de cada lado nas bordas do casco e nos respectivos braços, com pregos denominados *pregos de cavernas* e *meia caverna* são pregos galvanizados e facetados, adquiridos nas casas comerciais de Belém, do ramo de ferragens. Após essas operações, o casco transforma-se em montaria. Em Marajó, por exemplo, Brabo (1979) observou que “as embarcações que predominam são o casco e a montaria movidas a remo, feitos de tronco inteiriço de grandes árvores” Brabo (1979:29). O casco é empregado, geralmente, em transportes ligeiros e para curtas distâncias, em

locais onde as ondas são menos agitadas, principalmente nos rios e igarapés. É empregado, também, pelo pescador na despesca do curral-da-beira e espinhéis próximos da orla marítima e nos rios, tapagens de igarapés, e outras atividades de menor importância.

O casco é a base originária de outros tipos de embarcações usadas na região, não só no âmbito fluvial, como no litoral da Zona do Salgado.

As variações observadas quanto a essas embarcações são:

1. *Casco simples*, já descrito anteriormente;
2. *Montaria*, constitui-se de um casco aparelhado com um par de *farcas* e um par de *frisos*, de pequeno porte e pouca capacidade de carga. Serve, além de outras utilidades, como canoa de pesca na região estudada.
3. *Montaria grande*, constitui-se de um casco aparelhado com um par de *farcas*, dois pares de *pavesos* e um par de *frisos*, tem capacidade para uma certa quantidade de carga. Geralmente é utilizada como canoa pesqueira.
4. *Reboque*, constituído de um casco, um par de *farcas*, dois pares de *pavesos* e um par de *frisos*, raramente usado como canoa de pesca, e com capacidade para carga mais volumosa e pesada.

Terminada a operação, colocam-se as rodela nas aberturas em forma de “U” das extremidades da montaria. São peças talhadas em madeira, de modo a entrarem bem ajustadas nestas aberturas, e em seguida são pregadas.

Justapostas às *rodela*s, na proa e na popa, são colocados os mancais, que são peças de madeira em conformação de “U”, que reforçam as rodela. As rodela servem para evitar a entrada de água na embarcação.

As extremidades do casco ou da montaria, após a colocação das rodela, determinam a proa e a popa da embarcação. E, prosseguindo a montagem, passam à colocação dos bancos, que podem ser 2 a 7, conforme a dimensão da montaria.

Os bancos são pedaços de tábuas de madeira, com a largura de um palmo (22cm), podendo ser mais largo, como acontece com um dos bancos da canoa pesqueira de que mais adiante falaremos. São cortados em tamanho proporcional, correspondendo à abertura irregular da boca da montaria de proa à popa.

Feitas estas operações, fazem o remate da borda da *farca da montaria* com uma peça denominada *friso*, que é uma régua de madeira abaulada, pregada na extensão das bordas da montaria. Pelo lado externo, de cima para baixo no meio da *rodela de proa* é colocado o gaviete, peça que serve de proteção e definição da proa da embarcação, na extremidade superior é feito um orifício, onde é introduzida a ponta de uma longa corda para prender a embarcação. Na *rodela de popa*, também é colocada uma peça de madeira denominada *cadastro*, cuja utilidade é a colocação de ferragens para a adaptação do leme, quando transformada a embarcação em canoa a vela, de que mais adiante falaremos.

As últimas operações são a calafetação e pintura. A calafetação é a vedação é feita nas *fendas* deixadas por ocasião da pregação das *farcas*, entre a madeira do casco, as *farcas* e a dos *pavesos*. Desta última peça citada falaremos oportunamente no desenvolvimento deste artigo. A calafetação é feita com torsais de estopa apropriada a esta finalidade, encharcada no piche. O mestre e seus auxiliares vão colocando os torsais de estopa com piche em toda a extensão de justaposição das *farcas* com o casco e, com auxílio de uma talhadeira, vão empurrando para dentro da brecha e batendo com um malho. Terminada esta operação, passam a fazer a pintura.

A parte delimitada pelo casco é pintada com piche: da *farca* para cima, aplicam conforme o desejo do proprietário, tinta a óleo nas cores variadas. Terminadas esta última operação, a montaria é levada para a água e posta em uso.

No município de Marapanim (Marudá), a montaria utilizada na pesca não tem cobertura. Essa embarcação pode ser feita com um par de *farcas* e *frisos*, como também conter uma série de dois a três pares de *farcas*, que são denominados de *pavesos*. As *farcas* a partir da segunda ordem, na montagem da montaria, tomam o nome de *pavesos*.

## Reboque

Reboque é outro tipo de embarcação e difere pouco da montaria. Esta diferença está em ter o reboque, a proa e a popa mais largas. Entretanto a sua

elaboração é semelhante à montaria. É usado geralmente para transporte de madeira e carga mais volumosa e pesada. Dificilmente é empregado na pescaria.

### Lancha

É um tipo de embarcação que, em 1974 e 1975, começou a ser utilizada na travessia de passageiros “veranistas” que se dirigiam para as praias da ilha de Algodão situada em frente à Vila de Marudá, separada pelas águas do rio Marapanim (Foto 6).

Aqui queremos chamar a atenção para o fato de que as pessoas do local costumam chamar lancha a qualquer embarcação usada nessa região, que tenha um motor central para impulsioná-la.

Em 1976, quando estivemos fazendo trabalho de campo na Zona do Salgado, observamos que está havendo um largo emprego desse tipo de embarcação na pesca artesanal. Segundo alguns pescadores, a título experimental. Entretanto é um tipo de embarcação que ainda não chegou a se firmar nas atividades pesqueiras, porque requer custos elevados, tais como um motor central, porte das embarcações maiores, óleo combustível e pessoas adestradas para o seu uso e, mesmo, a manutenção do motor. Alguns pescadores dizem que o uso destas embarcações nas pescarias afugenta os cardumes.

O tipo de lancha (Fotos 7 e 8) que estão tentando introduzir nas atividades de pesca, é semelhante no aspecto aos barcos motores empregados para transporte de carga e passageiros das regiões do Baixo e Médio Amazonas, Alto Tocantins e Araguaia, diferindo destes apenas no tamanho, pois são de dimensões muito menores. Geralmente são elaboradas em estaleiros localizados em Marapanim, Vista Alegre e outros locais do município, e, algumas vezes na Vigia. A estrutura do seu casco difere da *canoas pesqueira*. É um casco de forma, isto é, feito de aparelhamento de tábuas, pregadas no *esqueleto* ou estrutura formada pelos *cavernames* e *braços* fixados numa peça de madeira, que é uma viga corrida de proa a popa, que ao mesmo tempo serve de quilha, que se projeta até junto ao leme e também serve de cama do eixo do motor central.



Fotos 6, 7 e 8 -Tipos de lanchas que navegam ao longo do litoral da Zona do Salgado (Foto 7: Lourdes Furtado, 1976; Fotos: 6 e 8: Arian Nery, 1984).

Na proa, corre um soalho formando o convés; logo após, está localizada a *casa-de-comando*, com o respectivo timão. Em seguida vem a escotilha que leva ao porão, onde se armazena o gelo para acondicionar o pescado, quando a lancha é destinada à pesca; do contrário, serve para a carga dos passageiros. Após a escotilha, vem a *casa-de-ré*, ou seja, a camarilha para acomodação dos passageiros, ou, na ausência destes, o acondicionamento de carga; aí é localizado também o motor central. Esta dependência acompanha a conformação do casco, elevando-se da linha d'água a uma altura de metro e meio, em seu topo corre uma cobertura (toldo), de tábuas aparelhadas, pintadas pelo lado externo com betume (piche). Sobre este é aplicado um lençol de "ruberóide" que impermeabiliza a cobertura.

A popa tem geralmente forma arredondada, com um soalho que acompanha a sua conformação. Aí fica localizado o leme e a respectiva engrenagem. Nas paredes laterais da *casa-de-ré*, são abertas as portinhas ou janelas que podem ser duas, três ou mais, inclusive uma na popa para a ventilação. Na frente fica o *portaló*, ou seja, o local onde os passageiros entram e saem ou por onde fazem a carga e descarga desse compartimento.

Da *casa-de-comando*, ligadas ao timão, partem duas cordas pelos lados direito e esquerdo em toda a extensão da embarcação, até a engrenagem do leme que fica na popa, guiadas por carretilhas, para mover o leme dando direção a embarcação. Em algumas lanchas, costuma-se colocar um pequeno mastro com o mastaréu, fixado na *casa-de-comando* ou no topo da camarilha.

## Biana

Dentre as embarcações usadas no município de Marapanim cabe referir ainda um tipo que difere das usuais no local, tipo este que vem sendo introduzido por nordestinos procedentes do Ceará, que migraram para a Vila de Marudá. Trata-se da *Biana*, cuja estrutura básica não tem origem no casco.

Consiste no aparelhamento de tábuas, presas com atracação de madeira, 3 a 4 vigas de madeira que prendem transversalmente as tábuas dispostas uma ao lado da outra, formando um tablado à maneira de jangada. Formado o tablado plano, é dada a forma convencional do modelado da canoa. Nos lados são aplicadas as farcas e os pavesos dando profundidade à embarcação. Seus elementos são os bancos, leme, os cordoames essenciais como os *istais*, *insalsas* e o respectivo mastro, onde se basifica a vela tipo *bastardo*.

Este tipo de embarcação que está surgindo tem aprovado o seu uso na pesca, sendo do agrado da população pesqueira.

## Canoa pesqueira e seus elementos

A estrutura da canoa pesqueira já foi definida, quando falamos do *casco* e a transformação deste em *montaria* em tópico anterior.

A canoa pesqueira tem como base estrutural o casco e este aparelhado se transforma em *montaria*. Isto ocorre quando se lhe acrescenta um par de farcas e outro de pavesos, além dos acessórios complementares que fazem da *montaria* uma canoa pesqueira<sup>17</sup>.

As dimensões de uma canoa pesqueira pouco variam, dependem do tamanho da *montaria*, que pode ter 27 a 32 palmos. Sua parte mais larga, que forma o bojo ou meio da embarcação, varia de 6 a 9 palmos de largura, sendo geralmente chamada boca da canoa,

A armação ou aparelhamento de uma *montaria* como canoa pesqueira, consiste em pequenas alterações em sua estrutura básica com a colocação do terceiro banco de proa para a popa, que é mais largo, medindo de 2,5 a 3 palmos de largura. Bem ao meio deste, é feito um orifício proporcional à grossura da base do mastro. Sob este banco está situada a *carninga*, peça de madeira plana e de grossa espessura especialmente de piquiá, com uma abertura em "U", repousada transversalmente sobre suas cavernas adaptadas ao fundo do casco da *montaria*. A *carninga* serve para embasamento e firmeza da base do mastro, que é introduzido através do orifício do terceiro banco.

Feitas estas alterações, então passa-se ao aparelhamento complementar da canoa pesqueira (Figura 27).

O *mastro* mede, geralmente, 4 metros de comprimento, e o diâmetro mede 12cm na base e vai afinando levemente em direção à ponta. Dentre outras madeiras, as preferidas para a sua feitura são a *sucupira* (*Bowdicha virliodes*) e a *tatajuba* (*Braga guianensis*).

<sup>17</sup> A respeito de outra característica da canoa pesqueira, ver Furtado (1980:230).

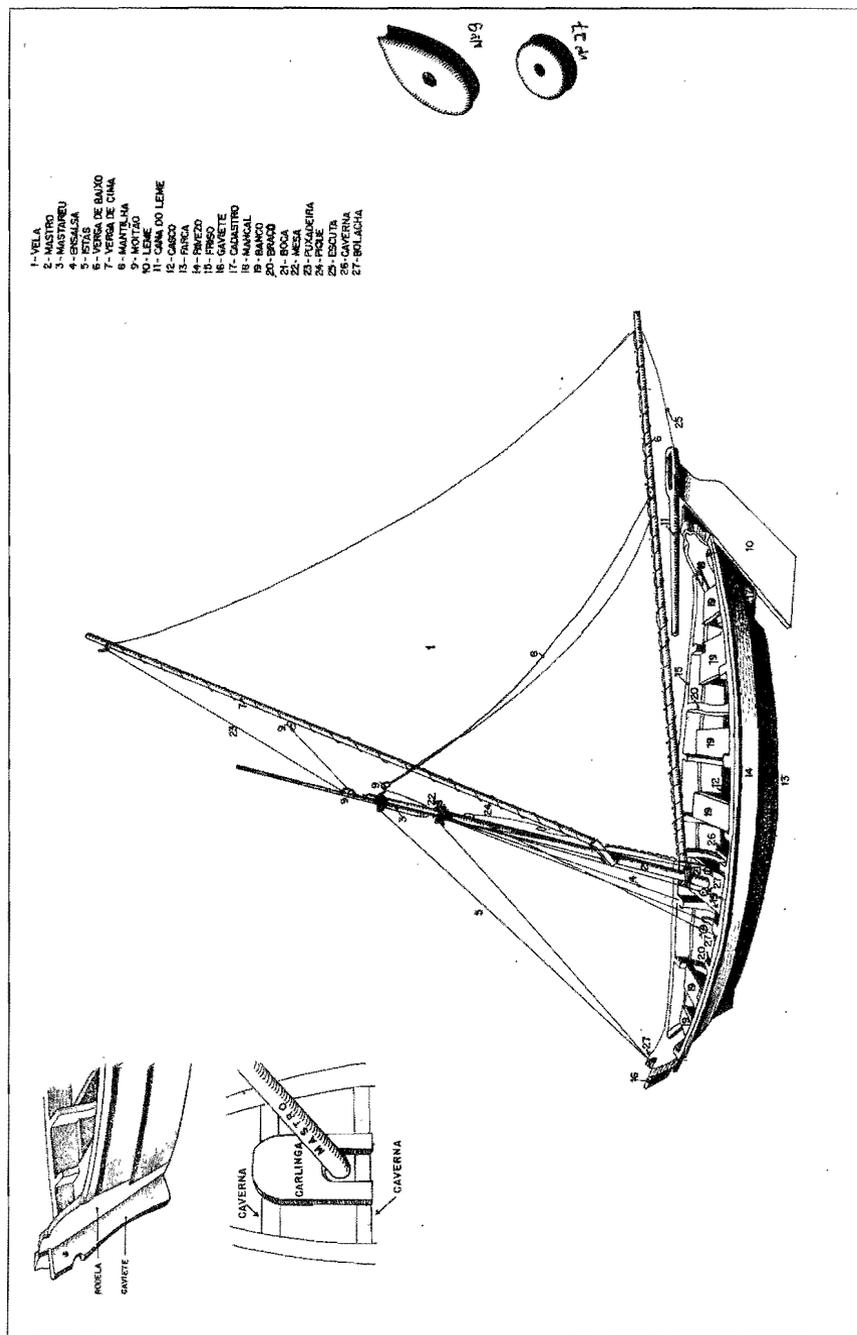


Figura 27 - Tipo de canoa pesqueira usada na região do Salgado, com todos os acessórios, inclusive detalhes do gaviete, rodela de proa, bolacha, moitão e carlinga. (In: Furtado, 1987. Desenho: G. Leite, 1983).

Vários segmentos contêm o mastro: mastro propriamente dito, que vai da base até a *mesa*, cuja altura atinge 3,30m; a mesa do mastro, que é uma peça de madeira que serve para sustentar as insalsas. Nessa altura o mastro é desbastado para ficar mais fino e aí é encaixada a mesa. A distância da mesa até a extremidade superior é de 80cm, e toma o nome de *galope*.

Nessa extremidade é adaptado o *mastaréu*, que é uma vara de madeira, torneada e fina, mais grossa na base e afinada em direção à ponta, mede 60cm de comprimento. Serve para a colocação de bandeiras (brasileira e do estado) e de suporte para o *moitão* da *puxadeira* de *verga de cima*.

Os *moitões* são peças de madeira com um ou dois orifícios, por onde deslizam os *cordoames*. A quantidade de moitões depende do tamanho da embarcação à vela. A canoa pesqueira que é de porte pequeno contém 14 moitões pequenos para o cordoame.

O mastro é firmemente colocado em posição levemente inclinada em direção à popa, nele são adaptadas 6 *insalsas*, presas na mesa do mastro com argolas ou ganchos de ferro, ficando posicionadas 3 de um lado e 3 de outro, estas insalsas são cordas de manilha. Atualmente, além de cordas de fibra vegetal, empregam as de nylon, que partem da mesa onde são presas, ficando 3 de cada lado, em direção às bordas da embarcação, amarradas no espaço que compreende o banco do mastro, nas argolas de ferro ou alças de arame trançado ou nas bolachas, equidistantes umas das outras.

As *insalsas* servem para equilibrar o mastro, não deixando que pendam para os lados. Após esta operação, são colocados os *estais*: duas cordas, uma partindo do ponto de adaptação ou fixação do *mastaréu* no *galope*, prendendo-se ao *moitão* ou argola de ferro ou na *bolacha*. Esta é uma pequena peça de madeira redonda, com um furo no centro, fixada na rodela de proa, às vezes no gaviete, bem retesado fazendo tração à proa. Da mesma maneira se procede com o segundo *estai*, que partindo da *mesa* é preso no mesmo ponto do primeiro *estai*. Sua função é a mesma do primeiro.

Algumas vezes os estais são feitos de uma única corda longa que, partindo da junção do *mastaréu* com o *galope*, passa pelo *moitão* ou *bolacha*, fixada na rodela de proa e se projeta em direção à mesa, prendendo-se bem retesado. Há proprietários de canoas pesqueiras que preferem colocar as

insalsas e os estais de arame, de regular espessura, por acharem-nos mais resistentes e de maior durabilidade. Colocados esses primeiros acessórios, passa-se a colocar os cordoames que controlam a vela como puxadeira de cima, pique, mantilha e escuta (escota).

A *puxadeira de cima*, que serve para içar e abaixar a *varga de cima*, é uma corda que se prende na extremidade dessa verga. Passa pelo moitão localizado no mastaréu ou topo do galope, voltando a passar, na altura do primeiro terço da ponta da verga de cima, por um moitão aí colocado à verga.

Descendo até sua ponta prende-se no banco de mastro.

O *pique* é a corda que eleva a verga de cima, e faz sua estabilização, não deixando deslizar para baixo. Esta corda se prende numa argola ou entalhe feito junto à boca da verga, que se adapta no mastro. Daí ela sobe, vai passar por um moitão que fica pendente da mesa do mastro, descendo e vindo prender a sua extremidade a um dos braços que ladeiam o banco do mastro.

*Mantilhas* são duas cordas que passam pelos moitões que ladeiam a verga de baixo e se prendem na extremidade desta. Projetam-se pelos lados do pano de vela, passando também pelo primeiro terço inferior da verga de cima, ficando o pano da verga entre as duas mantilhas. Passam por dois moitões presos no topo do galope, daí descem, vindo se prender na extremidade de um dos braços que ladeia o banco do mastro ou uma das argolas de ferro, ou nas alças de arame ou nas bolachas, em número de 3 para cada lado, presas nas bordas da embarcação. As mantilhas servem para amainar o pano da vela e fazer o controle do cambamento ou passagem da vela de um lado para outro, para acompanhar a direção do vento, ou quando se faz a manobra da canoa pesqueira, mudando de direção. Também têm a função de içar e baixar a verga de baixo.

*Escuta (escota)* é a corda que fica presa na metade do primeiro terço da ponta da verga de baixo. Projeta-se para passar o moitão que fica posicionado e pendente do meio da extensão da verga de baixo, cuja ponta fica presa na popa junto à cana do leme. Serve para controlar a passagem ou cambamento da vela de um lado para outro, não deixando que a vela cambe demasiadamente para os lados, isto porque, se não houver o controle de cambamento, a canoa pode naufragar. À proporção que há necessidade de a vela cambar, o piloto vai soltando a escuta até o ponto desejado para o “enfunamento” da vela, e também, para fazer retroceder a vela quando há muito vento e, ainda, para fazê-la arriar.

As vergas são duas: a verga de cima e a verga de baixo. São feitas de troncos longos de árvores *linheiro*<sup>18</sup>. As madeiras mais empregadas são as das árvores de ucuúba (*Virola surinamensis* - Miristicaceas) e do *enviveiro* (família Anonacea).

A *varga* de baixo mede entre 5,84 a 7,04m de comprimento da dimensão longitudinal da canoa pesqueira. A verga de cima, que mede entre 3,50 a 5,50m de comprimento, é um pouco menor. Quando içada dá estabilidade.

Nas extremidades mais grossas das vergas, ou seja, na parte que vem coincidir com o mastro, são colocadas as bocas das vergas. Para isso, faz-se um entalhe na parte mais grossa e adapta-se uma peça de madeira piquiá, que tenha a forma de uma forquilha, que se encaixe ao mastro. Ficando móvel, possibilita as mudanças e também o levantamento e abaixamento do pano da vela.

O *pano da vela* de uma canoa pesqueira, em geral, possui a forma triangular. É feito de pano lonado e para sua feitura são empregados 30 a 45m de tecido. O pano da vela fica preso nas vergas de cima e de baixo, por uma costura à mão que também é chamada de *entalhe de vela*, com linha americana de regular espessura. Geralmente, os panos das velas são tingidos de marrom escuro, com uma infusão feita de casco de *mangue*, murici ou tinteira, infusão esta de que já tratamos anteriormente. Há proprietários de canoas pesqueiras que preferem tingir os panos das velas, com tintas químicas nas cores verde, amarelo, azul, etc.. Todavia, este processo é pouco usual na região. Ainda como elementos da canoa pesqueira temos: o cadastro, as ferragens e o leme.

*Cadastro* é uma peça de madeira que pode ser de piquiá ou acapu ou outro tipo de madeira forte. É colocado na *rodela de popa* da embarcação. Seu comprimento é regulado pela altura da rodela, ultrapassando a esta alguns centímetros no topo, conforme as dimensões da canoa. O *cadastro* é pregado na rodela, de cima para baixo, com a face estreita chapada na tábua da rodela.

Após esta operação, vem a colocação das ferragens.

<sup>18</sup> Linheiro - termo aplicado na região, ao caule (tronco) de árvore que não contém nódulos ou galhos, é reto, sem tortuosidades.

*Ferragens* são grampos ou argolas de ferro com pinos que são introduzidos na peça de madeira, ou seja, na face externa do cadastro, à distância de 10cm um do outro e podem ser em números de 3 a 4. Nos orifícios das ferragens passa o *varão de ferro* que serve para sustentação do leme.

*Leme* é uma peça feita de madeira, dentre as preferidas destacam-se a do piquiá. Compõe-se de quatro ou mais tábuas, dispostas uma ao lado das outras, bem ajustadas, bem unidas, com suportes transversais, também de madeira piquiá. Dessa maneira se forma um pequeno tablado, que a seguir é talhado na forma convencional do leme. Os suportes transversais recebem o nome de *braço de atracação do leme*, dispostos, um no primeiro terço superior e o outro na altura do terço médio do leme. A parte do leme que se vai ajustar no cadastro chama-se *lombada*. É nesta peça que também são colocadas as ferragens semelhantes às do cadastro. Estas ferragens são colocadas de modo a se corresponderem em superposição às do cadastro, em cujos orifícios é enfiada uma peça já mencionada - o *varão de ferro* - que serve para a sustentação do leme. A parte superior mais delgada da *lombada do leme*, ou seja, a parte que extrapola a altura do cadastro na rodela de popa é rebaixada em sua volta, formando um entalhe, ao qual dão o nome de *cabeça do leme*. Nesta parte se encaixa a capa do leme.

O *leme* é um dos acessórios mais importantes da canoa pesqueira, pois esta peça é que dá o comando de direção na embarcação.

A *cana do leme* é uma peça de madeira alongada, medindo 1 a 1,5m de comprimento, dependendo do tamanho da embarcação. É mais fina e roliça numa de suas extremidades, isto é, a parte em que o piloto segura para dar comando à embarcação. A outra extremidade é larga e achatada, com uma abertura quadrangular que vai se encaixar na *cabeça do leme*, facilitando o comando da direção da rota da embarcação. A *cana do leme* tem a forma de uma agulha de costura de mão, rombuda na ponta.

*Varão do leme*, é a peça que segura o leme à embarcação. É feita de uma longa haste roliça de ferro, medindo de 1 até 2 metros (conforme o tamanho da embarcação). Uma de suas extremidades, ou seja, a que fica junto à *cabeça do leme*, é formada de um elo que serve de anteparo, para não escorregar ou sair pelos orifícios das ferragens do cadastro, proporcionando a locomoção do leme de um lado para o outro.

## ARTEFATOS DIVERSOS DA ATIVIDADE PESQUEIRA

Para completar este trabalho, apresentamos uma breve descrição de outros artefatos que fazem parte da atividade pesqueira e de seus usos no dia-a-dia.

### Draga

É um aparelho de ferro (Figura 28) semelhante a um arco de pua, feito de uma haste de ferro de regular espessura. Esta haste é dobrada na extremidade superior no comprimento de 30cm, de modo a formar um cabo, daí é dobrado em forma de um arco de 180°. No final dessa curvatura, a haste se projeta descendo o seu segmento vertical, num comprimento de 1,50 a 2,00m, em seu perímetro é colocada, de 2 em 2 palmos, uma espécie de broca em forma de hélice soldada à haste. Estas hélices podem ser na quantidade de 3 para mais, conforme a extensão da haste que não deve exceder a 2 metros. A sua extremidade inferior é arrematada por uma hélice um pouco maior.

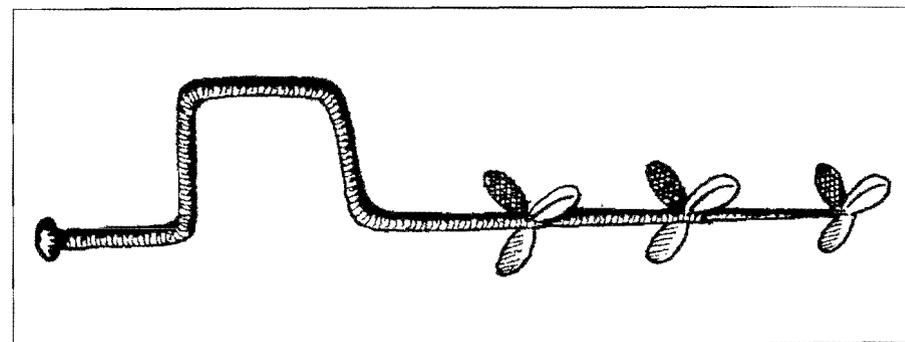


Figura 28 - Draga. Instrumento que serve para cavar buracos para a fixação de varões e moirões do curral de pesca (Desenho: G. Leite, 1983)

Este instrumento serve para escavar buracos para a fixação de *moirões* e *varões* do curral de pesca, seu manejo consiste em fazer girar a peça de encontro ao solo e as hélices vão escavando e jogando fora a terra escavada, dessa maneira facilitam a introdução dos moirões e varões.

O uso desse instrumento data dos anos 70 aos dias de hoje. Foi idealizado por um curralista de nome Maciel, residente em Marudá, desenhou o instrumento e mandou um ferreiro do local executar. O aparelho foi testado e, do seu ponto de vista sua eficiência foi satisfatória.

### Macete ou Malho

É um instrumento de madeira que serve para bater no topo dos moirões e dos barrotes, para melhor afixá-los no solo. É feito de um pedaço de madeira em forma de paralelepípedo, medindo 15x30x15cm, com um orifício no centro, onde é introduzido um cabo também de madeira, é semelhante a uma grande marreta. Também pode ser feito de um pedaço de tronco de árvore de regular grossura donde se projeta um galho fino e fácil de segurar. Corta-se um pedaço do caule (tronco) na sua conformação cilíndrica, em cujo meio deve estar afixado naturalmente o galho que servirá de cabo, medindo a parte cilíndrica 25 a 30cm de altura e 18 a 20cm de diâmetro (Figura 29).

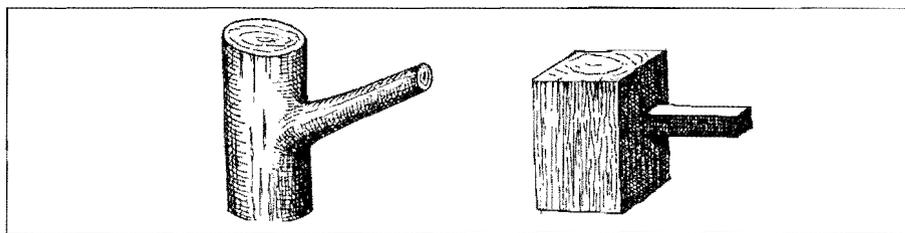


Figura 29 - Macete ou malho (Desenho: G. Leite, 1983).

### Pêra ou Cofó de Caranguejo

É uma peça trançada com a folha nova ainda fechada do “olho” da palmeira do inajazeiro ou de babaçu, que é apanhada e deixada ficar de um a dois dias para murchar. Depois é aberta e rachada ao meio. Suas tiras são justapostas em sentido contrário uma da outra para começar o trançado da boca para o fundo, arrematado com um trançado feito da própria folha de palmeira.

Serve para acondicionar caranguejo, frutas e outros trastes de pesca (Figura 30). Para o acondicionamento do caranguejo é também empregado o paneiro feito de tala de guarumã ou cipó titica.

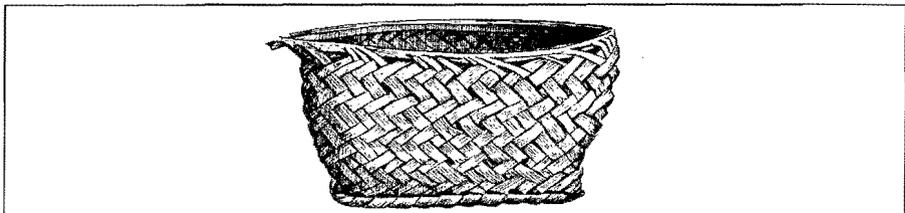


Figura 30 - Pêra ou cofó para acondicionar caranguejo, feito de folhas de palmeira (Desenho: G. Leite, 1993)

### Gancho para caranguejo

Este aparelho consiste de um pedaço de vara fina, medindo mais ou menos um metro de comprimento, nela é preso um arame de regular espessura, cuja ponta é dobrada em forma de “J” (Figura 31). Quando o caranguejo está muito adentrado no buraco, e o braço do tirador de caranguejo não o alcança, é introduzido o gancho, até alcançar o e puxa-se para fora do buraco.

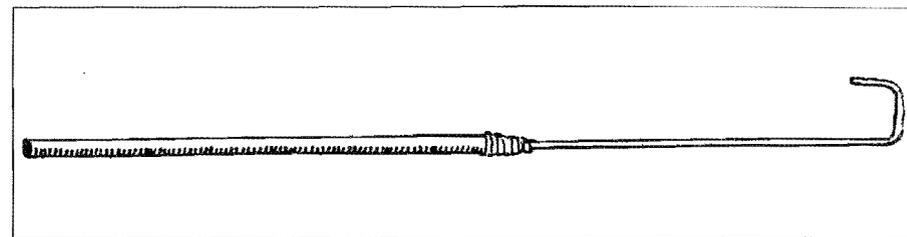


Figura 31 - Gancho para apanhar caranguejo dentro do buraco (Desenho: G. Leite, 1983)

Os tiradores de caranguejo desempenham esta atividade com o corpo untado de lama (tijuco) para evitar as ferradas de insetos hematófagos, como a mutuca (Ordem Diptera, Tabanidae) e o maruim (Ordem Diptera, Ceratopogonidae). Este mesmo gancho serve para pegar o peixe pacamã (*Pseudopimelodus alexandri*, Stein) cujo habitat são as locas de pedra nos rios de água doce e na costa marítima.

### Anzoleira

É um aparelho feito de madeira e serve para arruar as linhas de mão e a armadilha denominada espinhel ou tiradeira. Assemelha-se a um banco de jardim sem as respectivas pernas (Figura 32). Para se fazer uma anzoleira, utilizam-se 3 pares de pedaços de ripa de madeira, no comprimentos desejado, e elabora-se, com cada par, um suporte em forma de ângulo obtuso, que serve de estrutura para o aparelho. Colocados paralelamente um ao outro, à distância de dois palmos neles são pregadas ripas em sentido transversal, que vem formar a base (assento) e o espaldar (encosto). Sobre esta peça é colocada a linha do espinhel ou linha de mão bem arrumada de maneira que não se embarace ao ser posta nos locais de pesca. O pescador vai lentamente soltando a linha n'água. Ao terminar a pescaria, o pescador realiza a limpeza deste traste e processa novamente a arrumação da linha da maneira anterior.

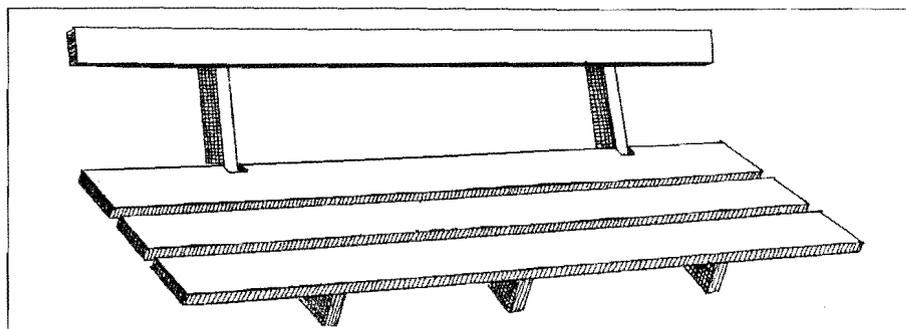


Figura 32 - Anzoleira. Aparelho que serve de depósito para as linhas de mão, espinhel ou tiradeira (Desenho: G. Leite, 1983)

### Cuité (Cuia)

É um traste muito usado na região tanto nas atividades de pesca como no uso doméstico. O fruto da cuieira (*Crescentia cujete*) é cortado ao meio com um serrote ou terçado, de suas bandas é retirada a polpa e depois raspada e posta a secar à sombra. Servem para escoar água do porão das embarcações, como recipiente para beber água e prato para alimento, além de outras utilidades. O fruto da cuieira, quando recebe apenas este tratamento simples, é denominado *cuiapitinga* (Figura 33).

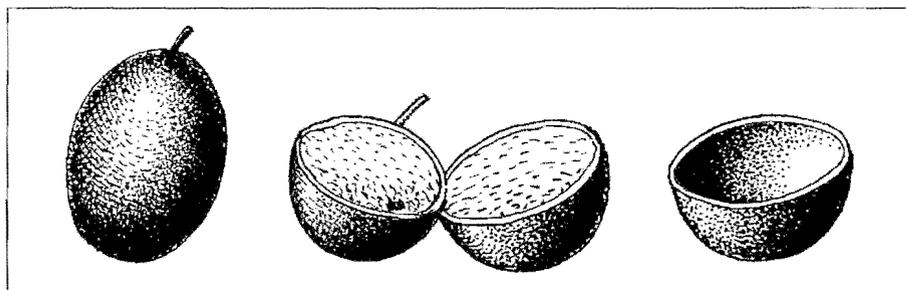


Figura 33 - Cuité (cuia), feito com fruto da cuieira (Desenho: G. Leite, 1983)

### Escoador de água

Aparelho para escoar água do porão das embarcações de pequeno porte.

É feito de uma única peça (monóxilo) de madeira, geralmente o marupá (*Simaruba amara*, Aubl.), esculpida em forma quadrada (de 15x20cm),

escavada no centro, deixando no fundo e nas paredes laterais um reborbo de 4 a 5cm, formando um pequeno declive até se confundir com o plano de frente. Na parte do fundo é desbastada a madeira, de modo a formar um cabo. Este aparelho se assemelha a um apanhador de lixo de uso doméstico (Figura 34).

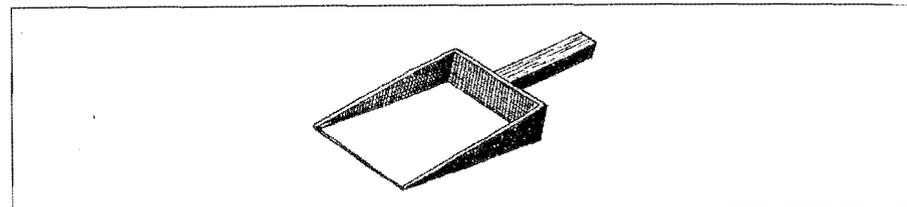


Figura 34 - Escoador de água, feito em madeira branca (Desenho: G. Leite, 1983)

### Moquém

É um tipo de traste eventual, serve para desidratar o peixe ao calor do fogo. Consiste em se apanhar algumas pedras de regular tamanho e alinhá-las em duas filas paralelas, distanciadas uma da outra num espaço de um metro para mais, conforme a quantidade de peixe a ser *moqueado*. No espaço livre delimitado pelas mesmas acende-se uma fogueira, deixando-se arder até que a madeira se transforme em brasas. Nesse espaço de tempo, corta-se certa quantidade de varetas de qualquer arbusto, tirando-se os galhos e folhas das mesmas, deitam-se transversalmente sobre as filas de pedras que servem de suportes às mesmas, formando um pequeno *jirau* sobre as brasas, numa altura do chão de mais ou menos 45cm. Sobre este jirau ou moquém de varas verdes, colocam-se ou peixes e serem moqueados. Também o moquém pode ser feito de outras duas maneiras (Figura 35).

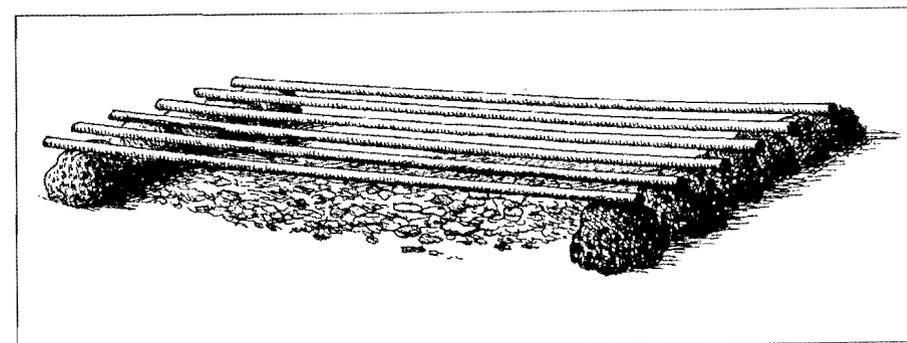


Figura 35 - Moquém com estivas sobre pedras

Cortam-se quatro forquilhas de árvores arbustivas, dispostas da seguinte maneira: enterram-se as quatro forquilhas, isto é, os cabos, até uma altura de 30 a 40cm do chão, de modo a se corresponderem as suas aberturas em “V”, distanciadas frontalmente uma da outra uns 50cm, de largura. feito isto, atravessam-se duas varas verdes uma de cada lado, em cujas aberturas em “V” as suportam, formando traves, a uma distância de um metro para mais (conforme a quantidade de peixe a ser moqueado) daí atravessam-se as varinhas verdes formando um jirau, como o já descrito no tipo anterior de moquém (Figura 36).

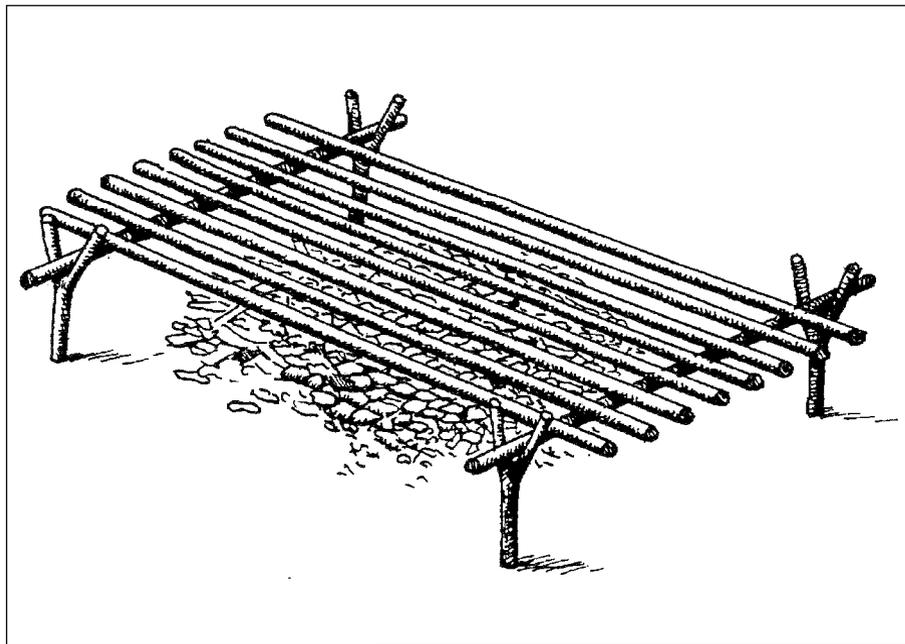


Figura 36 - Moquém tipo jirau (Desenho: G. Leite, 1983).

Além desses dois tipos de moquém, existe um terceiro que é o mais simples. Escolhe-se uma pequena área de terreno, cava-se um buraco retangular de mais ou menos 50cm de largura, com 1m de comprimento e 30 a 40cm de profundidade. Enche-se esta cavidade de lenha (galhos secos) e ateia-se fogo. Quando a lenha se transforma em brasas, atravessa-se espaçadamente as varinhas de madeira verde, na abertura do buraco, formando uma estiva e aí deitam os peixes para moquear (Figura 37).

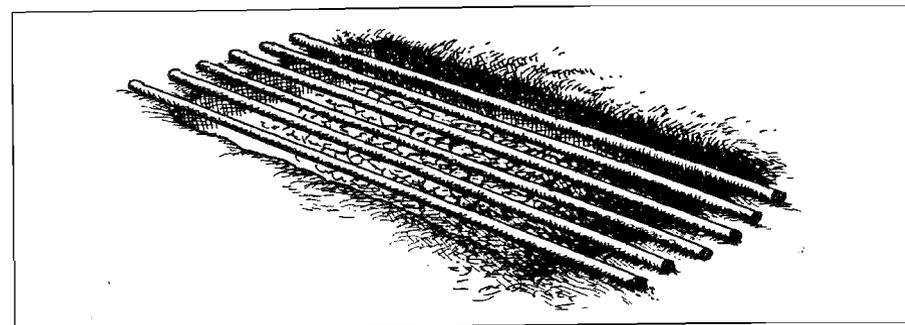


Figura 37 - Moquém escavado no solo (Desenho: G. Leite, 1983)

### Jirau ou Tendal

É um aparelho que, dentre outras utilidades, serve para a secagem do peixe salgado.

Cortam-se quatro a seis varas de madeira verde com forquilhas de tamanho regular, cujo comprimento oscila entre 2 a 2,5m, escolhe-se uma área do terreno onde a insolação seja constante durante o dia. No espaço quadrangular do terreno se enterram as forquilhas a uma altura regular (em geral até 1,60m), de modo que fiquem paralelas e que suas aberturas (das forquilhas) se correspondam igualmente. Estas forquilhas distam uma da outra na largura de 2m e, longitudinalmente de 3 a 4m. Feita a estrutura, coloca-se as varas transversais no sentido da largura de uma forquilha a outra, formando travessões, daí deitam-se diversas varas ou achas de açazeiros ou paxiúba, atravessadas ao longo da extensão pretendida do jirau ou tendal. Há os que preferem aproveitar algum módulo de esteiras ou *pari*, quando existe algum no momento.

Pronto o aparelho, os peixes retalhados e salgados são colocados para secarem ao sol. Furtado & Nascimento (1982:22) assim se referem a este aparelho: “... vai ao atual - uma espécie de coradouro onde sobre o estrado são dispostos os peixes para a secagem ao sol cotidianamente...” (Figura 38).

### Salgadeira

Sobre a salgadeira, as mesmas autoras (ibidem) se referem em nota de rodapé “barraca construída sobre esteios a mais ou menos 1 metro de altura do solo, onde se desenvolve a maior parte dos trabalhos de salga e secagem...” (Furtado & Nascimento 1982).

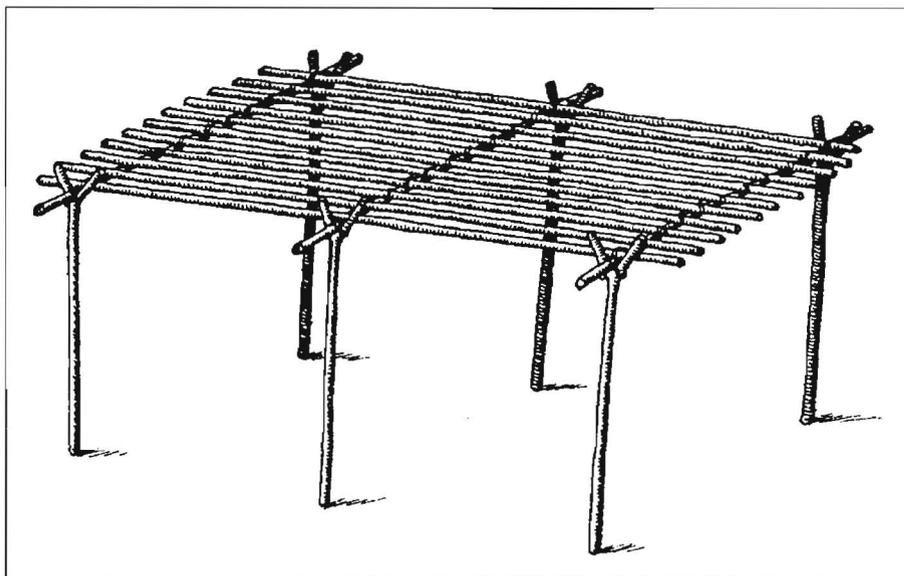


Figura 38 - Jirau ou tendal para secagem de peixes (Desenho: G. Leite, 1983)

Quando falamos das habitações, já aludimos ligeiramente à salgadeira que será aqui descrita mais detalhadamente.

Há pescadores que fazem uma dependência (puxada) anexa à sua casa de moradia, destinada ao retalhamento do peixe e à salga deste, inclusive o armazenamento em pilha do pescado. É uma dependência espaçosa com duas áreas amplas na frente e no fundo, assoalhada com achas de açazeiro ou de paxiúba e, às vezes, tábuas e algumas com piso de cimento. Ai se elabora o retalhamento ou lanhação do peixe (Fotos 9 e 10).

Outros preferem fazer uma pequena barraca, de duas e meia águas, separada da casa de moradia, destinada ao retalhamento, salga e acondicionamento do peixe após a secagem ao sol, até o momento de ser conduzido para a comercialização.

As *salgadeiras*, quando separadas da moradia, são semelhantes ao arcabouço comum das moradias, sem divisão interna, com paredes laterais ou não. Levantam um soalho 45 ou 50cm, acima do chão, com tábuas ou achas longas de açazeiro ou paxiúba, colocadas esparsamente para facilitar o escoamento do sangue do peixe e da salmoura.



Foto 9 - Pescadores da comunidade de Tamaruteua, retalhando e salgando peixes numa salgadeira (Foto: Lourdes Furtado, 1976)



Foto 10 - Detalhes de uma salgadeira (foto: Janduari Simões, 1976)

### Cesto (tipo panela) para carregar peixe

Pode ser feito de tala de guarumã ou arumã (*schonosishon ovatos*, Koern) ou cipó titica (*Heteropsis jeumanu*, Oliveira). Iniciado pelo fundo em trançado sextavado (hexagonal), arrematado na boca arredondada e reforçada com um aro de cipó preso à própria tala. Às vezes é colocado um par de alças, feito da própria tala ou cipó, para facilitar o transporte.

O pescador geralmente prefere cesto, feito de cipó titica por oferecer mais resistência e durabilidade. Sua utilização não se limita a carregar peixe. Afora esta, serve para carregar frutos e alfaías domésticas e, ainda, quando emborcado, prender pintos ou outros animais (Figura 39).



Figura 39 - Cesto de cipó para carregar peixes (In: Furtado, 1987. Desenho: G. Leite, 1983).

### Remo (espatular)

O remo é uma peça essencial para as embarcações tipo *casco* ou *montaria*.

É feito de uma única peça (monóxilo) de madeira que pode ser, dentre as preferidas, de marupá, acapu ou sucupira.

Para elaborá-lo, os fabricantes se utilizam de uma tábua grossa de madeira bastante larga, onde entalham o remo, constituído de pá, cabo e *guarda-mão*.

Do guarda-mão, que é a parte onde se pousa a mão para manejá-lo, sai o cabo, roliço e medindo em geral 40 a 50cm.

Nesta altura, se alarga reformando a pá que tem a forma espatulada, larga e arredondada na sua parte inferior. Nas regiões de água doce, a pá do remo tem

a forma oval ou redonda. O seu comprimento total mede de 80 a 90cm. Dada a forma do remo, a pá é aplainada para ficar bem lisa e de espessura uniforme, assim como, é grosado o cabo para ficar liso e roliço e igualmente o acabamento do guarda-mão (Figura 40).

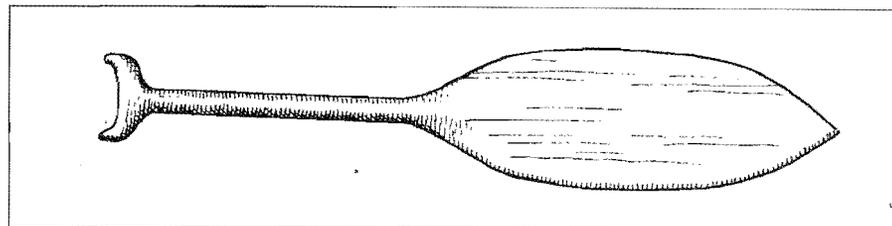


Figura 40 - Remo (Desenho: G. Leite, 1983)

### Remo espatular (de faia)

A sua elaboração é idêntica ao remo comum, apenas modificada no seu aspecto, que tem a forma de uma longa espátula, terminada em forma arredondada ou retilínea (Figura 41). Da sua pá espatulada na parte superior sai o cabo cujo comprimento mede de 1,50 a 2m, é de regular grossura e roliço, terminado abruptamente sem o guarda-mão na sua extremidade. É feito de uma única peça de madeira, das mesmas espécies acima mencionadas na elaboração do remo comum. É empregado para impulsionar as *montarias*, *reboques* e *canoas pesqueiras*, seu manejo difere do remo comum. Coloca-se na altura da borda da embarcação uma forquilha para ficar firme. A abertura da forquilha fica à altura da borda, onde é colocado o cabo do remo de faia, ficando o remador sentado de costas para a proa, manejando-o, dando impulso à embarcação.

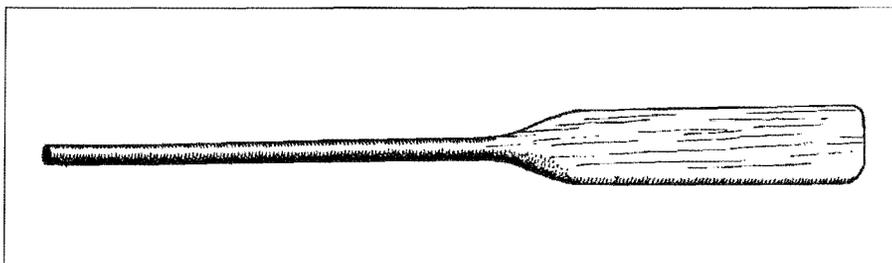


Figura 41 - Remo de faia (Desenho: G. Leite, 1983)

### Máquina de aparelhar talas para elaboração do pari

Este aparelho é feito de 7 esteios e 4 travessões de madeira. Geralmente o pescador procura fazê-lo junto a uma árvore onde possa fixá-lo da seguinte maneira: apanha primeiramente 3 esteios de regular espessura e finca-os no solo em posição vertical, em linhas paralelas e equidistantes, meia braça um do outro, de modo que um deles fique rente à árvore. Atracando-o com duas vigas que vêm servir de travessões, sendo que o primeiro travessão é colocado nas extremidades superiores dos esteios e o segundo fica à altura mediana dos mesmos, de modo que suas extremidades venham pousar no caule da árvore, onde são pregados dando firmeza aos esteios. O esteio central deve ser de madeira forte.

Geralmente é empregado o acapu e piquiá que são desbastados de modo a formar um gume afiado, um pouco acima do segundo travessão. Este gume funciona como lâmina desbastadora da peça a ser preparada, que pode ser uma vara de bambu ou acha de tucumã ou arajá.

A partir dos 3 primeiros esteios, na direção dos fundos, são colocados outros 4 em posição vertical, dispostos 2 a 2, paralelos e equidistantes entre si, atracados cada par com um travessão correspondendo à altura mediana dos 3 primeiros esteios. Servem de anteparo para as talas não vergarem e se partirem, à proporção que avançam na direção do fundo do aparelho. A altura dos travessões corresponde à da cintura do pescador; não é, porém, uma medida rígida.

Para desenvolver este processo, o pescador apanhar a vara de bambu, se for o caso, e dá dois golpes em forma de cruz numa de suas extremidades. Em seguida ajusta a extremidade golpeada ao gume feito no esteio central do aparelho e pressiona rachando-o ao meio (Figura 42).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi visto neste artigo, este é o conjunto instrumental que o pescador “artesanal” do litoral do Pará, no trecho da Costa de Marapanim, utiliza diariamente na sua faina pesqueira, em busca de subsistência. Aparentemente se configura como uma tecnologia “atrasada”, “rudimentar”, “obsoleta”, como com freqüência ouvimos no discursos de certas categorias profissionais ou até mesmo no da população que vive nos centros urbanos.

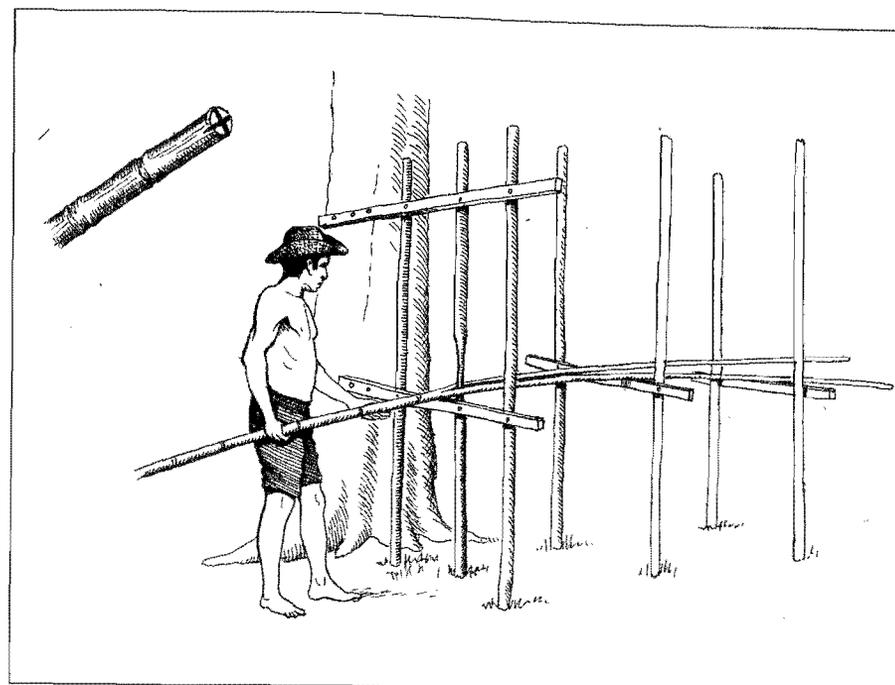


Figura 42 - Máquina para aparelhar talas para o pari (In: Furtado, 1987. Desenho: G. Leite, 1983).

Essa imagem, todavia, revela-se falsa quando mergulhamos no universo do pescador, no que diz respeito à área da população e da comercialização para um mercado em constante e crescente demanda. Não obstante a pretensa “rudimentariedade” desse instrumental, é com ele que o pescador abastece o mercado consumidor. Não é a pesca industrial, ou seja, aquela praticada pelas empresas pesqueiras sediadas nos grandes centros como Belém, Manaus, Santarém, Macapá e outros, que flui da pesca artesanal com essa tecnologia simples empregada e que aqui procuramos enfatizar. Sua eficácia, portanto, torna-se evidente na medida em que ela é capaz de atender à demanda local.

O meio ambiente exerce um papel relevante na cultura material do segmento social estudado. Além da fauna ictiológica, através da flora ele se integra na vida social do grupo de pescadores, colaborando no processo de reprodução material e social dos indivíduos. A preservação desse meio ambiente é crucial para assegurar esse processo vital, de modo a dar condições

para que a população possa ter assegurada sua tecnologia, ainda que simples, mas eficaz em sua finalidade, ou seja, a sua própria subsistência e o abastecimento de centros consumidores que lhe são dependentes nesse mister.

As perdas ou diminuição do uso de certos artefatos e as substituições de uns por outros na região enfocada expressam essa desarticulação entre o homem e seu meio ambiente imediato que vai sendo provocado por fatores que, num sentido amplo, desencadeiam mudanças que não só alteram o sistema adaptativo (relação homem e meio), mas sobretudo e mais imediatamente, o ecossistema.

Há que pensar, então, na preservação da memória cultural desse segmento social, tendo em vista a garantia, por parte dessa população regional, da tecnologia que por anos lhe serve de suporte.

## GLOSSÁRIO

**Acresce** - Carreira de meias-malhas, intercaladas nos panos de tarrafa, dando condições de abertura para a panagem de malhas de tarrafa.

**Agulha de tecer redes de pesca** - Instrumento de madeira com gancho próprio para fazer obras de malhas, etc.

**Barbela** - Extremidade farpada do anzol.

**Barraca** - Choupana; abrigo para pescadores e material de pesca, próxima da orla marítima (praia) ou margens de rios.

**Bitola ou Malheiro** - Instrumento usado pelos pescadores que serve de medida padrão para tecer malhas das redes de pesca.

**Bóia** - Corpo flutuante para indicar o caminho aos navios ou lugar de ancoradouros. Reg. Norte: corpo flutuante adaptado às redes de pesca para assinalar o local onde foram colocadas; pedaços de cortiça ou de isopor que se adapta às redes de pesca para não afundarem.

**Cabeça de tarrafa** - Parte superior mais estreita da tarrafa onde se prende um cabo, corda ou linhote delgado para segurar e jogar a tarrafa em lance.

**Cabeça de malha** - Conjunto das malhas iniciais da tecedura das redes de malha para pesca.

**Cacuri** - Instrumento de pesca cilíndrico cônico, feito de talas, tapagem ou curral de peixe.

**Caíca** - Denominação atribuída a uma espécie de tainha (*Mugil* sp.) de porte pequeno, também conhecida na região do Salgado como pratiqueira ou caíca.

**Caiqueira** - Rede de pesca de malhas pequenas para pescar caíca.

**Calão** - Pedaco de pau ou vara, roliço nas extremidades, no qual se levam os objetos que se devem transportar ao ombro; vara curta que se amarra de cada lado da rede de lancear.

**Cambito** - Gancho de madeira, duplo, que serve para prender ou fixar a orla da rede de malha e as linhas de espinhel para pegar a "cutuca".

**Capões (Capão)** - Bosques isolados no meio do campo; moitas grandes de quaisquer plantas; capão de pitangueira, por exemplo.

**Capoeira** - vegetação secundária; nasce e cresce nos locais onde a mata original foi derrubada e queimada; mato fino, que cresce no lugar do virgem; terreno onde se fazem roçados periodicamente, razão por que a vegetação é quase toda de arbustos e ervas.

**Carninga** - Peça de madeira ou de metal, presa à guilha, com uma abertura quadrangular no centro, na qual se encaixa o pé do mastro da embarcação.

**Chumbada** - Pedacos de chumbo aplicados junto ao anzol ou nas bordas das redes de pesca, para irem ao fundo.

**Chumbadeira ou Chumbeira** - Pedacos de chumbos aplicados de espaço a espaço, na tralha inferior da rede de pesca, para afundá-la.

**Cobrição** - A fase de prender as esteiras ou pari de talas nos moirões e varões da estrutura do curral de pesca, dando-lhe a forma característica.

**Corda de puxar** - Cabos delgados de fibras vegetais ou sintéticas, unidos e torcidos uns sobre os outros. A corda se enfia acompanhando a talha, nas malhas da orla de determinadas redes de pesca, para abri-las ou fechá-las.

**Croa-de-praia** - A parte mais alta das areias de praia, acima do nível das águas.

**Croas-de-areias** - Areias da praia que, na baixa-mar, ficam quase à superfície ou se descobrem completamente.

**Cuiapitinga** - Cuia de cor clara.

**Cuieté** - Cuia verdadeira.

**Cutuca** - Espécie de enguia. Conhecida também como amoré, moreira, etc. Peixe da família dos Gobiidae.

**Desemalhar** - Ato de tirar o peixe das malhas da rede de pesca; desembaraçar o peixe das malhas; desmanchar as malhas.

**Despescar** - Ação ou fato de despescar; colher com a rede ou com tarrafa os peixes dos açudes, viveiros ou currais; ato de retirar os peixes apressados nos currais de pesca.

**Embira ou Envira** - Fibra liberiana de alguns vegetais que serve como cordéis para atados e que, convenientemente preparada, fornece matéria-prima para cordas e estopas.

**Entralhamento** - Armação de redes em cabos à superfície da água; ato de colocar cabo ou fio delgado, por entre as malhas da orla das redes de pesca.

**Entralhar** - Tecer as tralhas de enredar, entalhar, prender.

**Entralhe ou corda de entralhe** - Entralho, fio ou cabo delgado com que se cose a rede de pesca à tralha; fio ou cabo delgado, com que se liga o chumbo e a cortiça às redes de pesca.

**Encala** - Linha com que se prende o fio ou cabo delgado, introduzido nas malhas da orla das redes de pesca.

**Encalamento** - Ato de prender a encala.

**Entrecasca** - Tecido vegetal, entre o córtex e o lenho.

**Estrovado** - Anzol preso, amarrado pela parte da cabeça (palheta).

**Estrovamento** - Ato ou efeito de estrovar: embaraço; impedimento; obstáculo; ato de atar o anzol junto à cabeça (palheta), a fim de que não se solte ou para o peixe não cortá-lo neste ponto.

**Farca** - Falca, toro de madeira falquiado, com quatro faces retangulares; tabuão para alterar a borda do barco; amurada; porta na borda de uma embarcação.

**Feitoria** - Lugar à margem de rio ou lago, onde se salga o peixe; espaço roçado e limpo de mato, onde o pessoal empregado, em qualquer trabalho, pernoita e arrecada mantimentos, roupas, guarda os víveres e mais objetos; pequena habitação à margem do rio, ribeiro ou lago, onde vivem os pescadores.

**Friso** - Faixa para a divisão ou ornamentação de uma superfície de parede; geralmente na parte superior; qualquer ornato em forma de friso; filete; ornato ou friso.

**Garrancho** - Galho de árvore ou arbusto; ramo tortuoso de árvore; graveto.

**Gaviete** - Peça à proa da embarcação para suspender objetos pesados que estejam no fundo do mar; espécie de alavanca para suspender a âncora.

**Geleira** - Embarcação de vela, semelhante à vigilenga, destinada exclusivamente ao transporte do peixe, adquirido em vários centros de pesca.

**Jacumã (Amazonas)** - Remo indígena, em forma de pá; governo de uma canoa com um remo de mão em uma das extremidades, proa ou popa.

**Jirau** - Estrado de vara sobre forquilhas cravadas no chão, que serve para guardar panelas, pratos, legumes, etc.; armação de madeira sobre a qual se edificam casas para evitar a água e a umidade; cama de varas.

**Lavrado (Reg. Marajó)** - Campo extenso a perder de vista, sem vegetação ou raras árvores.

**Linhote, punho ou corda** - Fio ou cabo delgado, longo, com que se amarra a extremidade superior da tarrafa, para jogá-la e segurá-la.

**Loca** - Esconderijo de peixe sob uma pedra debaixo d'água; furna; toca subaquática; lapa, gruta pequena.

**Malhas-mestras** - As primeiras malhas que dão origem e orientam a tecedura das redes de malhas para pegar peixe.

**Mangal ou manguezal** - Terreno pantanoso das margens das lagoas, portos, desaguadouros dos rios, onde em geral, vegeta o mangue (planta).

**Mestre carapina** - Mestre de obras de carpintaria; aquele que dirige os operários numa construção de madeira.

**Moitão** - Caixa de madeira ou metal em forma de elipse, contendo uma ou mais roldanas, provida de gancho ou olhal, pelo qual pode ser fixado; é usado para transmitir força ou alterar a direção de um movimento mediante cabos ou cadeias, correntes que passam ao redor das roldanas; náutica: moitão por onde passa o cabo, a fim de ser alado em sentido vertical ou horizontal.

**Moqueado** - Assado ao moquém.

**Moquear** - Assar a carne no moquém; sapecar (a carne); secar a carne ou peixe no moquém para conservar.

**Moquém** - Grelha alta de varas, para assar ou secar peixe ou carne

**Pari** - Gradeado feito de fasquias de madeira, de preferência de talos; espique de palmeira paxiúba, injá ou outra espécie de palmeira de que se possa tirar a tala, amarrada com cipó, com que se barram a boca dos lagos ou dos igarapés para impedir a saída do peixe, ou com que se constroem os currais e cacuris. Rarytyca, paru ytica (Nheengatú) pescaria do pari, quem pesca por meio de tapagem.

**Paveso** - Pavês. Escudo grande e largo que cobria todo o corpo do soldado; (Náutico). Armação de madeira para resguardo da tripulação de uma embarcação.

**Piracema** - Cardume de peixe.

**Pontalete** - Escora de madeira; espeque.

**Puçá** - Espécie de peneira de pescar camarões, pitus, siris, etc.; saco afunilado de malhas estreitas, para apanhar o peixe fígado; jereré, acepção; fruto do puçazeiro.

**Rebolado ou rebolado de mata** - Área ocupada por uma só espécie de plantas nativas; grupo de árvores ou de vegetação arbustiva que se destaca em um campo ou mata; touca; moita.

**Rede de malhar** - Aparelho de pesca feito com fio que forma malhas mais ou menos largas, que deixa passar água e retém os peixes.

**Tapiti-papiri** - Abrigo provisório feito de uma ligeira cobertura de folhas de palmeira, debaixo do qual podem agasalhar-se, ao reparo da chuva, um número determinado de pessoas. Pipiri é como dizem no Rio Negro e Baixo Amazonas; Tapiti no Solimões, onde se chama também, taperi.

**Tarrafeio** - Tarrafear. Pesca com tarrafa.

**Tejupá** - Tijupá. Cabana de índio menor que a oca; palhoça com duas vertentes que tocam ao chão e na qual se abrigam trabalhadores; feitorias; choupana; rancho; tolda de canoa. (Variação e formas paralelas: tajupá, tajipar, tejupaba, tujupar, tiupá).

**Tenso** - Estendido com força, esticado, retesado, muito aplicado; pequeno fio que faz parte da chumbeira; (Reg. Norte) Linha que sustenta a orla da tarrafa dobrada para o lado interno que forma o saco, preso ao corpo da tarrafa.

**Tijuco** - Lama deixada pela decantação das marés na orla marítima ou embocadura dos rios; atoleiro; tijucal; depósito argiloso de partículas muito finas, de coloração cinza-escuro ou mesmo esverdeada, muito pegajoso, escorregadio e com acentuado odor fétido semelhante a ovos podres, devido ao gás sulfídrico que contém.

**Timão** - Náutica. Barra do leme; roda do leme.

**Tiradeira** - Aquela que tira; linha de pesca com muitos anzóis; espinhel.

**Tora** - Grande tronco de madeira cortada; pedaço de alguma coisa.

**Traste** - Peça do uso doméstico; alfaia; móvel ou utensílio velho de pouco valor; Traste - qualquer utensílio usado na pesca.

**Tronco** - Caule lenhoso e ramificado das árvores: (Anat.) Parte mais grossa do corpo humano e de outros animais, excluindo-se a cabeça e os membros; (Hist.) Pau fincado no chão, ao qual se amarravam os escravos para surrar em praça pública.

**Vela bastardo** - Naut. Cabo de atracar vergas nos mastros; vela triangular de pequenas embarcações; antiga vela triangular; certo cabo náutico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. 1979. *Folclore na região do Salgado - Pará; tereses na alimentação, profissões ribeirinhas*. São Paulo, Escola de Folclore.
- ALVAR, J. & ALVAR, J. 1979. *Guaraqueçaba; mar e mato*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, v.1 e 2.
- ALBUQUERQUE, O.A. 1961. *Notícias sobre a economia pesqueira da Amazônia*. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola (Série Estudos Brasileiros).
- SILVA, A.B. 1966. Canoieiros e pescadores. *A Folha do Norte*. Belém, 15 jan.
- BRABO, M.J.C. 1979. Palmiteiros de Muaná; estudos sobre o processo de produção do beneficiamento do açaizeiro. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, nova sér. Antropol.* Belém, (73):1-29.
- BRABO, M.J.C. 1981. Pescadores, geleiros, fazendeiros; os conflitos da pesca em Cachoeiro do Arari. Nota prévia. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, nova sér. Antropol.* Belém, (77):1-22.
- BRABO, M.J.C. 1979. Os roceiros de Muaná. *Publ. Avulsa Mus. Para. Emilio Goeldi*. Belém, (32): 1-68. il.
- BRITO, R.C.C. et al. 1975. *A pesca empresarial no Pará*. Belém, IDESP (Monografia, 20).
- CÂMARA CASCUDO, L. 1954. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 2v. il.
- COSTA, C. 1962. *Botânica: Curso Colegial*. São Paulo, Ed. Brasil (Série Colegial, 13).
- DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 1980. São Paulo, Companhia de Melhoramento de São Paulo, Indústria de Papel. 4 ed. v. 1 e 2.
- FERREIRA, A.B.H. 1980. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. 11ed. Rio de Janeiro, Gama/Civilização Brasileira.
- FERREIRA, A.B.H. 1980. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira
- IBGE. 1977. *Geografia do Brasil; Região Norte*, v. 1. Rio de Janeiro, il.
- FURTADO, L.G. 1970. Aspectos históricos e econômicos de Marapanim; nordeste paraense. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, nova sér. Antropol.* Belém, (74):1-29. il.
- FURTADO, L.G. 1987. *Curralistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi, 366p.
- FURTADO, L.G. 1981. Pesca Artesanal: um delimitamento de sua história no Pará. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, nova sér. Antropol.* Belém, (79):1-50.
- FURTADO, L.G. & NASCIMENTO, I.H. 1982. Pescadores de linha no litoral paraense; uma contribuição aos estudos de Campesinato na Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, nova sér. Antropol.* Belém, (82):1-49.
- GALVÃO, E. 1979. *Encontro de Sociedades; índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e terra (Coleção Estudos Brasileiros, 29).

- GUERRA, A.T. 1975. *Dicionário Geológico-Geomorfológico*, 4. ed.. Rio de Janeiro, IBGE, 439p. il. (Biblioteca Geográfica Brasileira Ser. A., 21).
- HURLEY, H.J. 1933. *No domínio das Águas - livro de pescadores paraenses: história da pesca no Pará*. Belém, Escola Profissional.
- LOUREIRO, V.R. 1985. *Os Parceiros do Mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia*. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi.
- MACHADO, A.M. 1958. *Dicionário Ilustrado - Urupês*. 4 ed. São Paulo, Livro Básico, v. 1 e 3.
- MARQUES, L.A.B. 1980. O pescador artesanal do Sul. Rio de Janeiro, MEC/Instituto Nacional do Folclore.
- MAUÉS, M.A.M. 1980. Literatura oficial sobre a pesca na Amazônia: uma tentativa de revisão crítica. In: ENCONTRO DO GRUPO AGRICULTURA DA AMAZÔNIA DO PIPSA, 5. Rio de Janeiro. mimeografado.
- MELLO, A.F. 1985. *A Pesca sob o Capital: a tecnologia a serviço da dominação*. Belém, UFPA.
- MENDES, A.J. 1938. *As pescarias amazônicas e a piscicultura no Brasil*. São Paulo, Record.
- MENDRAS, H. 1978. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro, Zahar (Biblioteca de Ciências Sociais).
- MESCHIKAT, A. 1958. *As malhadeiras de pesca*. Belém, SPEVEA.
- OLIVEIRA, H. M. 1968. *Dicionário Ilustrado*. 2. ed. São Paulo, Edigraf, v. 1-3.
- PENNER, M.E.S. 1984. *A dialética da atividade pesqueira no nordeste amazônico*. Belém, Universidade Federal do Pará, 158p.
- SILVA, A. B.A. 1962. *A Civilização Indígena do Uapés*. São Paulo, Centro de Pesquisa de Iaretê/Missão Salesiana do Rio Negro, 439p.
- SILVEIRA, I.M. 1979. Quatipuru: agricultores pescadores e coletores em uma vila amazônica. *Publ. Avuls. Mus. Para. Emilio Goeldi*. Belém, (34). il.
- SILVEIRA, I.M. 1979. Forma de aviamento num povoamento pesqueiro da Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, nova sér. Antropol.* Belém, (74):1-24. il.
- SCHULTZ, A.R. 1961. *Instrução ao Estudo da Botânica Sistemática*. 3 ed. Rio de Janeiro, Globo, 2v.
- STRADELLI, C.E. 1929. Vocabulário da língua geral portugez-nheêngatú e dheêngatú-portugez, precedido de um esboço de gramática dheêngatú-sáua mirie seguidos de contos em língua geral dheêngatú porandua. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras. Rio de Janeiro*, t. 104, v. 158.
- SUDAM. 1969. *Glossário de Pesca - Inglês - Português*. Belém.
- VERÍSSIMO, J. 1985. *Pesca na Amazônia*. Rio de Janeiro, Livro clássico de Alves (Monografia Brasileira, 3).